

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA
PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE E AMBIENTE**

MANSIDÃO DE FOGO:

**UM ESTUDO ETNOPSICOLÓGICO DO COMPORTAMENTO
ALCOÓLICO ENTRE OS ÍNDIOS BORORO DE MERURI, MATO
GROSSO**

MANUEL IGNACIO QUILES

Orientadora: Dra. EDIR PINA DE BARROS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ambiente (Área Saúde e Sociedade), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.

**Versão revisada
Cuiabá, Março de 2000.**

ÍNDICE

	Página
Introdução	01
Capítulo I - Referências Teórico-Metodológicas e o Objeto de Estudo	05
1.1. Alcoolismo, um Conceito Médico (E Etnocêntrico)	05
1.2. As Pesquisas Sócio-Culturais	11
1.2.1. Lazer e Violência	19
1.3. Conceitos e Pesquisas em Etnopsicologia	22
...1.4. Objeto de Estudo e Metodologia	33
1.4.1. Objeto de Estudo	38
1.4.2. Metodologia	39
1.4.3. A Pesquisa	43
Capítulo II - O Comportamento Manifesto e seu Contexto	46
2.1. O Contexto Geográfico e Cultural	46
2.2. O Comportamento Alcoólico	58
2.3. História da "Pacificação"	66
...2.4. O Processo de "Amansamento" e a Missão Salesiana	82
Capítulo III - Instituições e Personalidade :	
Interpretação Etnopsicológica do Comportamento Alcoólico	99
3.1. O Clima Emocional da Aldeia	99
3.2. Traços da Personalidade Básica	102
...3.3. Animados Funerais	112
3.4. Mansidão de Fogo	119
Conclusões	136
Referências Bibliográficas	139
Mapas	
Mapa I-Localização da Sociedade Indígena Bororo na América do Sul e MT	47
Mapa II - Território Histórico e Atual dos Bororo	48
Mapa III - Localização das Áreas Indígenas Bororo nos Municípios de MT	49
Anexo	
Teste Psicológico	143

DEDICATÓRIA

Ao meu pai e minha mãe,
que com tanta paciência me esperaram
até terminar este estudo.

Aos meus amigos,
especialmente Bárbara e Mari Gema,
que me acompanharam de perto.

À minha orientadora, Edir,
que me pôs este tema nas mãos
e confiou amplamente em mim.

Ao Me. Mário Bordignon e à Renate B. Viertler,
fontes inesgotáveis de informação,
companheiros e guias em todos os momentos

À Dora, índia Bororo,
informante, amiga, pessoa extraordinária,
e através dela, à Rosita e sua família,
que tão carinhosamente me acolheram.

À todos os índios Bororo,
que tanto me deram e a quem tão pouco dei.

À minha gata Penélope,
que me acompanhou todos os dias que escrevi,
e me esperou todas as vezes que viajei.

À Deus,
fonte das fontes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à CAPES, pela concessão de bolsa de estudo, que permitiu me dedicar em tempo integral e terminar no prazo dos dois anos.

Agradeço à Maria Inês da Silva Barbosa e Maria Clara Weiss, pelas sugestões feitas no exame de qualificação.

Agradeço aos colegas, professores e funcionários do Programa, que me acompanharam, me deram forças, e acreditaram em mim.

Agradeço à Ana Paula de Oliveira Lopes e à Cristina Campos pelo generoso acesso à documentos e fotos preciosas

"O álcool foi o Hiroshima e o Nagasaki dos Bororo" (Jair Mendes Cibae Etaiwu).

"Toda a sociologia das relações fortemente ritualizadas entre conquistador e conquistado ainda está por ser feita. O fato histórico da conquista se transforma freqüentemente num 'drama histórico' ritual (...); um ato que, originariamente era um simples abuso de poder, pode se tornar depois um verdadeiro direito do oprimido ao ato de opressão: a luva conquista o direito de ser esbofeteada. Bem entendido, é preciso distinguir, quanto a isso, entre o masoquismo psicológico e o ritual da opressão no nível sócio-cultural. É esse último que nos interessa (...), já que o masoquismo psicológico é apenas o terreno que torna possível a formação do ritual. De resto, esse ritual limita e 'formaliza' tanto a crueldade como a benevolência. Por vezes, é o próprio oprimido que pede para vestir a 'libré' do seu estado de oprimido. ("O Ritual da Opressão", Georges Devereux apud Micela, 1984)

RESUMO

Este estudo propõe-se analisar o comportamento alcoólico de uma nação indígena de Mato Grosso, Brasil, os índios Bororo, mais especificamente aqueles que vivem na Terra Indígena Meruri. Busca-se analisar as causas da antiguidade e da persistência de tal comportamento, conhecido por todos os estudiosos da etnia, mas inexplicavelmente desconsiderado. Diante da complexidade do problema, que pede por sua natureza uma abordagem bio-fisiológica, econômica, psicológica, sócio-cultural e cosmológica, optou-se por aprofundar a história da introdução do álcool, as instituições culturais e as características da personalidade étnica que expliquem a motivação do comportamento alcoólico. Portanto, o presente estudo pretende ser *interdisciplinar*, tendo como eixo o ponto de vista *etnopsicológico*.

Metodologicamente recorreu-se a toda uma gama de técnicas, dentre as quais a observação etnográfica e a clínica; entrevistas não estruturadas e semi-estruturadas; e a análise de textos de cronistas de época e etnógrafos famosos, especialmente suas observações não-sistemáticas sobre traços de caráter Bororo e sobre eventos que já incluíam as bebidas alcoólicas. Foi ficando claro no decorrer da pesquisa, que a intenção de subjugar a nação Bororo através da introdução do álcool no processo de "pacificação", foi cumprida amplamente pelos colonizadores, e trouxe como consequência uma profunda transformação da personalidade básica, apoiada pelo processo de "amansamento" e educação aculturativa, o que reforçou o consumo de álcool destilado. Com inclinação para a memória tenaz das ofensas, encontrou-se a mágoa e a ambivalência afetiva interétnica, sem possibilidades de vingança coletiva e aberta, como o núcleo disparador dos comportamentos alcoólicos da atualidade.

Palavras chaves: "comportamento alcoólico"; "etnia Bororo"; "etnopsicologia".

ABSTRACT

This study intends to analyze the alcohol behavior among Bororo natives, a Mato Grosso, Brazil, indigenous nation, more specifically those who live in Indigenous Land Meruri. It tries to analyze the past causes and why this behavior persists in the present, although is known by the Bororo's experts, it has been not consider in their studies. Facing the problem complexity, that claims, due to its nature, a biological, economic, psychological, social-cultural and cosmic approach, the author decided to study the history of alcohol introduction, the cultural institutions and the ethnic personality characters, that could explain the alcohol behavior. Thus, the present study aim to be an interdisciplinary one, having as a tool the ethnopsychological viewpoint.

It utilized a methodological framework, ethnographic and clinical observation, not structured and semi-structured interviews, and analyze of texts from famous ethnographers and epoch chroniclers, mainly their not systematic observations of Bororo's character traces and about events that included alcohol beverages. It has becoming clear during the research, that the settler's intention of dominate the Bororo's nation through alcohol as a "pacification" process was completely succeed, and brought as a consequence a depth basic personality transformation based in a tamable process and outside education, that reinforced the alcohol consumption. As the Bororo natives has inclination to tenacious offence memory, it has been met the sorrow and fond ambivalence inter-ethnic without possibilities of group and open revenge, as emotional nucleus of the alcohol behaviors at the present time.

Key words: "alcohol behavior"; "Bororo ethnic group"; "ethnopsychology".

Mas a maioria foi contestada por muitas outras pesquisas, especialmente fazendo críticas metodológicas e a crítica ao próprio conceito de raça (Heath, 1987)

Os trabalhos de Jellinek, um dos pesquisadores mais repetidos nos EUA, especialmente seu famoso livro "*Alcoholism as a Disease*", ajudaram a difundir e a aceitar a noção médica na população geral nas décadas de '50 e '60, e contribuíram para a classificação do alcoolismo com "doença" na Associação Médica Americana (AMA) em 1956. Em 1980, foi trocado o rótulo diagnóstico para "discapacidade", influenciados pelas pesquisas socioculturais em andamento (Heath, 1987)

Apesar de difundir uma visão patologista e de ajudar a transferi-la para o campo da ideologia e cultura popular, contribuiu inegavelmente para diminuir o estigma, o julgamento moral que pesava sobre os sujeitos dependentes de álcool, e que tornava muito difícil a convivência social e qualquer tipo de tratamento.

É necessário acrescentar que o mesmo tipo de abordagem e visão patologista é sustentada pelos Alcoólicos Anônimos (AA), que também contribuíram para difundir esse tipo de representação na população, e assim retirar o estigma e a condenação moral (Heath, 1987)

Resumindo, podemos afirmar que o conceito de alcoolismo construído através de um modelo médico e reforçado pela pesquisa epidemiológica, é inequivocamente individual, patologizante, orientado problematicamente, enfatizando o nível de análise físico-genético. Em outras palavras, tem um ponto de vista *negativo* sobre o fenômeno do consumo de álcool. (Menendez, 1990; Peele, 1996)

Depois da análise de muita pesquisa intercultural, chega-se à conclusão que o alcoolismo é um tipo de representação sobre a ingestão do álcool própria das sociedades ocidentais, altamente individualistas, científicas, e especialmente a partir da ambivalência das sociedades protestantes e fundamentalistas anglo-saxãs que prescrevem a abstinência e que não têm normas culturais definidas para o consumo dessa substância (Heath, 1987)

Douglas (1987) afirma que as pesquisas médicas e epidemiológicas foram motivadas pelos graves problemas suscitados na sociedade, então têm premissas e métodos "orientados problematicamente": elas exageram os problemas, e assim expressam um viés

da cultura ocidental, especialmente dos Estados Unidos, que é uma cultura que não integra regras sobre consumo de bebidas alcoólicas, e é ambivalente com respeito ao álcool.

1.2 - AS PESQUISAS SOCIOCULTURAIS

A partir de 1940, aproximadamente, começa uma pesquisa sistemática nos EUA de tipo interdisciplinar sobre o consumo de bebidas alcoólicas, motivada pelo fracasso das políticas proibicionistas -tanto na população não-índia como nas sociedades indígenas- e pelas limitações da prática médica, cuja ineficácia terapêutica não conseguia dar conta do alcoolismo (Menendez, 1990).

Dito movimento estende-se primeiramente ao Canadá e ao México, estudando povos Esquimós, indígenas centro-americanos e mestiços camponeses, onde o fenômeno da ingestão alcoólica é generalizado, e depois à Austrália e ao resto da América Latina (Menendez, 1990), curiosamente com exceção do Brasil.

Através do levantamento do fenômeno em sociedades tomadas em seu conjunto, da troca científica dos resultados, e comparações em estudos interculturais, estabelece-se um modelo de pesquisa sociocultural que se diferencia explicitamente do modelo médico.

Mary Douglas afirma que a Antropologia tem uma perspectiva diferenciada sobre o beber, construída pelos cientistas que, estudando etnograficamente diversas sociedades, observaram a *importância* do beber na vida das pessoas que estudavam (Douglas, 1987).

O beber álcool não só propicia um relaxamento dos padrões culturais, mas também *expressa* cultura, pois é um comportamento altamente padronizado e aprendido, que varia de uma cultura para outra (Douglas, 1987).

O teor geral da perspectiva antropológica é: *"celebração é normal em todas as culturas, e o álcool acompanha a celebração em muitas delas"*, e *"beber é um ato social"* (Douglas, 1987), muito raramente ocorrendo em qualquer sociedade o progressivo isolamento que ocorre no Ocidente no alcoolista típico, proveniente do isolamento da família nuclear e do individualismo resultante (Heath, 1987).

Assim como a visão médica e epidemiológica estuda a quantidade de álcool bebida pelos indivíduos, e as médias destes, o antropólogo estuda a quantidade de *regras e funções* que governam o beber : o que, quando, como, onde, com quem, e para que se bebe (Douglas, 1987).

Dwight Heath, talvez a maior autoridade mundial na pesquisa sociocultural sobre o álcool, nos fala de uma "diversidade fascinante" quando nos aproximamos das atitudes e representações através dos estudos interculturais ao redor do globo: para algumas culturas, as bebidas alcoólicas são comida, ou remédio, até um tranquilizador , entanto que para outras são um veneno; alguns grupos as consideram uma substância sagrada, enquanto que para outras são sacrílegas, ou afrodisíacas. Algumas sociedades vêem a embriagues como um estado religioso, enquanto outras a vêem como algo desagradável; para algumas ela absolve de responsabilidades em transgressões que seriam sérias ofensas em estado normal, enquanto que para outras é um crime em si mesma (Heath, 1987).

Existe o que poderia chamar-se de "paradigma Antropológico", que além de levantar os padrões e regras de consumo de álcool específicos de cada cultura, explica através de teorias centradas na 'autonomia cultural', com ou sem determinação psicológica, e com forte questionamento das explicações biológicas, postulando a alcoolização como aprendizagem sociocultural, dentro de sistemas de expectativas sociais e ideológicas (Menendez, 1990).

Assim, numerosos trabalhos etnográficos têm documentado a pseudo-intoxicação, a embriagues "fingida", os comportamentos que apresentam todos os traços da enbriagês sem que a pessoa tenha bebido, ou tenha bebido muito pouco (Menendez, 1990).

Por outro lado, é a sociedade quem estabelece o normal e o patológico, o normal e o desviante e não há "problemas relacionados com a bebida alcoólica se a sociedade não os deine como tais (Douglas, 1987; Menendez, 1990).

Como definir o "beber problemático" ou os "problemas relacionados" ao álcool ? Vai depender da cultura, da época, do tipo de bebida alcoólica, que algumas sociedades julguem severamente, e outras não (Douglas, 1987). Antes da difusão maciça do álcool destilado -e dos "Movimentos de Sobriedade"- no século XIX, nas próprias sociedades

ocidentais as tavernas eram lugares sociais respeitáveis, o álcool era considerado remédio e até alimento, e os bêbados eram bem acolhidos nas igrejas (Peele, 1996).

Na grande maioria das sociedades estudadas que consomem álcool, o padrão normal é beber, e o desvio social é não beber. (Menedez, 1990; Douglas, 1987; Peele, 1996).

Nessas sociedades há uma espécie de "obrigação social" de beber, os indivíduos devem aceitar quando convidados para demonstrar *confiança*, e vêm-se forçados a criar estratégias -como a conversão ao protestantismo, ou inventar pequenos rituais- se quiserem evadir-se de fazê-lo, para não serem excluídos ou estigmatizados (Menendez, 1990).

Para o antropólogo, o álcool é um instrumento, um articulador, um mediador -da sociabilidade-, mas nunca o *foco* do interesse nem da teorização. Assim, a ênfase é colocada na *funcionalidade* e não na etiologia (Menendez, 1990).

As primeiras teorias científicas sobre o processo de alcoolização foram as de Bacon e Horton. Bacon, em 1943 e 1945, fez o primeiro estudo sistemático de cunho sociológico, das funções econômicas, sociais e culturais cumpridas pelo uso do álcool, e vê a sua ingestão como um processo normal na vida dos grupos sociais. Segundo suas descobertas, o uso do álcool cumpre *duas funções* básicas interrelacionadas: uma "negativa", a de inibir e reduzir a *ansiedade*, e a outra "positiva", a de favorecer a *interrelação social* (Menendez, 1990).

Segundo ele, as sociedades complexas geram ansiedade dado o incremento da competição, do isolamento, e da incerteza para com o Outro, e o consumo de álcool é um mecanismo social *integrativo* por excelência (Menendez, 1990).

Já Horton, nos mesmos anos, fez o primeiro estudo antropológico específico, propondo uma teoria psicocultural desbiologizada, que funda-se na análise comparada, e de casos culturais. Para ele, o bebedor moderado, o adito, o crônico, e ainda o abstinêntio, devem ser estudados em relação à questão central das funções cumpridas pelo consumo do álcool (Horton, 1965; Menendez, 1990).

Também para ele, a *ansiedade* é um fenômeno universal que se incrementa em determinadas condições e que precisa ser reduzida para assegurar a continuidade do grupo: o álcool é o principal instrumento de redução da ansiedade dos conjuntos sociais. Os maiores índices de ansiedade evidenciados por sua pesquisa, são despertados por:

condições de existência incertas, a insegurança de subsistência, e as situações aculturativas. (Horton, 1965; Menendez, 1990)

"A intensidade com que se bebe varia diretamente com o nível geral de ansiedade, que por sua vez é a expressão da estrutura social total, especialmente da economia". E também "onde a autoridade é ineficaz, o impulso ansiógeno pode operar diretamente como motivador do alcoolismo" (Horton apud Menendez, 1990).

Horton é o primeiro a criticar o conceito de *tolerância* como inata ou constitucional, afirmando que é adquirida, uma reposta aprendida através da habituação (Menendez, 1990).

Mary Douglas acrescenta que é possível que o treinamento, as atitudes e os padrões das condutas alcoólicas influenciem os efeitos físicos, até os danos ao fígado, ou os outros "problemas correlatos" (Douglas, 1987).

Assim, Kunitz e outros pesquisadores provaram que atitudes e padrões diferentes no comportamento alcoólico entre Navajos e Hopis resultam em taxas diferentes de cirrose hepática; e Johnson, levantou que, paradoxalmente, mulheres índias americanas que bebem menos que os homens (índios ou brancos), têm uma taxa muito mais alta de mortalidade por cirrose hepática que eles (Menendez, 1990).

As teorias de Horton e Bacon são os dois referenciais que vão ser acrescentados, relativizados, criticados, daí por diante. Lemert, por exemplo, afirma que apesar da redução de ansiedade, as funções positivas (integrativas) são mais importantes; outros afirmaram que determinados grupos étnicos não bebem por ansiedade, e que, pelo contrário, o álcool a incrementa (Menendez, 1990).

O que está em jogo é o conceito de *angustia*, que é subjetivo, da psicologia, discutido ou não aceito por sociólogos e antropólogos radicais. Aqueles já citados elaboraram esse conceito a partir da teoria da aprendizagem de Hull e Dolar, como uma resposta adquirida que antecipa uma situação *perigosa* (ameaçadora para a estabilidade do Eu [o que é motivo para beber], ou de *castigo* e conseqüências sociais negativas [o que é motivo para não beber]) (Menendez, 1990).

Outro estudo intercultural importante foi o de Field que, sem negar a ansiedade nem a estrutura e organização social, remete ao marco explicativo mais específico das organizações de *parentesco*: a ansiedade e o alcoolismo se apresentam na ausência de

grupos de parentesco com estrutura de permanência e estabilidade, e funções bem estabelecidas. Pelo contrário, as sociedades com alto grau de solidariedade, relações interpessoais estruturadas mediante linhas hierárquicas e de respeito, não apresentam embriaguês (Menendez, 1990).

Já Mendelbaum revisou os resultados de Field, e os relativizou: existem alguma sociedades fortemente integradas que permitem uma grande ingestão de álcool, e vice versa, algumas sociedades (africanas) com organização de parentesco frágil que não bebem álcool (Menendez, 1990).

Analisando o alcoolismo mexicano, Erich Fromm usa o trabalho de Field e afirma que o colapso da estrutura *patriarcal* torna os homens vulneráveis ao álcool. A conquista espanhola enfraqueceu essa estrutura, e os homens (índios e depois mestiços) perderam seu papel dominante. Observa que há dois tipos de sociedades que *não* apresentam alcoolismo: aquelas onde há uma estrutura social forte, seja matriarcal ou patriarcal, e aquelas onde não há guerra dos sexos, e sim papéis masculinos e femininos definidos e sem conflito (Menendez, 1990).

Romanucci-Ross vêm confirmar essas descobertas e propõe um esquema do "homicídio típico" indígena (mexicano): ciúme > alcoolização > coragem > violência. Estuda a alcoolização no contexto da família, e afirma que o álcool simboliza o status de masculinidade diferencial, a violência masculina e paterna para com a mulher e os filhos, e também o ciclo união-abandono da mulher. *"La mujer (mexicana) tiene una expectativa permanente de ser abandonada, y construye una imagen de hombre irresponsable, arbitrariamente violento para con ella y los hijos, alcohólico (o casi) y adúltero"* (Menendez, 1990).

Estamos falando já aqui da *terceira* grande função do álcool, segundo alguns teóricos: a de *desinibição* de condutas ou emoções latentes ou reprimidas. Esta teoria supõe que condutas tais como a agressividade e determinadas expressões da sexualidade são reprimidas em algumas sociedades, não fazendo parte do "ethos" consciente ou explícito, e o álcool serve de disparador ou desinibidor, para que elas aflorem.

Esta "**teoria da desinibição**", de inegável influencia psicanalítica, teve como ponto de partida antropológica a importante pesquisa de Irving Hallowell com povos indígenas do

Canadá Central. Hallowell observou que a agressividade era uma conduta reprimida nas relações sociais quotidianas, que se expressava indiretamente na vingança através da feitiçaria, e na jocosidade. Os índios embriagados apresentavam uma conduta violenta e explosiva em flagrante contraste com a docilidade e diplomacia normais (Menendez, 1990).

Entramos aqui em contato com um conceito muito usado nas pesquisas socio-culturais sobre o uso do álcool, o de **ambivalência**, que devemos explicitar pela sua utilidade e pelos vários sentidos em que pode ser compreendido.

O primeiro sentido é a *ambivalência com respeito à agressividade* e, consequentemente, à *sociabilidade*. Por um lado, se faz uso do álcool para controlar a agressividade, e com o aumento do efeito, acaba potencializando-a. *Pari-passu*, a ingestão do álcool aumenta e facilita a sociabilidade, e com o abuso, a destrói (Kearney apud Menendez, 1990; Heath, 1987).

O outro grande significado desse conceito na pesquisa sociocultural, é a *ambivalência de certas sociedades com respeito a normas e atitudes* para o consumo do álcool : por um lado o reprova e prescreve a abstenção, e pelo outro o aprova, seja promovendo a publicidade, a indústria, e o comércio, seja normatizando o desvio nos subgrupos de consumidores que criam suas próprias regras. (Heath, 1987; Menendez, 1990). É esta "dupla moral" que cria os maiores problemas.

Para a maioria dos pesquisadores, existem *duas* categorias abrangentes de sociedades com respeito ao álcool: umas, ambivalentes, incoerentes ou imoderadas, onde não há regras e atitudes claras e o consumo não é aceito explicitamente e sim implicitamente; e outras, claras, coerentes ou moderadas, onde o consumo é aceito, regado e aprendido. ⁽¹⁾

Nas primeiras, só há um estilo: abstinência ou bebedeira (vê-se o assunto em termos antagônicos: bem e mal), se encoraja a abstinência, os sujeitos que querem beber encontram normas implícitas nos grupos de pares desviantes, e bebem imoderadamente, pois há um tipo de representação de que "o álcool é mais poderoso que o indivíduo", então quem bebe já tem uma desculpa para o excesso (Heath, 1987).

Dentre estas, encontramos as sociedades Irlandesa, Americana e Anglo-saxãs (em suas vertentes protestante - fundamentalistas), várias sociedades indígenas da América do Norte que não faziam uso de bebidas fermentadas, pois junto com o álcool destilado importaram o sistema de valores associado, e sociedades mestiças mexicanas. Este tipo de sociedade apresenta as mais altas taxas de alcoolismo crônico e problemas correlacionados (violência, problemas familiares, sociais, profissionais e econômicos) (Heath, 1987).

No segundo tipo de sociedade, há dois estilos que se diferenciam e se ensinam geralmente desde a infância, o beber moderado e a embriaguês, e um tipo de representação onde "o álcool não supera o auto-controle". Dentre estas, encontramos as chamadas sociedades mediterrâneas, judeus, italianos, gregos, espanhóis, armênios, franceses meridionais e chineses. Várias sociedades indígenas ao redor do globo entram nesta categoria, mesmo que prescrevam social ou ritualmente as bebedeiras até o grau da embriaguês (Douglas, 1987; Heath, 1987).

É consenso entre os pesquisadores interculturais que todas as sociedades que têm autoridades firmes, solidariedade, ou regras e atitudes claras com respeito ao beber e as ensinam às suas crianças e jovens, não apresentam nenhum tipo de problemas crônicos nem problemas correlacionados; são sociedades onde o beber é "não problemático". (Douglas, 1987; Menendez, 1990; Peele, 1996)

Porém, Douglas (1987) faz a ressalva de que, quando a comunidade é altamente e agressivamente competitiva, os bebedores que seguem os costumes põem sua saúde em risco.

Com este tipo de pesquisa intercultural ficou provado que a predisposição ao alcoolismo não é um fator genético racial. Em uma delas, foram seguidos sujeitos que se criaram em culturas com tradição alcoolista regrada ou cerimonial, e emigraram à uma cultura ambivalente, por exemplo, italianos e judeus imigrantes em Nova Iorque, isolados de suas comunidades de origem, e apresentaram todos os tipos de problemas correlacionados até a adição pesada, na adaptação à nova sociedade (Douglas, 1987).

¹ Não devemos esquecer que existem três níveis enquanto às regras de uma sociedade: as de regras implícitas como as de regras explícitas, ambas estão sendo analisadas *internamente*; além destas existe o nível de análise interétnico, ou intersocietário, quando o olhar é *externo*.

Mas têm pesquisadores que sustentam que o fator *tempo* é importante para que uma cultura faça os arranjos necessários para integrar o consumo do álcool, estabelecer instituições e criar representações coerentes para um uso harmônico. Assim, judeus, italianos e chineses contam com *milênios* de civilização alcoólica, enquanto que a cultura Americana, e as culturas indígenas americanas, australianas e da Oceania, somente contam com cento e cinquenta anos da expansão do consumo de bebidas destiladas, aproximadamente (Milan & Ketcham, 1983; Heath apud Douglas, 1987).

Neste ponto se faz necessário informar sobre as pesquisas que estabelecem uma diferença muito grande entre o consumo de bebidas alcoólicas fermentadas e o de bebidas alcoólicas destiladas.

Entre os Buganda, que fazem uso das duas, a cerveja tradicional é integrativa, entanto o álcool destilado não o é. Os resultados da pesquisa de Boyatzis são surpreendentes, pois mediante coletas médico-fisiológicas, chega a afirmar: "O álcool destilado torna os homens mais violentos que as bebidas fermentadas, *ainda quando o nível de álcool etílico no sangue seja o mesmo*" (Heath, 1987; o grifo é nosso).

Outra maneira clara e completa de categorizar os tipos de sociedades e os efeitos do álcool, é a de Heath (apud Peele, 1996) no seu "*Enciclopedic Handbook of Alcoholism*" de 1982:

- a) Sociedades que bebem *diariamente*: podem ter altas taxas de cirrose e outros problemas médicos, mas têm poucos acidentes, brigas, homicídios, etc. (problemas correlatos).
- b) Sociedades que consomem o álcool em *bebedeiras ocasionais*: é o contrário, mostra o complexo oposto: muitos problemas correlacionados e baixa taxa de cirrose.
- c) Sociedades que bebem *ritualmente*: não desenvolvem *nenhum* tipo de problemas, nem físicos nem correlatos.
- d) Sociedades que bebem para *fugir* do estresse, ou para adquirir ou demonstrar força: desenvolvem *todos* os tipos de problemas, os físicos e os correlatos.

Através de estudos culturais comparados, Bacon continuou a teorizar, e em 1974 propôs a "Teoria do Conflito-Dependência" e a "Teoria do Poder": na primeira, afirma que a embriaguês tende a acontecer mais freqüentemente em sociedades que combinam treinamento infantil indulgente e dependente, com demandas para o individualismo e a

independência aos adultos; e na segunda, que os homens bebem bebidas alcoólicas com a finalidade de satisfazer necessidades de sentimentos de poder (Heath, 1987).

Jellinek, também outro dos mais importantes pesquisadores mundiais sobre o alcoolismo, acrescenta a dimensão **simbólica**: Bebendo juntos, as pessoas tem a possibilidade de se identificar uns com outros, fazendo pactos de sangue simbólicos; bebendo sozinho, uma pessoa é capaz de adquirir poder (simbólico).

Afirma ele que as bebidas alcoólicas podem ter deslocado a água e o leite em várias culturas para tornar-se um símbolo do *sangue*, símbolo ritual por excelência, notando que fornece um sentimento de poder, e a embriagues sendo uma espécie de um atalho para a vida superior (Heath, 1987).

Ainda outras explicações teóricas mais no âmbito das relações interétnicas são citadas como fazendo parte do amplo cabedal das pesquisas socioculturais:

- a) a alcoolização como reação *anômica* diante da mudança cultural;
- b) a alcoolização como expressão afirmativa da própria *tradição* cultural e não como resposta aculturativa e/ou desorganizativa;
- c) a alcoolização como expressão simbólica da *resistência* étnica e cultural;
- d) o comportamento alcoólico como *aprendizagem* histórico e cultural: "*drinking for an indian becomes symbolic of white status and prerogatives*";
- e) a alcoolização como expressão de processos de *controle social e políticos*, e de expressão simbólica de relações sociais e ideológicas entre grupos (inclusive classes) sociais;
- f) a alcoolização como expressão de "*deculturação*" ('preencher o vazio da cultura perdida') (Menendez, 1990: 50-51).

No sentido da **resistência cultural**, são muito interessantes as pesquisas no México, dentre outras, que enxergam a **embriaguês** como um *papel* socialmente construído para falar e atuar *sem responsabilidade*: os bêbados não podem ser penalizados, e assim podem fazer coisas e dizer verdades que em condições normais implicaria ofensa e castigo (até morte).

A embriaguês constitui a "máscara" que permite a transgressão, e a crítica às instituições, constituindo-se em instrumento privilegiado da relação regra-transgressão,

especialmente nos *carnavais* e nos *atos oficiais*. O embriagado "transgride as regras" ao mesmo tempo que "fala pelo grupo", dizendo em voz alta o que todo mundo pensa mas ninguém tem coragem de dizer pelas regras da etiqueta (Menendez, 1990).

1.2.1 - LAZER E VIOLÊNCIA

É um pressuposto básico de muitas pesquisas que o álcool está associado quase sempre à obtenção de prazer e à busca da alegria, como motivação consciente. O lazer e a apreciação estética estão correlacionados com a sociabilidade que o álcool propicia, muitas vezes através da música e a dança (Heath, 1987).

Muitas sociedades associam álcool com lazer, mas alguns estudos sugerem o contrário: o álcool aparece quando o lazer diminui (Heath, 1987).

Stanton Peele constrói uma "hipótese do tédio", cuja formulação é: quando as oportunidades de recreação (lazer) são poucas e o álcool está disponível, o seu consumo se torna a maior forma de atividade recreacional (Peele, 1996).

Berley encontrou em pequenos grupos de brancos, que as taxas de alcoolização variam em proporção direta às taxas de conversação, mas quando a conversação é muito pouca, o álcool também aumenta, em proporção inversa (Heath, 1987).

Muitos pesquisadores consideram o álcool como afrodisíaco em pequenas doses (Heath, 1987).

Passando para o tema da **violência**, Shaeffer (apud Peele, 1996) estudou comparativamente 60 sociedades simples: em 46 delas os homens bebem freqüentemente, mas só em 24 os homens se envolvem em violência durante as bebedeiras. Assim, ele deduz que o comportamento agressivo relativo ao álcool pode ou não apresentar-se

Heath (apud Peele, 1996), também em estudos comparados através do mundo inteiro, afirma que alguns povos expressam pouca agressão nas bebedeiras, outros mostram agressão em contextos específicos ou contra determinada categoria de colegas de bebedeira. Isso contradiz o senso comum e o ponto de vista médico-científico que o álcool tem um

efeito farmacológico direto para desencadear agressão. Também afirma que a agressão nunca se encontra no comportamento alcóolico das mulheres.

Esse autor estudou exaustivamente os índios Camba da Bolívia como uma povo que contradiz todos os pressupostos de muitas pesquisas médico-científicas: bebem muito mais e as mais potentes bebidas alcóolicas, e não apresentam praticamente nenhum problema correlato, nem social, nem psicológico, nem econômico: não há agressão verbal nem sexual, não há detruição de propriedade, não há homicídio nem suicídio, só há cordialidade, inteeção facilitada, raramente encontrada em outras ocasiões (Heath apud Peele, 1996).

Mas muitas pesquisas que estudam povos específicos, encontram uma relação direta entre o consumo de álcool e a agressão: Kennedy provou que todo episódio de violência entre os Tarahumaras no México, está associado à embriagues coletiva (Menendez, 1990). Savishinsky observou entre os índios Hare da América do Norte, que a mesma forma cultural que favorece a repressão emocional, provoca a expressão explosiva da agressão quando os homens vão às farras; Foulks afirma que entre os Esquimós contemporâneos do Canadá, o álcool permite a expressão de hostilidades interpessoais que são reprimidas usualmente; e Marshall descreve as festas com bebidas entre os Trukese da América Central, como um substituto funcional da guerra (Heath, 1987)

Em lugar da "desinibição" que tem sido criticada conceitualmente como de origem fisiológica (Mc Andrews e Egerton apud Menendez, 1990) ou como conceito etnocêntrico europeu (Marshall e Room apud Douglas, 1987). Acolhendo estas críticas, alguns autores falam do "**efeito psicotrópico**" do álcool, isto é, *modificador da conduta* (respeito à angústia, à depressão, e à agressividade)(Menendez, 1990).

Assim, uma autora que usa este conceito, observou que em Morelos, no México, *"la mayoría de los hombres de la comunidad son muy diferentes estando sobrios o bebidos. Cuando están sobrios frecuentemente están apartados, depresivos, hoscós. Cuando toman se vuelven sociables, eufóricos, generosos y cuando beben más pasan a la irritabilidad y a la agresión"* (Romanucci-Ross apud Menendez, 1990).

Menendez levanta ainda a questão do conceito de *dependência*, rejeitado por quase toda a pesquisa sociocultural. Coloca que existe um consenso de que tal conceito aplica-se unicamente a sujeitos individuais, e não a conjuntos sociais, pois foi construído pelo

modelo médico; porém, partindo-se da sua definição como obrigatoriedade, inevitabilidade (subjativa) de beber álcool, ele considera que muitos trabalhos antropológicos no México descrevem um padrão de obrigatoriedade social e cultural de beber, cuja negação ou rejeição pode acarretar conflitos graves, inclusive a morte. Para ele, está-se diante de uma dependência construída social e ideologicamente, que só é concebida como *integração* nas pesquisas citadas (Menendez, 1990).

Para terminar, citaremos rapidamente as conclusões sobre intervenção a que chegaram dois grandes pesquisadores, Heath e Peele, quando afirmam que o controle oficial, estatal, policial ou comercial não é efetivo para impor normas de consumo de álcool entre populações indígenas, pois afronta as normas e a cultura dos povos, e propagam a representação de que a substância é inerentemente todo-poderosa. Todas as tentativas de proibição -ou abstenção- nunca foram bem sucedidas *a menos que estejam baseadas em termos de normas sagradas ou sobrenaturais* (como os próprios AA [Alcoólicos Anônimos] estão) (Peele, 1996).

Menendez, citando críticas de Room e Heath, adverte ainda sobre a unilateralidade da pesquisa sociocultural, que pode levar a desconhecer as graves consequências negativas que se incrementam em contextos tradicionais e durante processos de mudança rápida. Os antropólogos, segundo eles, tendem a omitir os fatores genéticos e bioquímicos, e os "problemas correlatos" ao uso de álcool, dada a ênfase na autonomia cultural e pela posição contra o patologismo, chegando, em algumas propostas, à negação explícita desses fatores: não só não vêem o alcoolismo como uma doença, como também não o vêem como problema (Menendez, 1990).

1.3 - CONCEITOS E PESQUISAS EM ETNOPSICOLOGIA

Um dos pontos importantes da presente pesquisa encontra-se no campo onde se cruzam a Antropologia e a Psicologia, chamado tradicionalmente de "Cultura e Personalidade". Este campo é muito vasto e suas pesquisas não podem se encaixar

facilmente umas nas outras, devido à dificuldade de se chegar a acordos sobre a definição dos termos "Cultura" e "Personalidade", e dentro do último, dada as grandes diferenças entre as escolas de Psicologia e seus modelos de personalidade.

Tendo em vista o perigo de considerar a cultura e a personalidade como entidades concretas, atualmente usa-se Antropologia Psicológica, ou simplesmente Etnopsicologia para definir esta área (DeVos, 1981 : 7).

São inúmeros os trabalhos nesta área, usando metodologia muito variada no que se refere à personalidade, pelo que será levantado rapidamente um panorama introdutório para se concentrar nos estudos e definições que são operacionais à nossa pesquisa.

Nos Estados Unidos tais estudos começam com a expansão da chamada Antropologia Cultural durante a década de '20, liderados por Franz Boas na Universidade de Columbia, que havia enfatizado sempre a importância do estudo da "vida mental" humana, e cujos seguidores mais famosos são Ruth Benedict, Margaret Mead, Edward Sapir e Jules Henry, que fazem estudos em profundidade e inauguram a abordagem intercultural nesta área (DeVos, 1981 : 9)

Na Europa, a partir de Sigmund Freud, que forneceu um modelo profundo de personalidade e suas vicissitudes entre o reprimido e o manifesto, com o qual podia explicar as religiões, a arte, os tabus e outras manifestações culturais, inaugura-se uma linhagem de psicanalistas antropólogos encabeçados por Geza Roheim, e seguidos por Georges Devereux e François Laplantine entre outros, que criam o que convencionou-se em chamar Etnopsicanálise, e depois Etnopsiquiatria (DeVos, 1981; Laplantine, 1994)

Abraham Kardiner, um psicanalista de Nova Iorque, foi o primeiro a fazer uma revisão substancial da teoria freudiana, que contem suposições de universalidade não provadas, e propõe a noção de "estrutura de personalidade básica". Esta é moldada pelo que chamou de "instituições primárias", tais como as estruturas familiares, as formas de educação dos filhos, e os padrões de subsistência; as "instituições secundárias" são sistemas 'projetivos' que satisfaziam as necessidades criadas pelas instituições primárias, como a religião, os rituais, a arte e o folclore, e as formas de pensar de uma cultura (DeVos, 1981 : 12).

Cora DuBois, discípula de Kardiner, tentando provar a validade da teoria deste, emprega testes projetivos em culturas não ocidentais, especialmente o Teste de Manchas de Tinta de Rorschach (DeVos, 1980; Laplantine, 1994).

Whithing & Childe modificaram e ampliaram a teoria de Kardiner, introduzindo dentro do que este último designou como padrões de subsistência, o que denominaram de "sistemas de manutenção", que são as organizações econômicas e os costumes básicos relacionados com a alimentação, a moradia e a proteção dos seus membros. Assim, propuseram o seguinte esquema: Sistemas de Manutenção > Práticas de instrução da criança > Personalidade > Sistemas Projetivos (DeVos, 1981 : 13).

Considerando as atitudes e representações sobre as doenças um dos sistemas projetivos, e utilizando o Human Relation Area Files (HRAF), o mais completo arquivo intercultural na área das Relações Humanas, conseguiram correlacionar as práticas de instrução das crianças e as atitudes respeito à doença em 75 sociedades, chegando a comprovar hipóteses da Antropologia Médica com alcance global (idem, 1981 : 14).

Por último, nesta rápida síntese, não podemos esquecer a Erik Erikson (1976), um psicanalista e antropólogo que, fazendo estudo de campo em duas sociedades indígenas americanas, revisou a teoria psicosssexual sobre o desenvolvimento da personalidade de Freud (etapas oral, anal, fálica, latência, e genital) e a ampliou para oito etapas do desenvolvimento *psicossocial* da personalidade:

1. Confiança básica *versus* desconfiança básica (1 ano de vida, fase oral de Freud);
2. Autonomia *versus* vergonha e dúvida (2 a 3 anos, fase anal de Freud);
3. Iniciativa *versus* culpa (4 a 6 anos, fase fálica ou edipiana de Freud);
4. Habilidade *versus* inferioridade (7 a 12 anos, fase de latência de Freud);
5. Identidade *versus* confusão de papel (adolescência, entre latência e genital);
6. Intimidade *versus* isolamento (adulto jovem, fase genital de Freud);
7. Generatividade *versus* estagnação (adulto);
8. Integridade do Eu *versus* desesperança (velhice).

Assim, ele focaliza a importância da relação entre as exigências da biologia (comuns à humanidade) e as expectativas de papel das sociedades (Erikson, 1976).

O enfoque básico de todos os estudos etnopsicológicos é a ênfase na importância da experiência da primeira infância e a modelagem da personalidade básica através das técnicas de criação ditadas pela cultura, para sua perpetuação (DeVos, 1981).

Dentro deste vasto campo de pesquisa e teoria etnopsicológica, optou-se por escolher para nossos fins, definições de personalidade-base de Devereux, o trabalho de Ruth Benedict com seus "Padrões de Cultura", o trabalho de Irving Hallowell onde destacaremos a alcoolização indígena e a agressividade subjacente, e algumas definições de agressividade humana e seus destinos intrapsíquicos e culturais.

Analisando as possibilidades lógicas do conceito de personalidade, Devereux afirma que esta não é uma realidade em si, nem um fenômeno concreto, mas um *esquema conceitual*: quando se observa um indivíduo durante algum tempo, chega-se a concebê-lo automaticamente de uma certa maneira, e a esperar dele determinados atos. Integram-se assim seus diversos comportamentos em um *todo* coerente e de forma distintiva (Devereux, 1972).

Estabelece-se um vínculo funcional entre os diferentes modos de comportamentos e se elabora um **esquema conceitual** único referido a ele, que será considerado sua "personalidade". Esse esquema deve dar conta de todas as particularidades do seu comportamento, configurando-se enquanto uma tentativa de *explicação unitária* do comportamento individual. Posteriormente submete-se à prova a validade desse esquema conceitual, *predizendo* o comportamento futuro do indivíduo ao qual se refere (idem, 1972).

Desse modo, para Devereux a personalidade é um conceito ou um constructo, melhor ainda, um esquema conceitual ou construção teórica, isto é, uma explicação unitária e um meio de previsão. Não é um fenômeno em si, só os comportamentos são concretos, que necessitam ser explicados: a personalidade é "construída" e depois analisada (idem, 1972).

Os especialistas que estudam o comportamento recorrem a vários esquemas conceituais de personalidade, sendo que em alguns casos intervêm conceitos biopsicológicos, em outros, conceitos sociológicos. Não é que a personalidade possa ser uma realidade mais psicológica ou mais social, senão que os investigadores passam de um esquema conceitual a outro, segundo a conveniência, ou o momento de extrair mais compreensão de um ou de outro (idem, 1972).

Mas o esquema conceitual "*personalidade étnica, personalidade modal, ou personalidade-base*", apresenta características singulares. É o conceito chave da Etnopsicologia, e é definido como "uma totalidade de qualidades dos indivíduos de uma cultura, mas não a totalidade das qualidades dos indivíduos" (idem, 1972).

Os Bororo, por exemplo, assemelham-se entre si de uma maneira distintiva, que difere da maneira igualmente distintiva em que os Xavante assemelham-se entre si. Quando afirma-se que X é um Bororo típico, afirma-se que possui todas as qualidades comuns à maior parte dos Bororo (menos alguns desviantes), mais não exclusivamente elas, pois se não não haveria lugar para as diferenças individuais, todos os Bororo seriam idênticos.

Existem outros tipos de personalidade modal que se referem ao status ou papel social, ou mesmo à condição humana, às quais toda individualidade étnica também pertence. E ainda outras que pertencem a categorias maiores, como por exemplo "*personalidade base das culturas Gê*" (Devereux, 1972; o exemplo é nosso) .

Nas sociedades simples (as que primeiro suscitaram as formulações deste esquema) as personalidades base, ainda que teoricamente distintas, tendem a se superpor em boa parte, o que já não se registra nas sociedades complexas, que exigem muitas considerações de status, urbanidade, etc. Nestas últimas, o conceito tende a se revestir de uma forma muito abstrata, e por isso mesmo improdutiva (idem, 1972).

A personalidade modal está composta por conceitos biopsicológicos quanto por conceitos vinculados ao "status humano" que os indivíduos atribuem-se e que a sociedade lhes reconhece. Mesmo que uma cultura institua meios para conferir humanidade a si mesma, e meios para excluir determinados membros da categoria humana (estrangeiros, descapacitados, infratores, etc), trata diferentemente (às vezes pior!) a esses 'não humanos' do que aos animais (Devereux, 1972 : 102-103). O conceito de personalidade modal corresponde, em outro nível de abstração e procedimento metodológico, ao de "identidade" na Antropologia, mas é mais útil para este estudo pois deixa espaço para elaborações emocionais e intrapsíquicas.

O indivíduo singular é o *locus*, o lugar comum onde vários conjuntos de classe se encontram. Onde várias classes abstratas como "personalidade étnica" e "personalidade individual" se entrecruzam, encontramos a individualidade concreta, esta sendo então os

elementos que vários esquemas abstratos possam ter em comum. A atribuição da personalidade étnica a um indivíduo estaria assim relacionada com a idéia de "*configuração*", suscetível de ser definida como a *estrutura* de um esquema conceitual (Devereux, 1972)

Esta ideia é o elo que nos remete ao trabalho de Ruth Benedict, que no seu livro clássico "Padrões de Cultura" argumenta que tanto a "cultura" como a "personalidade" consistem em padrões ou configurações de comportamento: um só dentre uma infinita variedade de possíveis comportamentos. Ela sustenta que as culturas são "psicologia individual projetada sobre uma tela de proporções gigantescas em um longo lapso de tempo" (Benedict, 1934).

Ela entretece o material cultural e os traços de personalidade étnica dos índios Kwakiutl descrevendo seu padrão como "dionisiaco", porque caracteriza-se pelo frenesi, arrebatamento e excesso, revelado principalmente nas cerimônias religiosas. E fazendo o mesmo trabalho com a cultura dos índios Pueblo, descreve seu padrão num polo oposto ou "apolíneo", que caracteriza-se pela falta de competitividade, pela ordem e pela sobriedade (Benedict, 1934).

Descreve, de forma magistral -e com exemplos concretos- como os tipos desviantes de cada uma dessas culturas representam o tipo ideal para a outra, tomando emprestado os nomes desses padrões de uma tipologia de Nietzsche sobre a tragédia grega, sem que nada tenha a ver tais caracterizações com a civilização grega (idem, 1934 : 58).

O tipo Dionisiaco busca realizar os valores da existência por meio do "aniquilamento das restrições e dos limites usuais da vida", procura conseguir fugir às barreiras que seus cinco sentidos lhe impõem, irromper numa outra ordem da experiência. O desejo do Dionisiaco, em experiência pessoal ou ritual, é forçar o caminho para um certo estado psicológico, realizar o que está para além, e aquilo que mais se aproxima das emoções que busca é a embriaguez (Benedict, 1934 : 57).

O *transe* e suas *visões*, ou mesmo os *sonhos*, são os mais valorizados pelo tipo Dionisiaco, a única forma de comunicação com o sobrenatural e para a obtenção de poderes guerreiros ou de cura, e de tudo o mais como a atração da caça, aquisição do nome para os filhos, realizar o luto, a vingança, encontrar o que perde, etc., etc..

Nada se poupa para a obtenção de tais estados psíquicos, desde isolamentos e jejuns, longas torturas auto-infligidas, aventuras arriscadas, até o consumo de bebidas fermentadas e alucinógenas. Na verdade, para Benedict, além dos Kwakiutl, a maior parte dos povos indígenas do Sudoeste americano, prolongando-se para o México e a influência Azteca, participam deste padrão dionisiaco, onde se destacam, por contraste, alguns povos apolíneos como os Pueblo (Benedict, 1934).

O Apolíneo não confia em nada disso, e pouca idéia forma da natureza de tais experiências. Cria meios de excluí-las da sua vida consciente, conhece apenas uma lei, *medida*, na acepção helênica; segue pelo meio da estrada, conserva-se dentro do mapa conhecido, não o preocupam estados psicológicos disruptivos. Mesmo na exaltação da dança, conserva-se o que é, e mantém a sua personalidade de cidadão (idem, 1934 : 58).

As instituições Apolíneas entre os Pueblo desconfiam do individualismo, e são neste ponto, estritas. Todas as influências que atuam fortemente contra a tradição são discordantes com as suas instituições e por elas minimizadas, e a mais forte de todas elas é o individualismo. Para eles, o individualismo é disruptivo, e mesmo que não o tornem impossível, pois nenhuma cultura pode evitar adições e mudanças, os processos quando estas se produzem são dissimulados ou desvalorizados (Benedict, 1934 : 58).

Não é que falem jejuns, visitas a lugares perigosos, retiros, encontros com animais mágicos entre os Pueblo, mas tudo isso é totalmente reinterpretado em padrões apolíneos: afastamento de qualquer tipo de excesso individualista, valorização de ser membro do culto, como comprar e pagar por ele, a aprendizagem do ritual palavra por palavra, e a captação mecânica de presságios. O medo e os tabus estão sempre presentes nestes rituais, e até o açoite e o brincar com brasas são fracos e não deixam marcas, tão valorizadas entre os dionisiacos (idem, 1934 : 63).

A autoridade é mal vista nos Pueblo e tudo se faz para fugir das responsabilidades quando estas são inevitáveis. Os homens de altas qualidades podem aceitar cargos elevados, mas são relutantes, e devem evitar manifestar que são chefes; por outro lado, aqueles que tem ânsia de poder só lhes merecem censura e suspeita de desvio (bruxaria). A individualidade submerge-se suavemente no grupo, e por isso mesmo não existe a instituição do Xamã e sim do Sacerdote, que ocupa seu cargo por linhagem, por compra, ou

por escolha da confraria, mas nunca por visões e transe como é clássico no xamanismo (Benedict, 1934).

Nos Kwakiutl e nas culturas das planícies do Sul, o estilo dionisíaco exige muita coragem e iniciativa individual nas caçadas e na guerra de guerrilhas, e o prestígio provém da acumulação de tentos (pontos) provenientes das façanhas que o indivíduo é capaz de conseguir, valorizando a rivalidade e a competitividade (idem, 1934).

Como lidam com a morte é uma das grandes diferenças entre o padrão dionisíaco e o apolíneo: enquanto no primeiro se faz tudo para demonstrar e acentuar a dor, prolongando e aumentando ao máximo os rituais funerários e o luto, pois a morte é considerada uma humilhação e deve ser vingada até matando outras pessoas, no segundo se minimizam as expressões emocionais, se encurtam as cerimônias, se exige ritualmente o afastamento da alma do morto e o esquecimento dos parentes, pois a sociedade deve fazer todo o possível para diminuir o desconforto (Benedict, 1934).

Ruth Benedict elabora através desses exemplos uma teoria do "arco cultural": toda cultura procede de uma *escolha*, valorizando um determinado segmento do grande arco das possibilidades da humanidade, encorajando certo número de comportamentos em detrimento de outros que são penalizados ou simplesmente eliminados, levando a manifestar alguns em detrimento da repressão de outros (Laplantine, 1994 : 22).

Por um processo de seleção (não biológico, mas cultural), todos os membros de uma mesma sociedade partilham certo número de preocupações, experimentam as mesmas inclinações e aversões, pois o que caracteriza uma sociedade é uma "configuração cultural", uma lógica que é encontrada tanto na especificidade das instituições quanto nos comportamentos (Laplantine, 1994 : 23).

Cada um de nós possui em si todas as tendências, mas a cultura à qual pertencemos procede de uma *seleção*; as instituições, e em particular as instituições educativas -família, escola, ritos de iniciação- visam, inconscientemente, a que os indivíduos fiquem em conformidade com os valores de cada cultura (idem, 1994).

Ruth Benedict (1934) não deixa de perceber que essas configurações culturais mudam com o tempo e com os contatos, e, apesar de sempre apresentarem uma coerência interna, podem estar expostas a influências de valores contraditórios e integrarem com

sucesso essas influências ou não. O estudo da história se faz assim indispensável ao lado deste enfoque etnopsicológico.

Apesar de ter recebido fortes críticas, este enfoque "configuracionista" e "relativista" constitui uma importante referência para nossa investigação, não só pelo conteúdo, mas principalmente pela metodologia, ao conseguir entretecer com maestria instituições, costumes, valores, comportamentos e manejos emocionais, e deixar assim delineada uma visão global, unitária, não dissecada, de culturas *vivas*.

O trabalho mais importante, ao nosso parecer, como ponto de referência etnopsicológico para nossa investigação é o de A. Irving Hallowell, sintetizado no livro "Culture and Experience" (1955) onde analisa os índios Ojibwa ou Saulteaux do Rio Berens às margens do Lago Winnipeg, no atual Canadá Central, estudo magistral começado já na década de '30 e que foi sendo desenvolvido na década posterior.

Até hoje mantêm-se como exemplo de detalhismo e precisão, seriedade e fundamentação teórica e metodológica, no estudo da estrutura de personalidade de uma cultura não ocidental. Além de ter um conhecimento apurado das famílias culturais ameríndias, discerne perfeitamente as diferenças entre aldeias mais ou menos aculturadas entre os Ojibwa, e usa testes projetivos (Roschach, TAT) com grupos de controle experimental, estudo de campo intensivo, análise de mitos e crenças, testemunhos pessoais e reações subjetivas, e documentos históricos sobre a colonização e crônicas descritivas do caráter indígena feita por missionários, comerciantes e aventureiros dos primeiros séculos do contato.

Dentro dos tópicos da personalidade (que estuda nos Ojibwa), distingue nível de inteligência e estrutura emocional. Estuda as crenças religiosas sobre os espíritos dos mortos influenciando a vida quotidiana indígena; o Eu (Self) dos Ojibwa e seu meio comportamental; e dentro da modelagem cultural da personalidade, analisa os fatores da orientação espacial, temporal, e de medida, dedicando um capítulo para cada um desses temas (Hallowell, 1955).

Em outros tantos capítulos analisa o medo como uma variável individual e cultural; a função social da ansiedade; a agressão; e a sexualidade na sociedade Saulteaux (idem, 1955).

O objetivo de Hallowell não é analisar especificamente os comportamentos alcoólicos entre os Ojibwa, mas quando os traz à tona, ficam claramente compreensíveis, dentro da estrutura geral que levanta dessa personalidade indígena, como mais um elemento de uma totalidade, e esse é, ao nosso ver, o seu principal mérito.

Assim, levanta que um dos traços que mais se destacam no caráter Ojibwa é o estoicismo, a força e a paciência que mostram face às vicissitudes da vida (opressão, privações, doenças, perdas, torturas, etc), não se permitindo perder a compostura, e mostrando sempre uma expressão de felicidade e honorabilidade (idem : 133).

Hallowell conjectura sobre esse padrão de restrição ou inibição emocional, que se manifesta também nas relações interpessoais, onde sobressai a inibição de toda expressão de raiva ou desacordo, o cultivo de uma amabilidade extrema, até com os prisioneiros que torturavam. Não sabem dizer não, não recusam qualquer apelo ou pedido, e concordam rapidamente com qualquer afirmação ou ensinamento, embora continuem a fazer ou sustentar suas crenças (idem : 133, 137).

Os Ojibwa suprimem qualquer crítica dos seus pares nas relações face a face, e evitam disputas de teor pessoal para impedir o surgimento da *raiva*. Como este traço aproximava-os a um certo ideal cristão, um dos jesuitas antigos chegou a afirmar : "*...estes índios não conhecem o que é raiva*" (idem : 134).

Mas também não conheciam o que era obediência, sujeição ou autoritarismo, cultivando a liberdade e o contentamento. Isto era mostrado claramente na maneira como educavam as crianças, onde não existia a disciplina severa ou o castigo físico, e assim perdurava o padrão levantado anteriormente, o da inibição de toda agressividade nas relações abertas (idem : 136).

Tinham muito medo de ofender, não podendo, em hipótese alguma, despertar ressentimento nos outros, por isso desenvolveram uma sensibilidade extrema à raiva e às suas expressões abertas, e assim o autor deduz uma ansiedade latente que é o sinal para se autocontrolar. Mas esta ansiedade é a percepção de que, se a raiva chega a sair -como acontece raramente-, é perigosa, irrestrita e violenta (Hallowell, 1955 : 137-138).

Hallowell levanta todos os meios que estes índios tinham para equilibrar esta tendência: falar mal pelas costas, ser indireto, volúvel e fingido, difamar e intrigar, chacota,

ironia, zombaria e gozação. A alegria e o humor eram muito valorizados, e a única expressão aberta e aprovada de sentimentos (idem : 139).

As injúrias e ofensas não eram respondidas, mas em compensação não perdiam uma oportunidade de se vingar indiretamente. Até comer os piolhos era justificado como uma vingança contra aqueles que os injuriavam. Ao lado da amabilidade quotidiana, guardavam ódio pelas ofensas recebidas, aparecendo aos olhos do branco como falsos e mentirosos (idem : 139).

Em conexão com a vingança e retaliação, havia um meio altamente institucionalizado de agressão encoberta à disposição dos índios, e era a *feitiçaria*. A idéia de vingança e a feitiçaria eram tão estendidas, que a morte era compreendida *sempre* como feitiço ou encantamento (idem : 141).

Difamação, maledicência (pelas costas), humor e feitiçaria eram os meios ou canais indiretos para a descarga da agressividade, porque os meios diretos eram desaprovados culturalmente. E aí aparece o álcool para confirmar esta hipótese, pois depois da sua introdução, os índios embriagados apresentam um comportamento bestial e assassino que nunca apresentaram antes, num contraste flagrante com a amabilidade usual (idem : 141).

Assassinato da esposa, dos filhos (pelas próprias mães embriagadas), dos pais, dos vizinhos, dos irmãos, chocavam tanto aos europeus como a eles mesmos, ninguém entendendo tamanha reação em vista da simpatia, brandura, alegria e sociabilidade em estado sóbrio. Para Hallowell, sem a hipótese da função que o álcool cumpre de desinibição de comportamentos e emoções suprimidas ou latentes, neste caso hostilidade, não há possibilidade de compreensão (idem : 142).

O autor ainda discorre sobre a *desconfiança* e o *individualismo* que permeiam as relações interpessoais em culturas que sustentam a feitiçaria nos moldes destes índios (idem : 143, 147).

Nossa pesquisa nos embrenhou inevitavelmente com a realidade da *agressividade* humana, e quando quisemos aprofundar essa área do conhecimento, vimos que se descortinava um universo de conceitos, pesquisas e teorias tão vasto e contraditório, que preferimos adotar algumas definições simples e abrangentes para operacionalizar o andamento da interpretação dos dados.

Se aceitamos provisoriamente a definição da **agressividade** como "um impulso cego para a auto-affirmação, para a expressão de todos os elementos da própria individualidade, sem discriminação ou escolha, sem consideração das conseqüências, e sem consideração pelos outros" (Asagiolli apud Ferrucci, 1982 : 86), vemos que ela é *universal*, a *força primária* para a *autoexpressão*, para a *autodefesa*, para a *satisfação das necessidades individuais*, e para atingir qualquer *ambição*. (Greene & Sasportas, 1987).

Uma das grandes contribuições da Antropologia Cultural é que a cultura é a que determina a forma, a quantidade e o destino da agressividade, através da criação precoce, das técnicas de modelação da personalidade(Fourasté, 1992) (DeVos, 1981).

Assim, tem (poucas) culturas que permitem liberar, dar expressão direta à agressão, mas a maior parte delas dá outros destinos possíveis: *sublimar e canalizar* para objetivos valorizados socialmente (Freud sustenta que a sublimação da sexualidade e a da agressividade é o mecanismo *criador* das culturas humanas), *desviar*, *reprimir*, e por fim, *inverter*, quando se volta contra o próprio indivíduo na forma de comportamentos autoagressivos, como suicídio, autoflagelação, autodestruição, masoquismo, etc (Ey et al, 1974) (Fourasté, 1992).

A **inversão** da agressividade, em termos culturais, pode ser tanto expressão genuína de instituições (como é o caso do suicídio Sorowaha [Dal Poz, 1997]), como também produto da aculturação, do processo de adaptação e mudança cultural (como é o caso do suicídio Kaiowá [Levcovitz, 1994]). Antes de utilizar esta interpretação para os Bororo, consideramos primeiro como predominante a **repressão**, inibição ou recalque da agressividade.

Outra maneira aceita de pensar na agressividade do ponto de vista etnopsicológico é através dos estudos sobre a *frustração*, entendida como a situação criada quando são impedidos os impulsos de autoafirmação ou satisfação das necessidades. O Dr. Whiting (1982 : 187) que afirma que a reação à frustração é sempre modificada pelo aprendizado, e este é determinado pela cultura, mas que há limites à plasticidade da natureza humana. A classificação das respostas agressivas culturalmente relevantes que Whiting propõe são as seguintes:

<u>Contexto</u>	<u>Reação Emocional</u>	<u>Reação Aberta</u>
Frustração	{ Raiva.....	{ Agressão
	{ Medo.....	{ Abstenção
	{ Outras (tristeza)	{ Dependência
	(mágoa)	{ Submissão

Um dos corolários desta visão é que a reação à frustração depende do contexto cultural, particularmente das relações sociais entre a pessoa frustrada e a frustradora, e da fase de idade em que estas se encontrem, pois a cultura vai privilegiar uma reação como ideal predominante, mas todas as outras encontram-se presentes dependendo de sexo e idade. (Whiting, 1965 : 194).

1.4 - OBJETO DE ESTUDO E METODOLOGIA

O fenômeno da alcoolização, ou da ingestão de álcool já é um fenômeno complexo quando referido aos indivíduos. Qualquer tentativa de compartimentar sua observação e análise é uma tentativa vã, obviamente destinada ao fracasso: desde o começo impõe-se ao observador uma perspectiva múltipla se quer dar conta do fenômeno sem deturpá-lo, sem forçar sua natureza.

O álcool etílico não é uma bebida como outras: por sua constituição química e suas conseqüências no organismo pede considerações bio-químico-fisiológicas específicas, e mesmo não aprofundadas teórica e metodologicamente, exige pelo menos menção indireta em qualquer estudo sério sobre o tema.

As implicações emocionais e subjetivas do consumo alcoólico saltam à vista do observador menos avisado: as transformações da personalidade de quem bebe álcool são tão clássicas e já foram tantas vezes tipificadas que às vezes podem passar despercebidas suas caraterísticas individuais e suas diferenças étnicas. As motivações, a situação

emocional e interpessoal, os condicionamentos familiares, são outras dimensões psicológicas inevitáveis do comportamento alcoólico.

A dimensão econômica dos indivíduos que bebem também é algo que não pode ser deixado de lado facilmente para compreender o processo de alcoolização: a situação salarial e de trabalho, as ansiedades de subsistência, o regime alimentar, as condições de acesso ao consumo das bebidas alcoólicas, etc.

Mas quando pretende-se abranger o fenômeno da alcoolização em sociedades tomadas em seu conjunto, aí a complexidade se multiplica *ad infinitum*. As muitas facetas de uma determinada sociedade ou da sua cultura, abrem muitos questionamentos e inúmeros pontos de vista pelos quais pode ser analisado qualquer fenômeno sociocultural.

A ambigüidade e a ambivalência com que pode se apresentar o consumo do álcool, os variados julgamentos morais, atitudes e tipos de representação que pode produzir nos diferentes grupos constitutivos de uma sociedade, têm que ser levados em conta minimamente para compreender sua natureza.

Hoje é de domínio comum nas Ciências Sociais, que qualquer comportamento especificamente humano manifesta-se simultaneamente nas áreas biológica, psicológica, e socio-cultural. Corpo, Mundo Subjetivo e Intersubjetivo, e Mundo-Objetivo-das-Relações, são as três dimensões nas quais o ser humano vive e pelas quais se manifesta, e que fazem dele um ser único, um ser bio-psico-social.

José Bleger aperfeiçoa esta visão assinalando uma certa hierarquia entre estes pontos de vista científicos, quando propõe os "níveis de intergração" da realidade. Entende-se por integração, um desenvolvimento no qual há um progressivo e crescente aperfeiçoamento e complexidade na organização, na estrutura e na função, e essa progressiva complexidade cumpre-se por etapas, planos ou níveis (Bleger, 1984: 61).

Em cada um desses níveis, a crescente diferenciação, complexidade e aperfeiçoamento da organização funcional coincidem com o aparecimento ou surgimento de novas qualidades ou características que não existiam no nível precedente, e assim se faz necessária a investigação das leis específicas às quais responde cada novo nível de integração, ao qual ficam subordinadas as leis que regem os níveis precedentes (idem : 62)

Assim, ele primeiro propõe, na ordem de aparição evolutiva, os níveis 1) físico-químico; 2) biológico; 3) social; 4) psicológico; 5) axiológico.

Um mesmo comportamento, como o movimento muscular de um braço, pode -e deve- ser estudado pela física como um movimento mecânico de alavanca, ou pelo aspecto das descargas elétricas; pela biologia, como fazendo parte de um interjogo de sistemas (muscular, circulatório, nervoso, hormonal, etc); pela sociologia, como fazendo parte de um comportamento ritual (de despedida por exemplo); pela psicologia, como um movimento com significado de uma triste despedida; e pela axiologia, como um movimento que desperta associações com o valor existencial das perdas e até da morte (Bleger, 1984 : 62).

Dessa maneira, todo comportamento humano é sempre um fenômeno social tanto como psicológico, biológico e físico-químico *ao mesmo tempo*. Os níveis "superiores" incluem necessariamente os "inferiores" para sua expressão, mas estes lhe estão subordinados. No homem, um significado modifica a fisiologia (idem : 62).

Como vemos, está cada vez mais difundida e aceita a noção epistemológica da necessidade de reivindicar mais uma dimensão, onipresente em toda manifestação humana: o nível *cosmológico* ou *axiológico*, o mundo dos valores, ou o que tradicionalmente chama-se manifestação metafísica. Esta visão existencial da realidade humana, ou cosmovisão, inerente a todo indivíduo e a toda comunidade, não pode já mais ser reduzida às outras três como se fez tradicionalmente nas ciências humanas por influência dos movimentos positivista, evolucionista e socialista, que lutaram explicitamente -e etnocentricamente- para eliminá-la, considerando-a uma fase ultrapassada da humanidade.

O comportamento alcoólico pede por natureza -em qualquer sociedade- um estudo que integre todas as dimensões ou níveis de análise. Qualquer investigação desse tema que omita alguma delas, constitui-se em uma mutilação flagrante, uma obliteração estéril, talvez produto da extrema *especialização*, que deu grandes frutos às ciências exatas, mas que converte-se cada vez mais num empecilho para o avanço das ciências do Homem.

É evidente que os limites deste trabalho, juntamente com os limites da nossa formação, impedem um aprofundamento interdisciplinar completo nos moldes acima citados. Não temos como dar conta, seja por questão de tempo ou de formação, dos níveis

biológico, econômico e mesmo cosmológico, mas isso não impede de tocar eventualmente neles quando a realidade dos dados levantados assim o exigir, e assim sugerir possíveis caminhos para pesquisas futuras.

Em compensação, o nível sócio-cultural exigiu um aprofundamento *histórico*, pois as culturas em transformação -os

seu*****

***o" dessa determinada sociedade; e, o que é mais importante -senão configuraria-se num levantamento meramente historiográfico- a ressonância, a reação subjetiva coletiva, a significação que esses fatos adquiriram na memória, na cultura e na personalidade do povo Bororo.

Assim, além do levantamento histórico do fenômeno, foi necessário um estudo das *instituições culturais*, dos costumes e valores tradicionais, para poder explicar a persistência e a tenacidade com que o álcool afincou-se no seio da sociedade Bororo como um produto do processo de mudança cultural.

Por último, uma reconstrução da *personalidade étnica*, da índole caracterológica coletiva, onde tem-se a possibilidade de inferir uma predisposição para a necessidade de beber álcool e entender assim também as transformações produzidas pela adaptação a uma nova ordem imposta pela cultura dominante.

Então, abordaremos o nosso objeto de estudo, ao longo do trabalho, a partir de uma perspectiva *histórica, cultural e psicológica*, mas mais do que isso, interessa-nos as *interfaces* entre esses níveis de análise: a história convertendo-se em significado, memória viva; a história explicando modificação de instituições e de personalidade; instituições e valores culturais sendo compreendidos como emoções subjetivas; a personalidade étnica e suas vicissitudes para entender a motivação do comportamento alcoólico e sua propagação.

1.4.1 - OBJETO DE ESTUDO

Ao longo da pesquisa vimo-nos obrigados a rejeitar o conceito de "alcoolismo" por suas conotações biologistas, patológicas e mesmo etnocêntricas. A primeira denominação da pesquisa, "alcoolismo Bororo", foi recusada de forma veemente pelos índios, que, com sua perspicácia, deram-nos a entender que tal enunciação referia-se a uma "doença do branco", inventada e introduzida por eles, tal como a sífilis ou a tuberculose. "*O alcoolismo não é Bororo*", esclareceram enfaticamente, e este foi o primeiro toque de atenção que nos levou progressivamente à sua modificação.

Também queremos dessa maneira diferenciar-nos de outras intervenções de cunho assistencial que já aconteceram por iniciativa da instituição missionária salesiana, com participação de profissionais de diversas áreas (inclusive médicos), e que por ventura podem continuar a acontecer, ou mesmo futuras intervenções que não cuidem do viés pseudo-científico que se insinua com termos como 'alcoolismo'.

Tendo várias opções como "alcoolização", "processo de alcoolização", "consumo (ou ingestão) de álcool", preferimos o termo "*comportamento alcoólico*", que é um conceito operacional e abrangente ao mesmo tempo, e que faz referência tanto às manifestações sócio-culturais como à dimensão psicológica, cuja ciência específica o usa como construto teórico predominante.

Comportamento alcoólico inclui então *toda e qualquer manifestação que tenha por objeto as bebidas alcoólicas*, sejam os padrões de consumo ou ingestão, os diferentes hábitos, costumes ou mesmo instituições que possam ter-se criado ao seu respeito, e os tipos de relações sociais -intra e interétnicas- e reações intersubjetivas ou emocionais que *usam* o álcool como mediador, isto é, as *funções* que cumpre.

Também é importante consignar o alcance da pesquisa: a começamos pretendendo abranger toda a nação Bororo, visitando as aldeias mais importantes e assim generalizar os resultados; contudo, o andamento dela, especialmente o levantamento da história e das características do consumo alcoólico de cada região (fornecido indiretamente), foi nos desencorajando, pois apresentavam-se muito distintas.

As diferenças geográficas (a aldeia de Perigara, por exemplo, encontra-se no coração do Pantanal, com dificuldades de acesso e diferenças máximas no padrão do consumo alcoólico), as diferenças históricas da "pacificação" e "amansamento", (as regiões do Rio Garças e do Rio São Lourenço sendo tuteladas culturalmente por missionários e pelo estado e militares, respectivamente) impunham um estudo pormenorizado que transbordava nossos limites econômicos, de tempo e de acesso.

Como nosso levantamento começou na região do Rio Garças, e estabelecemos relacionamentos importantes em termos de informantes que nos permitiram introduzir-nos através de famílias nativas, e como nessa região o idioma português é de uso comum, decidimos restringir o estudo à aldeia de Meruri, na Terra Indígena Meruri, MT. (vide mapa)

1.4.2 - METODOLOGIA

A abordagem própria na pesquisa tanto da Antropologia como da Psicologia, é antes de mais nada *qualitativa*. Mesmo usando dados quantitativos, estes estão subordinados e à serviço da visão qualitativa, e quando dados desta índole chegarem às nossas mãos, serão referidos tangencialmente (como por exemplo, levantamentos estatístico-epidemiológicos do consumo alcoólico).

Toda Psicologia refere-se à Subjetividade, ou ao comportamento como uma totalidade, que inclui aspectos implícitos, inconscientes ou emocionais. Já a Antropologia refere-se também a *totalidades sociais* em suas variadas manifestações culturais, para o que ambas ciências usam a **observação** direta, a observação de primeira mão, e a "observação participante", sem intermediação de instrumentos (a não ser cadernos de notas, ou gravações, que não fazem mais do que aperfeiçoar a observação e seu registro).

1) Da Antropologia usamos o *método etnográfico*, e dentro dele, várias técnicas específicas, a saber:

Etnopsiquiatria, ou Etnopsicanálise. Consiste em registrar os sentimentos, reações espontâneas (geralmente perturbadoras), intuições e sonhos *do* pesquisador diante das realidades culturais estudadas, e usar esses dados subjetivos ou relacionais como material privilegiado lado a lado com o levantamento objetivo de campo tradicional (Devereux, 1996).

A origem do nome está na Psicanálise, onde se refere à reação emocional do psicanalista diante da "transferência" do analisado, isto é, da projeção inconsciente de complexos emocionais particulares.

Baseando-se nas teorias da Relatividade de Einstein e da Complementariedade de Heisenberg, Devereux postula a necessidade de "examinar o instrumento de observação", e "contar com a posição (e com o que acontece no interior) do observador", pois se não explicitar esta reação subjetiva inevitável, ela infiltrar-se-á inconscientemente deturpando os resultados, ou mesmo "matando" a humanidade da pesquisa e dos pesquisados (idem, 1996).

Para ele, há sempre uma reação no observador "complementar" à posição do sujeito observado, e este jogo de reações e posições é o material mais rico na observação etnográfica. O título do livro onde trata especificamente estas considerações epistemológicas e metodológicas é bem gráfico: "De la Ansiedad al Método en las Ciencias del Comportamiento" (idem, 1996).

Para poder usar esta técnica exige-se do pesquisador um tempo de análise psicológica pessoal razoável, e com ele, uma posição autocrítica, uma abertura a conteúdos ansiógenos interiores, e um autoconhecimento que lhe permita reconhecer e discernir minimamente os padrões e a origem das suas próprias reações emocionais e complexos psíquicos.

De uma forma menos engajada em uma escola de psicologia determinada (neste caso a psicanálise), esta tendência atual da metodologia etnográfica reflete-se em trabalhos promissores da década de '80, conhecidos como "Etnografia Experimental", e dentro dela, a 'etnografia dialogística', nos quais apresenta-se a informação como um diálogo entre o antropólogo e um ou mais informantes nativos. Neste tipo de trabalhos há uma intenção de reflexão epistemológica quando se focaliza a atenção nas formas em que os antropólogos -e

por extensão os leitores da sua cultura- se comunicam e se conhecem com outras culturas (Kottak, 1977 : 12).

Dentro desse mesmo movimento há uma categoria mais ampla, a "Etnografia Reflexiva", onde o antropólogo-escritor põe seus sentimentos e reações pessoais da sua situação no campo, diretamente no texto (Kottak, 1977).

3) Da Historiografia, usa-se o estudo de textos de cronistas de época: Faremos uso de textos antigos que descrevem com riqueza de detalhes eventos significativos dos começos da pacificação, especialmente do consumo de álcool, e observações de época sobre a índole da personalidade base dos Bororo.

Assim, usaremos textos de Hércules Florence (1977), um dos integrantes da expedição Langsdorff, que encontrou na sua viagem os "Bororo ocidentais" se embebedando (e sendo embebedados); Pe. Báizola (1932) e Pe. Colbacchini (1919), superiores da ordem Salesiana, contando a saga de alguns Bororo na Itália e citando falas de Bororo antigos; e passagens de dois livros de etnógrafos famosos, Karl Von den Steinen (1940) e Claude Lévi-Strauss (1970), nos quais especialmente suas observações não-sistemáticas e não-estruturais sobre os Bororo, suas opiniões e impressões das situações humanas que estavam vivenciando. Como diz Devereux:

"y ciertamente, por grande que sea la importancia de la obra *objetiva* de Lévi-Strauss, la importancia de sus 'Tristes Tropiques' [uno de los tres intentos de talla, que yo conozca, de apreciar el impacto causado en el científico por sus datos y su actividad; obra autobiográfica extremadamente sincera en profundidad] aún puede ser mayor para el *futuro* de la Ciencia del Comportamiento" (Devereux, 1996; os grifos são do autor)

De alguma maneira, repetimos a técnica de Hallowell, que usou dados sobre características de personalidade dos índios provenientes da literatura dos séculos XVII e XVIII, de observações de viajantes e missionários, que revelou-se "*inesperadamente rica em material psicológico*" (Horton, 1965 : 417).

1.4.3 - A PESQUISA

Nas primeiras viagens para a pesquisa de campo, vimo-nos envolvidos automaticamente na relação com os missionários salesianos, aos quais muito agradecemos pela introdução nas aldeias de Meruri e Garças. Assim, ficamos hospedados em suas instalações, indo visitar os sujeitos das entrevistas em suas casas e voltando para a missão assim que terminava o trabalho. Com o tempo, percebemos que isto constituía um viés na pesquisa, posto que éramos identificados naturalmente com o segmento católico, no qual morávamos e com o qual compartilhávamos o dia-a-dia.

Porém, o tempo foi conspirando ao nosso favor, pois fomos conhecendo pessoas com as quais estabelecemos vínculos de amizade, e que se tornaram informantes privilegiados, abrindo sua intimidade e as vicissitudes dos seus comportamentos alcoólicos. Estas pessoas compartilharam nossa amizade e nossa casa em Cuiabá, e assim, em troca, ofereceram suas casas em Meruri para poder pesquisar no nível da vida cotidiana, sem vieses de identificação com os missionários.

Conviver com pessoas embriagadas não é tarefa das mais fáceis, mas o desafio estava lançado: nas últimas viagens isto foi possível pela familiaridade que pudemos conseguir através dos laços com uma família, com a qual nos envolvemos em todos seus problemas e alegrias. Numa determinada oportunidade, um índio pediu-nos dinheiro ou a barraca onde ficamos provisoriamente, e depois de negar-lhe ambas coisas, veio em cima de nós com um machado, bêbado, e ameaçando-nos: *"Quando me negam o que quero, fico bravo!"*. A paciência e uma enérgica auto-defesa desarmaram o agressor.

O envolvimento chegou a ser tão intenso e natural que fomos agraciados com a oferta do "recebimento do nome", cerimônia tradicional dos Bororo para com os brancos que se destacam entre suas relações e com os quais querem estabelecer relações honrosas. Justamente porque estamos prestes a viajar para outro país, sem data de retorno, declinamos semelhante honra, em respeito às tradições. Mas esta declinação foi recebida como uma frustração dolorosa pelo cacique de turno, que recebeu a notícia em estado de embriaguês. Ele ameaçou expulsar-nos da aldeia, pois tinha poder para tal, e não fosse a paciência que deve ter um pesquisador quando lida com esses estados alterados de consciência, teríamos saído na hora, estragando a experiência, mas não passou de uma ameaça, e ficamos conversando até que acabou o estado emocional da frustração, e sem ele, a amizade voltou.

Fui aconselhado a conversar com o cacique só quando estivesse sóbrio, mas isto constituía-se numa tarefa quase impossível, dados os raros e aleatórios dias em que assim ficava, pressionado como estava por conflitos familiares de separação matrimonial.

O principal problema que surgiu na pesquisa foi que, em geral, os comportamentos alcoolistas não eram assumidos abertamente pelos sujeitos. Esta conduta é idêntica na nossa sociedade, pois os usuários não aceitam, diante de outrem, que bebem mais do que "socialmente", nem conseguem reportar as suas reações durante a embriaguês. Como os índios me disseram, quando perguntados se escondem entre eles que bebem: *"Todo mundo fica sabendo, não têm como esconder, mas se dá um jeitinho de beber sozinho, aí fala que não bebeu, nega"*

Este mecanismo de autodefesa é chamado de "negação" ou "racionalização", e somente falam tranquilamente sobre o consumo de álcool quando param de beber, quando entram em uma fase de abstenção de álcool, geralmente deflagrada pelos sérios problemas que estava causando em suas vidas. Entre os Bororo é exatamente igual.

Este problema nos remete à natureza relacional da pesquisa: são "uns" (que supostamente não bebem) que querem saber sobre "outros", e esses outros negam informação diante da *coação* que toda pesquisa inevitavelmente implica, por mais cuidadosa que seja (cf. Devereux, 1996).

Assim como na sociedade global, eles não se expressam claramente sobre as questões alcoólicas principalmente pela existência de sentimentos de *vergonha* e *culpa* (Milan & Ketcham, 1983), porém à diferença daquela, o problema não é só intrapsíquico, mas intracultural e interétnico. Os Bororo supõem que os brancos julgam negativamente seu comportamento, como devem ter aprendido com os diversos segmentos da sociedade com os quais se relacionam, o que é uma suposição genericamente correta, dada a *ambivalência* imperante nas sociedades ocidentais (ver pág. 22-23).

Outra explicação é exclusivamente biológica (fisiológica): os indivíduos simplesmente esquecem os efeitos do álcool pois sofrem de amnésia pós-bebedeiras causada pela intoxicação do álcool no cérebro (ver pág. 14). Mesmo assim, tal explicação não leva em conta os períodos de sobriedade, durante os quais o usuário arranja conscientemente o álcool para consumir.

O que fica claro é que *este problema é um dado em si mesmo*, a ser interpretado.

Um outro problema é a modificação do comportamento habitual quando sabem que estão sendo observados. Assim, assistimos a situações extremas, como um verdadeiro "show" de bebedeiras quando chegamos pela primeira vez a Meruri, e uma "frustração", uma abstenção grupal quando fomos em Garças também pela primeira vez, nos dias em que normalmente embriagam-se coletivamente.

Mas isso também pode ser usado como dado: estaria revelando um aspecto relativo, "relacional" ou intencional do comportamento alcoólico entre os Bororo nas relações interétnicas com a cultura dominante, a alcoolização jogando um papel importante - cumprindo uma função- nas relações com os brancos.

CAPÍTULO II

O COMPORTAMENTO MANIFESTO E SEU CONTEXTO

2.1 - O CONTEXTO GEOGRAFICO E CULTURAL

A etnia Bororo conformava outrora uma nação poderosa, cujo território natural abrangia uma área de 48 milhões de hectares (Couto Magalhães apud Bordignon, 1987), ou de cerca de 350.000 km² segundo Viertler (1990), e cujos limites aproximados eram os rios Paraguai ao oeste, Araguaia ao leste, das Mortes ao norte, e Taquari-Coxim ao sul, ocupando toda a faixa sul do atual estado de Mato Grosso, o norte do estado de Mato Grosso do Sul, e indo desde um pouco além da divisa com a Bolívia até o sul de Goiás. Bem no meio dessa extensão, o vale do São Lourenço, o antigo "rio dos Porrudos", parece que foi o habitat tradicional dos Bororo (Steinen, 1940:569), um ponto onde se tocam várias áreas culturais (Hartmann apud Viertler, 1990: 21).

Este enorme território está ocupado principalmente pela região de *cerrado* do Brasil central, mas também toca regiões *serranas* de planalto, e de *pantanal*, tendo dado lugar a grupos de Bororo culturalmente diversificados segundo os nichos ecológicos (idem, ibidem : 20), e dando origem a uma autodenominação também diferenciada: os "habitantes do

cerrado", os "habitantes da floresta", os "habitantes dos lugares do peixe pintado", os "habitantes da montanha", e "os que usam longas flechas" (pelo uso das taquaras no sul) (Albissetti & Venturelli, 1962 : 281-283).

Na verdade, os Bororo ocupavam toda a faixa que foi colonizada em primeiro lugar em Mato Grosso, hoje sede das maiores cidades desse estado: Cuiabá, Cáceres, Rondonópolis e Barra do Garças. Eles estavam no meio da rota dos bandeirantes na ocupação do Centro Oeste, o famoso "Caminho das Monções" primeiro, e a "Estrada para Goiás" depois, pelo que esse povo conforma uma das bases étnicas da atual população matogrossense, resultado de relações interétnicas estabelecidas, sucessivamente, através da escravidão, do trabalho assalariado, e dos casamentos com os agentes do colonialismo.

Uma primeira grande divisão geográfico-cultural foi estabelecida por Steinen (1940) entre "Bororo Orientais" e "Bororo Ocidentais": estes últimos ocupavam a bacia do rio Paraguai, incluindo o rios Cabaçal, Jauru, ao redor da atual cidade de Cáceres, e chegando até San Matías na Bolívia; estes Bororo ocidentais encontram-se hoje praticamente extintos.

Os Bororo Orientais, depois de trezentos anos de ocupação invasora da sociedade brasileira, ficaram confinados a uma ínfima porção daquele imenso território, sendo sedentarizados compulsoriamente e conformando assentamentos em colônias e aldeias quando foram demarcadas as *quatro Terras Indígenas* pelo governo federal: Meruri, Tadarimana, Gomes Carneiro e Perigara.

Atualmente distribuem-se nas aldeias de *Meruri*, *Garças* e *Sangradouro*, sob influência das Missões Salesianas, na área dos rios Garças e Barreiro, na direção da cidade de Barra do Garças; nas aldeias de *Tadarimana*, *Córrego Grande*, *Piebaga* e *Perigara*, sob a tutela exclusiva de postos indígenas da FUNAI, na bacia do Rio São Lourenço (cujo centro urbano mais próximo é Rondonópolis), e ainda os pequenos aldeamentos de *Jurigi*, *Praião*, *Pobore* e a Colônia *Teresa Cristina*, que, mais uma vez está tentando ser reativada.

Fonte: Bordignon, 1999

A forma tradicional das aldeias é circular, as residências familiares ou clânicas (basicamente oito) distribuindo-se planejadamente num raio ao redor de um centro, onde se ergue um grande ranchão, a "Casa dos Homens" ou "*baíto*", centro político e cerimonial que servia de moradia aos solteiros e de lugar de reunião aos homens casados. As aldeias são fundadas normalmente à beira de um córrego ou rio, perto de uma mata, e têm um plano de orientação espacial predeterminado, respeitando os eixos Leste-Oeste e Norte-Sul.

Cada aldeia conta aproximadamente com cem habitantes em média, e, levando em conta o aumento da taxa de nascimentos dos últimos tempos, pode-se calcular aproximadamente em 1108 a população Bororo atual. Deve-se lembrar aqui que os observadores antigos calculavam em 10.000 sua população original, antes das guerras de extermínio tanto militar quanto biológica (através das doenças), tendo chegado a reduzir-se a 500 nos anos '60 (Bordignon, 1987 : 34).

A aldeia de Meruri é diferente, fugindo do padrão tradicional, como o maior expoente da mudança e adaptação cultural sofrida nas relações com o colonizador: consta de três ruas de casas em ângulo reto, como os lados de um quadrado, sendo o quarto lado ocupado pelos prédios da Missão Salesiana. As casas são de tijolo, simples ao estilo caboclo brasileiro, e bem no meio, mas bem distante, encontra-se um galpão de material que cumpre a vez do *baíto*. A população também passa da média das outras aldeias, chegando a 250 ou 300 pessoas.

Os Bororo designam-se a si mesmos de *Bóe* ("homens, gente"), categoria que não emprestam para representantes de outras culturas, chamados de *Marege* ("índios não-Bororo"), *Kaiámo* ("inimigos"), e *Barae* ("civilizados"). O termo "Bororo" quer dizer 'pátio' ou 'aldeia', e designa uma área semicircular de terra batida junto à casa-dos-homens, limpa de qualquer vegetação, que servia de pátio de danças e local de cerimônias rituais.

Os exploradores que primeiro entraram em contato com esse povo, ouvindo os cantos executados pelos índios, perceberam a repetição freqüente da palavra 'bororo' que, às vezes, forçada pelo ritmo da música, era pronunciada 'bororó'. Esse fato gerou o atual etnônimo dessa nação (Bordignon, 1987 : 1) que em determinados contextos, é usado conjuntamente com o gentílico próprio, conformando o nome "Boe-Bororo".

Os índios aceitam de bom grado tal designação, até porque, ao nosso ver, faz referencia a um elemento associado a um traço central da sua personalidade base, o caráter *artístico* (ver pág. 96).

Como família lingüística, às vezes são incluídos na divisão ampla dos Macro-Gê, ressaltando-se as relações com as demais populações indígenas Gê, especialmente por determinados aspectos do sistema religioso (Viertler, 1990 : 21). Contudo, as novas gerações em Meruri preferem falar em português ⁽²⁾–

Outras vezes são referidos como lingüisticamente afiliados ao grupo Otuké. Segundo Galvão, integram uma outra área cultural ainda maior, cujos povos apresentam cerâmica simples, ausência de redes, tecelagem apenas de faixas de algodão, arte plumária desenvolvida, ausência de navegação, casas de duas águas e dispostas em círculo, casas-dos-homens, grandes aldeias, organização matrilinear por metades, grupos de festa, sociedades de função cerimonial, corridas com cilindros, competições esportivas, rico complexo cerimonial ligado a divindades solar e lunar, xamanismo desenvolvido, uso do tabaco, vários tipos de mascaradas, danças, e enterro secundário (Galvão apud Viertler, 1990 : 21-22).

Como já se disse, a organização de parentesco é matrilinear, exogâmica por metades (**Ecerae** e **Tugarege**) e uxorilocal, dividindo-se cada metade em quatro clãs. Cada clã tem atração e concorrência tradicional com vários outros, e é "proprietário" de certas plantas e animais, cores, cantos, danças, nomes, tradições, habilidades, segredos (estratégicos), utensílios, enfeites, pinturas corporais, propriedade essa toda especial que proporciona muita individualidade tanto às pessoas quanto às unidades sociais referidas.

Os Bororo são tradicionalmente caçadores, pescadores e coletores, dedicando-se pouco à agricultura. Pequenas roças de algodão, milho e fumo nativos eram cultivadas pelas mulheres, que na divisão tradicional do trabalho, também coletam frutos silvestres e

2

Além da observação de campo, uma comunicação pessoal da coordenadora do Projeto de Educação Indígena Tucum nos convenceu desta preferência, relatando-nos uma votação entre os professores Bororo de diferentes aldeias sobre a implantação de uma primeira língua nas salas de aulas: unicamente os de Meruri votaram pelo Português.

preparam o alimento. Mas as caçadas e as pescarias eram grandes empreendimentos masculinos individuais ou coletivos facilitados pela região rica em recursos naturais, podendo durar meses, e requeriam preparação ritual elaborada e prolongada.

Grandes festas faziam para quem matava uma onça, sendo considerado quase um herói, o ideal masculino, e festas quase iguais para quem matava um gavião real. Na caça aos pássaros muita importância tinha o abate de araras, que procuravam apanhar vivas e criá-las a fim de aproveitar suas penas para confeccionar belos adornos. Eram habilíssimos pescadores com redes, armadilhas, timbó, flechas e até com as mãos, gostando de mergulhar na água (Bordignon, 1987 : 3), porém nunca se destacaram na confecção e manejo de canoas.

Hoje, depois de um longo processo de contato e mudança cultural, os papéis tradicionais na divisão do trabalho foram trocados: os homens não fiam mais, e as mulheres não mais cultivam a terra; as caçadas e as coletas foram reduzidas a um mínimo, até porque rareiam os animais e os frutos em áreas tão reduzidas.

As pescarias são ainda fonte de alimento e de renda em algumas aldeias, porém seu caráter sócio-religioso está ameaçado, pois deviam ser assistidas pelo **bári** (um dos dois tipos de xamã, hoje existindo apenas em número de dois), sem o que alguns dos peixes não podiam ser comidos.

As atividades econômicas são muito reduzidas na atualidade, limitando-se a algum trabalho assalariado em fazendas vizinhas, confecção de artesanato (que, apesar de continuar sendo muito hábeis, têm dificuldades para vender), pesca, coleta, pequenas roças, e principalmente a recepção de aposentadorias rurais por parte dos mais velhos, que são distribuídas familiarmente. Em muitas oportunidades os Bororo passam mesmo fome...

Os Bororo sempre se deslocaram e migraram muito. Mesmo depois da fixação compulsória nas reservas indígenas, continuam-se deslocando de uma área para outra (usando atualmente, é claro, as vias de comunicação e transporte do "civilizado") por variados motivos: especialmente por ocasião de funerais, migrações sazonais em busca de alimento, visitas, e rixas individuais, familiares e clônicas. A existência de elaboradas regras de saudação, etiqueta e hospitalidade para receber os visitantes extra-aldeia é uma expressão institucional dessa intensa migração tradicional (Viertler, 1988).

Contudo, a instituição Bororo por excelência é o *funeral*: talvez não haja povo no mundo que "*saiba cuidar melhor dos seus mortos*", tendo-se transformado em expressão da sua identidade étnica (Viertler, 1991).

Por ocasião da morte de um Bororo (que antigamente os **bári** tinham o direito de apressar e até de determinar a data), executam longos e complexos rituais que duram de um a três meses, e que reordenam as relações inter e intratribais e toda a vida quotidiana. No funeral manifestam-se todas as tradições, a vida espiritual, artística, social, emocional e material, e sua produção é considerada como "trabalho" no mais alto grau: produção de enfeites, danças, cantos, representações, lamentos, cortes com sangramento, zunidores secretos, refeições, jogos competitivos, e o longo processamento do cadáver em dois enterros sucessivos, primário e secundário, até obter ossos limpos e enfeitados com penas coloridas em um cesto trançado que ia para o fundo de uma lagoa (Viertler, 1991; Albisetti & Venturelli, 1962; Lévi-Strauss, 1970).

É durante os rituais, e na comunicação com as almas (**aróes**), que os Bororo fumam e bebem muito, tradicionalmente bebidas com lama branca, tanto por seu valor simbólico como para poder resistir aos longos e extenuantes esforços físicos das danças e representações. Também consumiam o "**iwóro**", bebida fermentada do palmito de acurí, que requeria vários dias para obter-se quantidades consideráveis. Hoje têm trocado, em grande medida, estas bebidas tradicionais por água com açúcar, refrigerantes, chá mate, café e bebidas alcoólicas, e também apresentam já um hábito *compulsivo* de fumar.

2.2 - O COMPORTAMENTO ALCOOLICO

Desde que os brancos introduziram as bebidas destiladas entre os Bororo, seja em 1718, na baixada cuiabana, em 1810 na região de Cáceres, em 1886 no vale do São Lourenço, e em 1970 nas Missões Salesianas (Bordignon, 1996), eles vêm mostrando uma predileção pelo álcool etílico reconhecida por todo mundo, inclusive por eles mesmos, conformando de forma inevitável uma identidade que inclui o traço de bebedores contumazes.

É necessário apontar que várias sociedades indígenas brasileiras, entre elas os Carajás, os Krahós, os Zorós, bebem atualmente com a mesma amplitude e intensidade que os Bororo (Barros, 1997). Todavia, o que diferenciou este dos outros povos, foi a rápida *difusão* no tempo do contato, e como decorrente disso, a *tenacidade* e *antigüidade* do problema. Uma outra coisa a se pensar seria a *resistência* que manifestam, pois parece que existiram outras etnias de antigo contato para cujo extermínio supostamente colaborou o álcool, como, segundo Moura, aconteceu com os Paiaguás:

"Outra causa da decadência dos Paiaguás foi o vício da embriagues" (Azara apud Moura, 1984). "Findas as guerras, as doenças trazidas pelo branco e a embriaguês se encarregaram de acabar com o que restara do outrora aguerrido povo Paiaguás" (Moura, 1984)

O gosto e o costume de beber é generalizado entre todos os Bororo: homens principalmente, e mulheres, velhos e jovens, bebem ou já beberam em alguma época, de maneira social ou de forma manifestamente dependente; é uma minoria que se abstêm com muito esforço, dado o meio ambiente tentador, e depois de um tempo variável, as recaídas são quase certas.

Quando perguntados, todos admitem que gostam de beber, mesmo que não estejam fazendo-o atualmente. Os indivíduos mais abstêmios, seja por autocontrole assumido como um valor, ou por valores cristãos, admitem que gostam do álcool em alguma das suas formas, que bebem socialmente sem exagerar, ou que se embebedam "uma vez por ano".

Foi feito um levantamento estatístico de tipo epidemiológico por categorias de alcoolistas nas aldeias de Meruri e Garças em 1996, com um grau de precisão muito grande, porque os autores conhecem pessoalmente os consumidores um a um (Bordignon, 1996).

Segundo este estudo, em Meruri, entre 158 adultos maiores de 16 anos (idade aproximada da iniciação), 58 são manifestamente dependentes (36.7 %). Dos 100 restantes, 63 bebem socialmente, e 37 são abstêmios. Em termos brutos, 70.9 % consomem álcool sistematicamente. Dos 58 dependentes, 40 são homens (68.9 %) e 18 mulheres (31.1 %), e 67.3 % tiveram pais "alcoólatras"(idem).

Ainda segundo esse levantamento, em Garças, uma aldeia pequena, os números são mais altos: dos 29 adultos que compõem toda a aldeia, 16 são dependentes (55 %). Dos 13 restantes, 10 são abstêmios, enquanto 3 bebem socialmente. Dos 16 dependentes, 10 são homens (62 %) e 6 mulheres (38 %) (idem). É interessante apontar que os números aproximam-se de estudos epidemiológicos de povos indígenas norteamericanos consumidores de álcool (Menendez, 1990).

O contato com a realidade, através das entrevistas ao longo de dois anos, foi nos desestimulando a respeito da adequação de estudos estatísticos, categorias e epidemiologia nos marcos tradicionais, e pondo em questão o próprio conceito de alcoolismo, que, a nosso ver, concluímos, não se aplica à população Bororo por várias razões.

Todos os observadores consultados, inclusive Bordignon, concordam em afirmar que o hábito de beber álcool entre os Bororo **não segue os mesmos padrões que entre a população geral**. Estes índios bebem de forma intermitente, e inclusive os mais crônicos passam períodos (curtos ou longos) sem beber, coisa que seguramente dispararia uma "síndrome de abstinência", com sintomas de sofrimento agudo, nos alcoolistas da população geral, dada a dependência física que neles se configura, o que não acontece com os Bororo.

Ora, o alcoolismo, como é definido pela OMS e pela medicina moderna (Milan & Ketcham, 1983) (Ey et al, 1974), implica em um comportamento crônico, numa "carreira alcoólica" que, dado um determinado momento (beber todos os dias, beber de manhã em jejum), não é mais possível de parar espontaneamente, correndo o risco de uma crise aguda se há abstinência forçada, dado o nível de impregnação celular, que transmuta o próprio metabolismo básico do organismo.

O médico José Fábio Mendes de Oliveira, desde 1986 trabalhando na FUNAI, Fundação Nacional do Índio, na Unidade de Saúde em Cuiabá (dentre outros agentes de saúde entrevistados ao respeito), acha que os Bororo não conformam muito o quadro de alcoólicos crônicos pois bebem *intermitentemente*, não apresentando doenças do fígado nem outras tipicamente associadas com o alcoolismo entre os brancos, a não ser crianças com problemas neurológicos nascidas de mães alcoolistas (Entrevista pessoal, 1998).

A explicação dessa diferença no padrão de dependência física, além de fatores genéticos e metabólico-enzimáticos que precisariam de uma pesquisa específica entre os Bororo, está, a nosso ver, em uma razão prática, pois estes índios *nunca tiveram acesso à bebida destilada de maneira contínua e permanente*, basicamente por motivo econômico, e pela distância dos locais de fornecimento.

Está aí outra diferença dos comportamentos entre as aldeias: em Garças se bebe quando chega a aposentadoria e até acabar, quinze dias de bebedeira geral, quinze dias de abstinência, e nas mais afastadas das cidades o hábito é mais circunscrito à situação. Por exemplo, no meio do Pantanal,

"...só quando 'o barco' sobe, aí então uma semana por mês de bebedeira. Bororo bebe só quando têm oportunidade, e eles bebem enquanto não acabar, igual fazem com a comida, eles não guardam... O índio na cidade bebe sempre porque tem fornecimento" (Mara Rúbia Enoré) (-)

Bordignon (1996) reforça este padrão com mais detalhes:

"Bororo bebe quando aparece a ocasião, daí o fato de ser um alcoolismo todo peculiar. O bebedor mais inveterado, se não aparecer a ocasião é capaz de ficar uma, duas ou até três semanas sem beber. Mas depois disso dá um jeito para recuperar o tempo perdido. Ou vá na cidade e bebe logo 'até cair' ficando uns dias por lá, ou volta para a aldeia bem abastecido de pinga ou álcool para beber à vontade".

A outra grande razão é que o conceito de Alcoolismo foi construído, como já se disse, usando um marco referencial **clínico individual**, tipo de representação e abordagem próprios da medicina científica ocidental, e quando entramos em contato com a realidade dos fatos observamos não se tratar de "alguns casos", ou "uma parte" da população, mas de uma coletividade inteira: o normal, entre os Bororo, é beber álcool; os abstêmios são exceção.

O padrão de consumo alcoólico mais ajustado à realidade mutante entre os Bororo que bebem muito, aproxima-se do que tradicionalmente se denomina "**dipsomania**", ou "**alcoolismo explosivo**". Vejamos a definição:

- Mara Rúbia Enoré é Paresí, casada com Bororo, morou muitos anos na aldeia de Perigara trabalhando como enfermeira da Funai.

"**condutas alcoólicas paroxísticas e intermitentes, periódicas, raramente regulares** (*) precedidas de sinais premonitórios como lassidão, tristeza, desgosto de viver, insônia, inapetência, excitação sexual, etc. Trata-se de uma necessidade imperiosa, absoluta, irresistível, que afugenta da consciência qualquer outra representação. *Após o primeiro copo o doente é incapaz de se deter* (**), bebe sem freio até a embriagues amnésica. Com frequência o acesso acompanha-se de comportamentos bastante estranhos, totalmente em contraste com sua personalidade normal : fugas, pensamentos e ações criminais, comportamento sexual anormal, e inclusive suicídio. Existe uma *perda completa de controle* (*): "Eu não quero beber, porém tenho que beber". Habitualmente o doente é encontrado depois completamente obnubilado, em qualquer canto. Então experimenta remorso, desgosto, e depois da saída da confusão e do torpor apresenta um estado de matiz melancólico mais ou menos acentuado" (Ey et al., 1974 : 365-366).

(*) o sublinhado é nosso (**) o sublinhado é do autor.

Palavras mais, palavras menos, essa definição coincide com a descrição de Bordignon (1996) e com as nossas próprias observações, numa tentativa, repetimos, de encontrar um padrão para comportamentos aparentemente não padronizados.

"Se for álcool de farmácia ou de carro, no começo ele é 'temperado' meio a meio com água, açúcar e limão, mais tarde é bebido puro 'até cair'. Geralmente toda a aldeia acompanha todas as fases da bebedeira"... (primeiro, euforia e gritos rituais; depois, choro ou brigas violentas; e finalmente, cair anestesiado por horas) (idem : 3).

Um outro padrão que emerge da observação, é a ingestão **sempre socializada** do álcool entre os Bororo, em contraste com o padrão privado e até escondido que se infiltra no alcoolatra crônico das nossas sociedades globais *uma vez que se define sua dependência química* (pois até então é socializado, até como uma desculpa ou racionalização da dependência crescente). Este padrão quase sempre grupal coincide com o de todas as sociedades indígenas afins ao álcool estudadas nos E.U.A (Wadell & Everett, 1980), Canadá e Austrália (Simonian, 1997), com a ressalva de um vago padrão individualista que estaria se infiltrando ultimamente em Meruri (ver mais adiante).

No dizer de Viertler :

"Quando atinge uma proporção considerável da população de uma comunidade, e envolve chefes e personalidades importantes como pontos de referência social, o alcoolismo se torna um "estilo de vida", engendrando estratégias de comportamento que seguramente marcam profundamente as novas gerações"

"O consumo sistemático de bebida alcoólica (...) quando atinge grande número de Bororo de uma mesma comunidade, engendra um modo de vida diferenciado, uma 'cultura Bororo alcoolista' associada a formas de confraternização e sociabilidade (...), se propaga entre jovens e crianças, e envolve até a iniciação destes últimos, que por vezes não passam dos 10 anos de idade". (Viertler, 1998 : 8 - 9)

As crianças, eventualmente, brincam imitando os adultos nos seus estados de embriaguês. Na escola, em dramatizações, esse tema foi escolhido espontaneamente por eles para ser representado, o que pode ser observado nas fotografias à página seguinte. Note-se a criança assustada que observa pelo vão da porta: isto é uma amostra do que passam os infantes quando seus pais ficam com a consciência alterada pelo álcool. E denuncia como estão sendo incorporados por imitação os comportamentos alcóolicos já institucionalizados.

Pudemos testemunhar diretamente em várias ocasiões a queixa (e o embaraço, pois em certa forma era uma pequena traição) de vários indivíduos sobre o fenômeno da pressão grupal para beber; e o cuidadoso planejamento de roteiros evitativos, quando queriam cruzar a aldeia, para esquivar-se do convite de bebida por parte de colegas, parentes ou vizinhos. Como diz Bordignon:

"O comprador de bebida alcoólica, geralmente já um pouco tomado *faz questão de chamar os companheiros mais próximos para beber juntos* (*). Se alguém recusar ele insiste até o outro tomar um gole que depois costuma puxar vários outros. Culturalmente falando, para o bororo recusar um presente é uma afronta muito grande, (...) e tem anciãos estimados por todos, os mesmos que denunciam publicamente os abusos das bebidas alcoólicas, que não sabem dizer não a qualquer oferta de bebida" (Bordignon, 1996 : 2).

"Os Bororo são gozadores (...). Fazem gozação para quem não bebe, quem está fora do 'círculo'; tem que fazer igual aos outros; os que bebem tem mais 'dinamismo' entre eles: 'tem que fumar', 'tem que beber, se não Você não é homem' " (Cecílio Poriréu Aijako, entrevista pessoal).

"Tem muita gente que insiste para eu beber, sempre, querem me derrubar, tipo uma inveja: "como que ele não bebe?! bebe só um pouquinho!". Têm outros

jovens que não bebem, que também se controlam, mas acabam caindo, são mais fracos, eu sou mais firme" (Jair Mendes Cibae Etaiwu, entrevista pessoal).

A importância desta pressão grupal é tanta no reforço do comportamento alcoolista, que mereceria pesquisas específicas.

No começo desta pesquisa, existia em Meruri só uma família que vendia álcool, e assim o fornecimento direto era quase impossível; porém, ao final, eram quatro famílias que o faziam, sendo a venda de pinga em forma de garrafinhas pequenas ("**paribá**"), uma facilidade cotidiana: de longe, gritos característicos denunciavam grupinhos de bêbados passando a tarde, mas é comum encontrar, na paz relativa dos lares, muitas pessoas meio embriagadas, que, não fosse a observação do pesquisador, ou uma visita de parentes, passariam despercebidas. Talvez em Meruri o padrão individualista de consumo esteja-se infiltrando...

Um outro aspecto importante deste alcoolismo "explosivo", quando está instalada a embriaguês, são as situações de **tensão** que criam nos espectadores que não participam da bebedeira. Um caso é a intromissão inesperada nas casas no meio da tarde; um outro é a violência desatada que deriva facilmente em impulsos homicidas em sujeitos normalmente tranquilos. Vejamos a expressão de uma Sra. índia vendo o genro envolvido em forte briga física e verbal com uma mulher de outra aldeia:

"Rápido! Escondam todas as facas antes que ele entre em casa !" (... e o tal encontrou uma foice no fundo do quintal...) "Não é só ameaça, quando se embebeda ele é capaz de matar, sim", esclarece ela para nós. (Observação pessoal, Meruri, 1998).

Finalmente, são freqüentes as súbitas "*viradas de mesa*" e condutas "*escandalosas*" feitas em público em cerimônias oficiais.

Viertler (1998) recorda várias ocasiões famosas em que se deram estes alvoroços, como a de um encontro do Mercosul em Corrientes, Argentina, onde os Bororo (unicamente) se embebedaram com vinho, bebida social sempre presente nas refeições daquele país, e fizeram um escândalo público que é lembrado até hoje; e notadamente aquela em Europa quando os Bororo, levados pelos salesianos, se apresentaram

bispos e cardeais de Turim, e já bêbados, tiraram a roupa e se puseram a dançar encima das mesas, como se verá mais adiante com mais detalhes.

Assistimos pessoalmente cenas onde as irmãs salesianas tentavam segurar (com argumentos) os avanços de um índio bêbado para dentro da missão, e lembravam aterrorizadas outras investidas da mesma índole, com ataques de quebra-quebra.

Escutamos grupos de pessoas cantando aos brados, homens avançando sexualmente ou brigando, madrugada afora, qualquer dia da semana, mas especialmente depois dos bailes. Em algumas casas, as crianças choravam por estar assistindo esse tipo de cenas involuntariamente.

No dia seguinte de um baile, testemunhamos as índias que trabalham na missão rindo baixinho ao ficar sabendo do medo do mestre salesiano que não quis atender no meio da noite quem veio bater na sua porta e pedir ajuda, para consertar os altofalantes.

Uma intenção implícita de **assustar**, de **provocar**, ou mesmo de **desconcertar**, pelo menos nas relações interétnicas, se depreende destes episódios, e suas implicações serão desenvolvidas mais adiante, na tentativa de explicação sociocultural e psicodinâmica, quando colocemos as hipóteses de resistência cultural e vingança histórica.

2.3 - HISTÓRIA DA "PACIFICAÇÃO"

É um pressuposto amplamente aceito entre os investigadores da alcoolização indígena, seja na América do Norte ou do Sul, que o álcool destilado foi usado pelos conquistadores como uma *arma de dominação e extermínio* (Simonian, 1997; Waddel & Everett, 1980; Menendez, 1990).

Como a colonização europeia nas Américas coincidiu no tempo com a expansão da produção e consumo do álcool destilado em todo o mundo, ingleses, espanhóis e portugueses foram percebendo o efeito deletério que causava em algumas populações indígenas a ingestão do álcool, subjugando-as rapidamente, e passaram assim a usá-lo estrategicamente.

"La introducción de bebidas alcohólicas destiladas y la derogación de las antiguas reglas tuvieron un efecto desmoralizador en la población indígena. Más aún, los españoles pronto reconocieron y utilizaron el alcohol como instrumento imperialista... El alcohol era una de las pocas cosas que los españoles tenían y los indígenas deseaban vehementemente y por lo cual contraerían deudas y se venderían como esclavos junto con sus hijos... (Bunzel apud Menendez, 1990: 39).

"(...) foram tratadas como sociedades inferiores, indesejáveis, fracos e atrasados, ou mesmo infantis. Eles eram objetos perfeitos de conquista, ou ao menos de conversão aos valores da única verdadeira civilização, aquela representada por comerciantes, missionários e grupos de homens equipados com armas de fogo e aguardente (Hobsbawn apud Oliveira Lopes, 1999)

"Antigamente o branco matava o índio a tiro, hoje mata com garrafas de pinga" (Comunicação pessoal de um velho Bororo a Bordignon, 1996).

Mas nos Bororo não houve só uma subjugação política e cultural: uma mudança muito grande no comportamento e na personalidade aconteceu através do processo de pacificação, então se faz necessário levantar essa história tão específica.

As bandeiras luso-paulistas internaram-se no Brasil central afim de expandir as fronteiras, buscar ouro e prear índios, mas o contato, as guerras e as políticas a eles relacionadas, suas culturas e costumes tão variados, merecem um detalhamento para poder situar a nação Bororo e suas vicissitudes.

Há uma discussão entre os historiadores matogrossenses se a índole original dos Bororo era guerreira ou não. Há margem para representá-los como pacíficos, coisa que não cabe aos outros povos que se enfrentaram com os conquistadores do Centro-Oeste no "Caminho das Monções" primeiro, e a "Estrada para Goiás" depois, como os Guaicurú, os Paiaguá, os Kaiapó e os Guató. Essa discussão é produtiva porque diz respeito à nossa hipótese sobre o processo de adaptação e sua relação com o álcool, o aspecto psicodinâmico da "pacificação" imposta aos Bororo e aceita por eles.

"Los indios más inmediatos á Cuyabá, por el norte, son los Paresis y los Barbudos: estos nunca se rinden á los portugueses, porque ó han de vencer, ó han de quedar muertos en la refriega. Por el nord-este están los Indios Bororo: estos tienen la simpleza de que, aprisionada por los portugueses alguna india de su nación, luego se vienen los parientes inmediatos á entregar y servir al portugues que la tiene en su casa" (Quiroga, 1910)

Para alguns, os Bororo eram bem conhecidos tradicionalmente *até o século XVIII* (e não depois) como **aliados** dos portugueses e dos bandeirantes nas guerras contra as outras nações indígenas altamente resistentes e nas campanhas contra os missionários castelhanos:

"Antes mesmo do descobrimento de Cuiabá, havia em São Paulo índios Bororo tirados destes sertões, os quais já domesticados serviam de guia aos sertanistas para a conquista de outras nações de que não tinham notícias" (Caldas, 1887 :

18) ... "A bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, chamado o Anhanguera, que penetrou nestes sertões (descobridor das minas de Goiás) no século XVII, foi guiada pelos Bororo" (idem : 46).

Inicialmente **pacíficos**, eram domesticados facilmente e formaram varias vezes grandes regimentos de até 600 índios, que combateram lado a lado com os "soldados do rei", especialmente sob as ordens de Antônio Pires de Campos Filho (Carvalho apud Viertler, 1990) a quem chamavam de "Pay Pirá" (Bordignon, 1987).

Bordignon (1987) chega a contabilizar oito campanhas no século XVIII contra nações indígenas resistentes nas quais a presença dos Bororo como aliados foi essencial para seu sucesso, e cita o governador de São Paulo e Minas quando escreve ao rei de Portugal em 1741:

"que a gente própria para fazer guerra ao gentio Caiapó é outro gentio junto com alguns brancos e os Bororo melhor que todos pelo seu valor e fidelidade para com os mesmos brancos" (idem : 11).

Na região de Cuiabá havia, entre 1719 e 1744, "*Bororo domésticos*" e "*Bororo dos bandeirantes*", ambos à serviço do branco, no dizer de Viertler (1990). Mas as opiniões eram mesmo contraditórias, dependendo, ao nosso ver, da posição ideológica ou religiosa do observador, ou mesmo do estágio da "pacificação" das diferentes aldeias Bororo, como veremos mais adiante. Esta única citação é significativa:

"Em 1733 o conde de Sarzedas, governador da Capitania de São Paulo, ao lado de incisivas recomendações visando a destruição dos Paiaguás, incita o T.Gal. Manuel Rodrigues de Carvalho a prosseguir 'em campanha contra os mais gentios infestadores do Cuiabá, sobretudo quanto aos Bororos'. Que esta campanha foi sistemática parece indicar o relato que o ouvidor João Gonçalo Pereira faz ao general, segundo o qual encontrara em 1735 na Vila de Cuiabá 'Bororos injustamente aprisionados como os últimos e da maneira mais perfida, pois quando os seranistas lhes invadiam as terras, eles se entregavam de paz sem nunca fazer guerra aos civilizados'" (Taunay, 1949 apud Novaes, 1993)

Taunay, na "*História das Monções Cuiabanas*", transcreve uma opinião a esse respeito: "*Os Bororo, insignes trilhadores, hábeis seguidores de rastos de pessoas ou animais, valorosos com os demais gentios e humildes para com os brancos*" (Taunay apud Bordignon, 1987 : 3)

Por outro lado, os Bororo foram bem conhecidos como cruéis guerreiros, donos de habilidades estratégicas particulares, de vigilância pacienciosa e ataques inesperados, em formação de guerrilhas totalmente camuflados, que viraram o terror, o inimigo número um das populações "civilizadas" (fazendas, cidades, arraiais, viajantes) até fins do Século XIX.

Por quê os Bororo, diferentemente de outras nações na época da conquista, apresentavam-se por um lado como facilmente domesticáveis, guias, e 'soldados do rei', e ao mesmo tempo "inimigos irreconciliáveis" que tiraram o sono dos colonizadores até 1886?

Vários fatores podem esclarecer essas contradições: primeiro, a quantidade de nomes que esses índios receberam -Porrudos, Coroados, Coxiponés, Araés, Aravirás, Aripoconés, Cabaçais, da Campanha, etc-, só bem tarde, em 1851, sendo reconhecidos como uma nação única por Augusto Leverger, o Barão de Melgaço (Bordignon, 1987 : 1). A não identificação dos Coroados como Bororo, pelo menos a nível popular, está bem descrita por Steinen (1940 : 570) ainda na época da sua viagem, em 1887.

Segundo, as bandeiras atacavam de surpresa as aldeias novas que encontravam sem averiguar se a natureza dos índios era pacífica ou guerreira, como foi o caso dos Coxiponés por Antônio Pires de Campos, que logo depois se vingaram defensivamente contra a bandeira de Moreira Cabral, nas margens do rio Coxipó, perto de onde foi fundada Cuiabá (Viertler, 1990; Bordignon, 1987).

Aliás, a fundação de Cuiabá (por causa do ouro) mostrou aos Bororo, habitantes naturais da região, as verdadeiras motivações desses brancos que até então peregrinavam sem rumo certo: desse momento em diante seriam os *donos* dessas terras, e isso não podia ser compartilhado com nenhum outro povo das redondezas, que convertiam, *ipso facto*, em escravos, (usados como aliados), ou inimigos.

Terceiro, a política e organização individualista dos chefes Bororo pode explicar reações diferentes, decisões diferenciadas entre os caciques com respeito ao inimigo (de se entregar e colaborar ou de resistir), como vários episódios assim o indicam (Albisetti & Venturelli, 1962; Bordignon, 1999).

Sustentamos que não há como duvidar da grande **agressividade defensiva e vingativa** dos Bororo que resistiam aos colonizadores, para além das análises sobre a natureza guerreira ou não dessa nação.

Mas um olhar mais atento revela que a pacificação dos Bororo não se deu num bloco, nem num mesmo período de tempo, mas por múltiplas etapas e com inúmeras vicissitudes, com a diferença de cento e oitenta e seis (186) anos entre o primeiro contato "oficial" em 1716 (ataque de Pires de Campos aos Coxiponés) e a pacificação do último remanescente feita pelos salesianos em 1902 na colônia dos Tachos (Viertler, 1990; Bordignon, 1987).

Um documento de 1848 da Diretoria Geral dos Índios dá-nos uma pista de como se desenvolveram as coisas neste longo processo contraditório, quando estabelece as políticas indigenistas do governo de Mato grosso, classificando as sociedades tribais em três categorias:

"1ª. As que vivem sob nossas vistas; a 2ª. As que vivendo ainda no primitivo estado de independência, todavia relacionão-se connosco, e a 3ª. As que nos hostilizão e mostram-se não dispostas a mudarem seu modo de existência" (Relatório do Diretor Geral dos Índios, 1848, citado por Barros, 1989 : 183).

Essas "categorias" em seu conjunto expressam um contínuo entre dois pólos, ou seja, de "mansos" a "bravos ou hostís", e o conceito de "dócil" ou "submisso" tem por parâmetro a relação que estabelecem com os colonizadores, a despeito de existirem guerras inter-tribais. As relações de conflito entre sociedades tribais são *utilizadas* para atingir metas pré-estabelecidas (cf. Barros, 1989 : 190).

A primeira categoria era composta por sociedades indígenas que representavam mão de obra para produção de gêneros de primeira necessidade (em suas próprias aldeias ou em fazendas), e para troca por bens manufaturados; povoamento de áreas de fronteira com os espanhóis, e depois com Bolívia e Paraguai; e facilitação de rotas fluviais e terrestres, tanto para viajantes como para mercadores; estabelecem-se instruções de manter relações de amizade e fazer doações de brindes, para futura *utilização* para redução de outros grupos (idem : 191).

Nessa categoria encontramos, entre outros, os Bororo da Campanha e os Cabaçais (depois englobados como "Bororo Ocidentais"), importantes os primeiros por sua localização na divisa com a Bolívia, e os segundos por se fazerem presentes na rota comercial terrestre que ligava Cuiabá a Mato Grosso (Vila Bela) (idem : 190).

Os Bororo da Campanha, além de trocar excedentes por fazenda, ferramentas e aguardente, apreendiam desertores e escravos que fugiam para a Bolívia, garantindo assim o retorno de mão de obra escrava e militar para a província (idem : 190).

Antes aguerridos, apresentaram também resistência aos colonizadores, chegando a atacar a própria capital, Cuiabá, mas foram reduzidos a um mínimo e escravizados em uma fazenda depois da matança de 500 pelo Coronel João Pereira Leite com a licença do Rei de Portugal (Bordignon, 1987; Viertler, 1990; Florence, 1977; Steinen, 1940).

Algumas fontes históricas referem a pacificação dos Cabaçais ao Padre José da Silva Fraga, vigário de Vila Bela, que por meio de persuasão, brandura e brindes conseguiu atraí-los para uma fazenda em Jaurú (Caldas, 1887; Steinen, 1940).

Na fazenda Jacobina, perto de Cáceres, o principal gênero de cultura era o da cana de açúcar, usada para fabricar *aguardente*, "*muito empregada nas relações com os Bororo*"

(Florence, 1977 : 182). Vejamos como este autor descreve o encontro da expedição Langsdorff com os Bororo Ocidentais:

"Uma velha tinha o braço esquerdo estropiado por uma bala que recebera da gente do tenente coronel por ocasião da guerra que este movera à tribo, em consequência das rapinas e assassinatos que faziam nos escravos da Jacobina"

"Tinha um dos índios na virilha direita um bubão, do qual saía pus que lhe corria pela coxa. E' um dos presentes dos europeus, pois os selvagens que com eles não têm relação, não conhecem esse mal"

"Dizia-se o cacique tenente-coronel e chamava-se João Pereira Leite, nome que tomara do nosso anfitrião, de quem era afilhado. Apesar, porém, do batismo, não ficara menos selvagem.(...)"

"Dona Ana mandou entrar os seus agrestes hóspedes na cozinha grande: fez-lhes dar de comer e **distribuir aguardente, com a qual quase se embebedaram, o que teria acontecido se dependesse deles.** Voltaram para o pátio, e sendo convidados, executaram seus jogos e dançados"(Florence, 1977 : 190; o grifo é nosso).

Vários autores afirmam que os Bororo Ocidentais encontram-se destribalizados, miscigenados, e praticamente extintos (Hartmann e Ribeiro apud Viertler, 1990 : 55).

"Não puderam suportar a civilização por meio de sífilis e cachaça" (Steinen, 1940 : 586).

Voltando à terceira categoria, a de "bravios" e "traíçoeiros" do documento de 1848 da política indigenista, figura a tribo dos Coroados junto com a dos Cabixi, destacados por atacarem moradores de arraiais e sítios próximos a Mato Grosso (Cabixi) e próximos à capital da província (Coroados, note-se que não reconhece-se ainda pertencerem à nação Bororo) (Barros, 1989).

Contra eles já se haviam expedido várias bandeiras, com o objetivo de destruir o maior número possível de pessoas, e a estratégia para a sujeição dessas duas sociedades continua sendo a mesma: expedir bandeiras e aprisionar índios que posteriormente serviriam de intérpretes e intermediários; caso continuassem resistindo, a orientação era a de exterminá-los à força (idem : 192).

Contra os Bororo orientais, várias expedições foram mandadas atendendo à política indigenista e ao clamor público para reprimí-los, com resultados muito adversos pois cometiam atos de barbaridade que provocavam mais vinganças e causando grande despesa (Caldas, 1887 : 19-20).

Houve muitas "correrias" e "caçadas" ao longo do século XIX, com trágicas mortes e seqüestros de ambos os lados; um exemplo dessa guerra aberta foi a bandeira organizada em 1878 com 70 índios Terena, para "expulsar os Bororo, sendo a ordem secreta de matar quantos pudessem". Tão feroz foi a caçada que o capitão ofereceu ao Presidente do Estado um saco cheio de orelhas (Viertler, 1990; Bordignon, 1987).

Os Bororo se vingaram atacando a famosa fazenda do Aterrado matando quantos nela moravam, e os documentos da época relatam ainda 43 incendios de casas, a morte de 204 pessoas e o ferimento de 27, nunca relatando quantos Bororo eliminaram as bandeiras que foram contra eles (Bordignon, 1987: 20).

Incrementa-se uma política mais agressiva ainda com relação aos Coroados através de várias expedições militares comandadas pelo famoso Tenente Coronel Antônio José Duarte (nessa época alferes) (Barros, 1987) que consegue a **pacificação definitiva** de grande parte da nação (toda a população da bacia do rio São Lourenço) através do episódio conhecido como o da "Rosa Bororo", e que precisa ser reconstruído dada a imensa significação de que se reveste para a história que nos interessa.

É necessário adiantar dois eventos, indispensáveis para entender o que seguiu: nas muitas caçadas que se fazia aos Bororo, trouxeram-se em 1881 algumas índias prisioneiras, que moraram em Cuiabá, dentre elas *Cibae Modojobado*, a Rosa Bororo, que juntamente com uma filha, foi entregue aos cuidados da esposa de um major, que criou a menina e cuidou da mãe (Viertler, 1990).

O outro foi o terror supersticioso que tomaram os índios do Alferes Duarte quando uma flecha disparada contra ele bateu numa bolsa de couro com uma chapa de metal que levava a tiracolo, supondo-o protegido pelo '*Bope*' (espírito maléfico), evitando-o o mais possível e esgueirando-se sutis com a habitual sagacidade toda vez que o pressentiam" (Mello Rego apud Viertler, 1990).

O novo Presidente da Província, Galdino Pimentel, muda a política punitiva seguida até então e resolve tentar com meios de brandura e conciliação, e

"em 1886, visando seguir as instruções do Presidente, Duarte fez-se acompanhar das índias já civilizadas, dentre as quais Rosa Bororo, cujos filhos ficavam como refêns na capital, usando-as para persuadir seus parentes da aldeia (...) a aceitar a submissão e as vantagens da vida civilizada. As Bororo tiraram a roupa e pintaram-se

de urucu, a fim de que não fossem mortas pelos companheiros (...) e aproximaram-se, sozinhas, da aldeia onde foram recebidas com entusiasmo.(depois de uma semana) Persuadidos, os Bororo vieram ao encontro da expedição de Duarte (...) para **depor suas armas**, arcos ornados com penas, em sinal de submissão e aliança (...). Mas Rosa, que voltara a se vestir apresentou-lhes os caciques e fazia o papel de intermediário, evitando rixas que pudessem reavivar as hostilidades" (Mello Rego apud Viertler, 1990; os grifos são nossos).

A característica que é necessário realçar aqui, é a de as índias terem sido **usadas** como isca, sob ameaça de matar seus filhos, para conseguir a pacificação de qualquer maneira. A historiadora Ana Paula de Oliveira Lopes, da UFMT, encontrou um documento que não deixa dúvidas sobre o aspecto de *traição pensada* desse evento:

"em 1881, quando se recolherão as forças expedidas pelo então presidente Visconde de Maracajú, trouxeram algumas prisioneiras das quais tomei uma índia que fiz batizar com o nome de Rosa, e depois de quasi cinco annos em meu poder e preparada completamente para o fim que tinha em vista, fiz seguir acompanhada de algumas outras para o sertão, como intérprete, para aliciar os índios bravios da sua tribu e trazendo em resultado a submissão total dessa numerosa nação" (Documento do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, Lata G de 1887, citação de Oliveira Lopes, 1999)

Por causa disso a Rosa Bororo foi banida da sua comunidade, terminando seus dias numa aldeia Bakairi por ter casado com um destes (Izanoel Sodré, indigenista, comunicação pessoal). Rosa casou com Antoninho, o famoso guia de Steinen, separou-se mais tarde, e morreu em 1913, na aldeia Bakairi fundada por seu filho, José Coroadado (Barros, 1992), sendo muito ilustrativas suas últimas palavras a este: "*Não confies nos brancos, só agradam quando precisam*" (Bordignon, 1987 : 21).

"Acha-se, felizmente, quasi que pacificada a numerosa e terrível tribu dos 'Coroados', que por espaço de cerca de cem annos tantos males cauzarão aos pequenos lavradores dos diversos pontos desta comarca sujeitos às suas aggressões" (Relatório do Presidente da Provincia, dezembro de 1886, citado por Barros, 1989).

"...354 selvagens, que alliciados por estes seus companheiros foram-se entregando em turmas ao Alferez Duarte, cheios da maior confiança (...)e que estão alojados à margem do rio Cuyabá, no proprio Nacional denominado: Couto Magalhães, e está se dispendendo, sem se poder, cerca de duzentos mil réis diários..." (idem, ibidem : 209).

Em novembro de 1887, o presidente da província notifica a criação de duas colônias militares entre os Coroados, uma denominada 'Thereza Christina' e outra 'Princesa Izabel', para evitar a dispersão dos índios e "*os irem pouco a pouco fazendo habituar ao trabalho e civilização*" (Barros, 1989 : 209; o grifo é nosso).

As vantagens da "civilização" às quais Rosa Bororo se referiu para convencer seus compatriotas a depor as armas, eram

"os meios materiais mais perceptíveis aos sentidos, presenteá-los com frequência e mantendo, exclusivamente para eles, um estado contínuo de abundância de meios de subsistência, prolongando por necessidade a continuação da "imprevidência de que eram dotados" (...)" (Caldas apud Viertler, 1990)

"... deu-se-lhes agasalho, alimentação, roupas, brindes e instrumentos para trabalho a que não se sujeitavam..." (Mello Rego apud Viertler, ídem). "O alferes Duarte, (), dava-lhes tudo o que pediam, e tornou-os mansos por meio desse método simples..." (Steinen, 1940 : 574-575).

"apresentaram-se nada menos de 3595 Bororo, sem contar os de mais de 30 aldeamentos ainda existentes, já pacificados e cujo pessoal não se havia apresentado" (Mello Rego apud Viertler, 1990).

Se estabelece então nesse momento histórico, um **pacto implícito**, que ao nosso ver se mantém até hoje de uma forma congelada no tempo: nas intenções do governo e dos militares, o fornecimento era com o "*fim de poder convencê-los, pouco a pouco, da obrigação do trabalho, até que adquirissem o hábito de promoverem, por si, a sua manutenção*" (Caldas apud Viertler, 1990). Mas os Bororo o entenderam, ao nosso ver, mais simples e diretamente: "*Entregamos nossas armas...para sempre, em troca dos bens da civilização...para sempre*"..., e dizemos congelado no tempo, porque até hoje os brancos esperam que os índios trabalhem para si, e os índios até hoje esperam que os brancos forneçam tudo para eles, ficando desapontados e ressentidos continuamente, dadas as conhecidas políticas mutantes, de interesses escusos, burocráticas e de omissão, quando não corrupção, do S.P.I.L.T.N (Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais, mais conhecido como SPI) primeiro, e da FUNAI até hoje.

Três detalhes são relevantes nesse marcante e irônico quadro histórico: os Bororo não eram nem convidados a trabalhar, enquanto observavam aos soldados que sim eram obrigados a fazê-lo (Steinen, 1940); quase todos eles foram logo batizados pela Igreja

Católica com um *padrinho*, geralmente o próprio governador (mais uma promessa 'eterna' de dependência e provisão...); e fazendo parte dos "bens da civilização", os índios foram "presenteados" com a famigerada **pinga** ...

A historiadora citada mais acima, inclui um mapa dos "*gêneros consumidos pelos índios Bororós-Coroados, constantes na mesma colônia durante os meses de março, abril, maio e junho de 1893*": carne verde (180 kg/dia); sabão (1 kg/dia); aguardente (15 lt/dia); sal (2 lt/dia) e fumo (4 m/dia), salientando a observação de que "*destilam-se diariamente trezentas rações de aguardente*" (Oliveira Lopes, 1999)

Nós levantamos a possibilidade de estar a pinga entre os presentes que a Rosa Bororo levou e prometeu aos seus pares. Se assim foi, constitui-se em um verdadeiro "presente de grego", um "cavalo de Tróia" com o qual penetra-se subrepticamente na intimidade do inimigo e destroem-se assim todas as suas defesas...

Mesmo que assim não fosse, a provisão constante de álcool aos Bororo a partir da pacificação, deve fazer-nos refletir sobre o impacto e a fixação que produz uma substância química, uma droga, no organismo e no psiquismo de um povo não preparado para tal experiência. A nosso ver é equivalente, usando uma analogia bastante próxima à realidade, a uma criança sendo iniciada em drogas pesadas (ou mesmo sendo excitada sexualmente) por um adulto perverso: o conhecimento da Psicopatologia pode prever com bastante probabilidade que ela ficará *fixada* pelo resto da vida a esse momento traumático, e o que é pior, com muita possibilidade de sê-lo em forma da atuação do próprio vício...(cf. Quiles, 1986).

O famoso etnógrafo Karl Von den Steinen, que passou por Cuiabá e pela Colônia Teresa Cristina exatamente em 1887, deixou-nos detalhes de como o álcool fazia parte central dessa "iniciação" (mais correto seria 'estupro'...) "nos bens da civilização":

"Já em Julho de 1887 podíamos examinar os primeiros Bororo; Duarte havia trazido alguns, para que fossem batizados. (...) Eram rapazes altos e corpulentos (...) Mostraram grande contentamento pelas coisas boas de Cuiabá, onde foram tratado com excessivo carinho, sendo somente de notar que lhes deram bebidas alcoólicas em lugar de guloseimas doces (Steinen, 1940 : 575).

(na Colônia) "...à esquerda estava o quarto de Duarte, e à direita uma porta para a despensa, que era também depósito de cachaça, e cuja chave, nas relações com os índios, representava um grande papel..." (Steinen, 1940 : 578).

E forneceu-nos inúmeras cenas de alegres e constantes bebedeiras, brigas entre índios e até provocação aos próprios militares induzida pelo estado de embriaguês:

"Personagem principal é o cacique Arateba, em estado de bebedeira crônica"... (idem : 582).

"Lá pelas nove horas ainda, Moguiocúri se apresentou perante os cadetes, exigindo cachaça.(...) insistiu porque fossem buscar a chave da despensa, e afinal recebeu a sua garrafa. Ele não era menos feliz, quando, de vez em vez, para o mesmo fim acordava os senhores, a horas avançadas da noite" (idem : 585).

..."os cadetes jogavam cartas, os caciques estavam muito embriagados." (idem : 590).

"os soldados andavam irritados (...) por terem de pagar a garrafa de cachaça a 2\$, (...), ao passo que os índios a recebiam de graça, para beber à vontade; ..." (idem : 593).

"Todos (os índios) esmolavam. Uns ganhavam alguma coisa, outros nada. Bêbados havia sempre entre eles. Certa vez até alguns os ajudaram (aos soldados) um bocadinho, a troco de cachaça (Steinen, 1940 : 596).

Na chegada de Duarte, uma verdadeira "opereta" -no dizer de Steinen- representada por 14 Bororo uniformados, chegaram enfileirados, e descrevendo o uniforme, detalha :
..."*sabres com talins e copos enfeitados, grandes e redondas botijas de cachaça, e de vez em quando, um guarda-sol aberto*" (idem : 594). `A diferença dos exércitos Bororo dos bandeirantes, os de Duarte, em vez de armas prontas para o ataque, ostentam cachaça !...

Duas cenas com o cacique Arateba são muito instrutivas :

"Este, como sempre totalmente bêbado, ainda clama por mais pinga; desta vez, porem, a célebre chave foi-lhe recusada. Então alarma ele com os seus berros e injúrias a colônia inteira, corre para o rancho e volta com duas "espadas"! Dando furiosas pranchadas no ar e cambaleando de um lado para o outro apenas ameaça, (...) dirige-se aos soldados (...) e cobre-os de injúrias, bem como aos seus superiores. Quer ir-se embora, e isso conosco, por lhe haverem negado cachaça. Afinal, volta cambaleando para casa." (idem : 586).

A agressividade indígena não mais amedronta os militares: não é a mesma coisa um povo lúcido em armas, que um indivíduo furioso completamente bêbado. (É de notar a diferença de trato entre Moguiocuri e Arateba, talvez para aumentar rixas internas...)

"No dia 9 de Abril, Arateba tomou a fazer, no estado de bebedeira, mais uma das suas proezas. Furioso, derribou a cabana de uma viuva que não lhe quis satisfazer aos desejos. (...) Como um leão que ruge na jaula, ele passeia ali de um lado para outro, desafiando o irmão para a luta e injuriando-o muito perante o povo; (...) engalfinham-se furiosamente. (...) Golpes retumbantes, gritos medonhos, briga geral.(...) Maria subjuga o bêbado, (...) todos riem-se, voltam para o ranchão, e alguns dizem, não sem razão: "Piga pega! ", isto é, "a pinga é coisa má!" (idem : 593).

A agressividade é canalizada agora contra seus pares, contra seus irmãos (literalmente!), e isso é o que perseguiam e conseguem as autoridades civis, e os militares em particular, graças ao álcool. **Agressividade caótica, (sem força) e agressividade endógena, contra os iguais**, é assim que será desde esse momento em diante, até os nossos dias. .

Na descrição do almoço e do jantar com serenata, Steinen nos dá um claro discernimento da tolerância ao álcool entre os dois povos, pelo menos nesse primeiro estágio do contato Bororo com o álcool:

"Foi uma noite linda e alegre, que nos encheu do mais alto respeito pela força para beber por parte dos Brasileiros (depois de vinho do Porto em abundância) Duas grandes caixas de cerveja foram totalmente esvaziadas, antes de chegar a vez da cachaça", (enquanto que os Bororo) "a miude serviam-se eles com prazer do suco de cevada e da cana, tomando muito mais do que podiam suportar" (Steinen, 1940 : 595-59).

Em 1988, em uma conferência na sociedade de Geografia do Rio de Janeiro junto ao imperador, Von den Steinen resume suas observações e opiniões:

"Estou bem convencido que com o sistema presente, com o qual os bororo ficaram mal-acostumados e viciados pelo uso de aguardente, e pela abundância de donativos que recebem sem prestar trabalho correspondente, hão de perder-se da mesma forma, como já aconteceu com muitos outros Bororo na mesma provincia" (Steinen, 1998 : 30)

Outro importante degrau na pacificação dos Bororo também foi militar, o do General Cândido Rondon, mestiço ele próprio de índios Bororo, mas o padrão usado foge aparentemente dos anteriores:

"Fez demarcar suas terras, assegurou-lhes trabalho nas obras de construção das linhas telegráficas (na fronteira entre Mato Grosso e Goiás, e no sul entre o rio S. Lourenço e o rio Coxim), e deu-lhes instrução e amparo de que careciam para sobreviver" (Riveiro apud Viertler, 1990).

A pacificação foi conseguida por Rondon exatamente por não usar de nenhum subterfúgio nem manobra duvidosa, porque entendia perfeitamente (conhecia intimamente), que a violência índia era *defensiva* e de *revanche* pela invasão colonial. Desde os primeiros contatos, coloca os índios sob a proteção das tropas que comanda:

(O problema mais grave de Rondon sempre fora o de conter os seus soldados)
 "gente aliciada da população sertaneja acostumada a matar índios com a naturalidade com que se abate caças, não podiam conceber que devessem ser poupados, mesmo quando atacassem" (idem, *ibidem*).

Todavia, três nuvens empanam este idílico panorama: uma é o registro de historiadores locais de um regime violento de trabalho com uma disciplina militar espartana, que custou a vida a muitos índios e soldados pelo esforço dispensado (Thiebloth apud Viertler, 1990; Bordignon, comunicação pessoal), o que confirma um padrão fortemente *autoritário*.

Outra foi o destino do Serviço de Proteção aos Índios, mais conhecido vulgarmente como S.P.I., verdadeiro "filho" de Rondon, que depois de inúmeras vicissitudes da política brasileira, termina como uma entidade rigidamente burocrática sem qualquer tipo de recursos, débil frente às rixas com os poderes locais, e deixando de se inspirar nos princípios filosóficos que o geraram, transforma-se num órgão de interesse militar, a serviço de grupos interessados na exploração das populações indígenas (Viertler, 1990 : 89).

Afinal, a "proteção", onde é que ficou?. Mais uma vez, para a mentalidade Bororo, traição. Porém podemos deduzir que Rondon conservou-se limpo na memória coletiva deste povo, pois foi convidado a morrer em suas aldeias, expressão de honra máxima (Viertler, 1990). Talvez como Antônio Pires de Campos, o "Pay Pirá", uma figura fortemente autoritária porém paternalista seja o ideal a quem os Bororo podem se entregar sem reservas e confiadamente.

A terceira nuvem é uma declaração de uma conhecedora íntima dos Bororo. Quando perguntada sobre o por que os Bororo bebem tanto, respondeu resolutamente:

"Pelo jeito em que foram conquistados; meu avô me contou que quando Rondon apareceu por aí, a primeira coisa que oferecia era o álcool, e assim trazia bastante índio para trabalhar. Fazia demonstração pondo fogo no álcool, falando que era mágico, para induzir a beber. Falava que quem tomasse aquilo ia ter um grande poder, o mesmo

poder do fogo; o poder de possuir o que queria, o poder de um grande guerreiro..." (Maria Rúbia Enoré, entrevista pessoal).

É' duvidosa a exatidão da declaração; parece mais provável que Rondon signifique genericamente "os colonizadores", "os civilizados", do que propriamente a figura histórica, porém não deixa de ser significativo o tom da lembrança na memória indígena, que não é mais do que um resumo da nossa posição básica respeito do ponto de vista histórico: **os métodos da conquista, intimamente associados a traição** (através de argúcias, mentiras, falsidade, uso e abuso, manipulação, abandono, quebra de pactos) **e ao mesmo tempo à introdução do álcool**.

Recapitulando a história levantada até aqui, os Bororo foram atacados de surpresa em muitas oportunidades, chacinados sem piedade, mesmo tendo mostrado serem colaboradores; foram reduzidos à escravidão e à servidão; foram *usados* como "mercenários" contra outros índios; foram dizimados pela sífilis e outras doenças (às vezes introduzidas de propósito !); e foram enganados coletivamente com uma manobra usando índias "reféns" para entregarem as armas definitivamente com promessas de provisão perpetua, e tudo isso **associado simultaneamente à introdução do álcool**.

A reação posterior à pacificação conseguida pelos civilizados em qualquer das suas formas, foi sempre a de **entrega total e absoluta**, a identificação com os desejos do dominador, e a **dependência** resultante.

Muitos povos indígenas foram conquistados de forma semelhante, também se entregando mais ou menos completamente, mas o que nos interessa aqui é a reação subjetiva coletiva, a significação dada a esse fatos históricos (o que determinou uma cronificação da resposta), e isso só pode provir do "ethos" desse povo, dos seus valores, instituições e tipo de personalidade étnica.

Podemos constatar, e iremos desenvolver ao longo deste trabalho, uma predisposição constituída pela grande sensibilidade do povo Bororo à **traição** e à **ofensa**, os sentimentos decorrentes de desapontamento, **ressentimento e mágoa**, e a reação de fechamento, **vitimização** ou mesmo de **vingança** indireta. Isto é representado repetidamente nos próprios mitos (Ochoa, 1983), sendo então que o par "ofensa-vingança" forma parte da própria tradição.

A propensão à ofensa é muito facilitada também devido à instituição do "**móri**" que rege todos os intercâmbios, central na cultura Bororo, e que será explicitada mais adiante, e que reveste toda a pacificação, com o álcool incluído, de uma significação de ofensa máxima, sem possibilidades de vingança explícita, dada a entrega das armas e a renúncia oficial das hostilidades.

"Os Bororo são especialmente sensíveis às formas de rejeição falsa, fingida; a pacificação toda foi uma coisa fingida, falsa" (Cecílio Aijako Poriréu, enfermeiro Bororo da Unidade de Saúde Indígena da FUNAI de Cuiabá).

"Se faz algo para índio, se aproveitar da bondade, da confiança do índio, fica marcado toda vida" (...) (Frederico Kógia Túgo, Meruri).

Na compreensão dos Bororo, pela sua representação de saúde-doença de tipo exógeno, em que toda doença é causada por um fator externo ao organismo, com a introdução de um objeto ou agente hostil (Albisetti & Venturelli, 1962 : 248), *o alcoolismo não é Bororo, está entre os Bororo; o alcoolismo é dos brancos*, e o problema todo que eles têm foi causado pelos brancos com a introdução da pinga:

"Os antigos lembram continuamente, passam para os mais novos, como foi a conquista; e se eles estão assim hoje, a primeira coisa é pôr a culpa no branco. Há muito ressentimento, afirmam que a doença entrou com os brancos: 'Foi assim que eles entraram em nós!, foi com bebida!'" (Maria Rúbia Enoré, entrevista citada).

"Os Bororo estamos escravizados pelo álcool, ficamos escravos porque o ataque do branco foi através das coisas piores que tinham: armas de fogo, doenças e o álcool" (Seu Egidio Rondon)

Uma palavra Bororo, nos suas três acepções, resume este ponto de vista da pesquisa:

Koriréboe = **kóri**, dor; **re**, ter; **bóe**, coisa [coisa que tem dor]

- 1- Aquilo que causa dor, zanga, ofensa, impaciência ;
- 2- pinga, qualquer bebida fortemente alcoólica (neologismos);
- 3- outra denominação para cobras venenosas.

(Abisetti & Venturelli 1962 : 745)

Além do significado literal da forte sensação física que provoca a ingestão de álcool, *os Bororo sentem a introdução do álcool como uma das máximas ofensas*, mais ou menos como o bote traiçoeiro de uma cobra que inocula veneno (físico e emocional).

A 'pacificação' conseguida nos Bororo pelas autoridades civis, militares e religiosas (processo que os índios chamam mais honestamente de "amansamento"), seguida do

desapontamento, foi tudo tão maciço (e cronologicamente associado ao álcool), que produziu uma mudança permanente na própria personalidade étnica ou modal, aparecendo características de **dependência** extrema, **exigência** de provisão e atenção, e **ressentimento** profundo.

No ato da "pacificação" e no processo da adaptação maciça posterior, os Bororo renunciaram definitivamente a todo e qualquer ato defensivo, não só das suas terras e da sua cultura, mas das suas próprias personalidades individuais.

A entrega das armas com a promessa de provisão perpétua (na representação indígena), revestiu-se de uma significação tão totalizadora, que a partir desse momento os Bororo renunciaram a toda e qualquer agressividade natural, castrando-se simbolicamente, e ficaram tão exageradamente passivos e dependentes, que, no dizer de Viertler (1998), a antropóloga mais especializada na cultura Bororo em nosso país, *"chega a ser insuportável para todos aqueles que lhes desejam um caminho de autodeterminação e autogestão"*.

Os Bororo, de índole pacífica, pelo branco não entender essa índole, a partir do "amansamento" no qual se convertem exatamente no que o civilizador queria, ficaram patologicamente passivos, dependentes, sem autoafirmação nem autoestima, sem a defesa mínima da própria personalidade, e sem o impulso básico de conseguir suas próprias coisas, satisfazer suas necessidades, exigindo tudo do branco e se desapontando continuamente.

Novaes (1993) analisa minuciosamente a instalação histórica desta dependência, comparando por um lado a proteção dos salesianos aos índios, com a dos jesuítas no litoral, que era mesmo efetiva contra ataques de outros povos indígenas e dos colonos brancos, mas teve como consequência destruir as bases da sua autonomia tribal; e por outro lado, correspondia a uma necessidade peculiar que os Bororo tinham de estabelecer alianças.

Esta autora percebe os determinantes intrínsecos, quando afirma que *"a dependência, que aparece como um dos traços marcantes da auto-imagem dos Bororo, deriva não apenas de condições históricas mas também do fato de eles incorporarem desta forma aquilo que se queria deles - a sujeição"* (Novaes, 1993 : 127). Não só auto-imagem, mas uma estrutura resultante de personalidade efetivamente dependente, e não só dependência interétnica, com a Funai, ou os missionários, mas uma dependência em todas suas relações, entre eles, no dia-a-dia, para qualquer atividade. Isso se traduz numa

fragilidade extrema, muito difícil de lidar, e que complica qualquer tipo de intervenção ou iniciativa, pois sabe-se que, sem liderança firme (que eles mesmos admitem não ter mais), nada vai a termo.

2.4 - O PROCESSO DO "AMANSAMENTO" E A MISSÃO SALESIANA.

Em 1889 é proclamada a República, e com ela surgiram outras concepções sobre os indígenas, propondo-se novas políticas indigenistas. Acabaram por prevalecer as teorias científico-evolucionistas de Augusto Comte, o pai do positivismo, e as experiências do Marechal Rondon, adotando-se a perspectiva de ajudar os índios a passar do estado de primitivismo selvagem para uma cultura mais evoluída tecnologicamente, a "civilização" (Bordignon, 1987 : 31)

Se a "pacificação" dos índios consistiu na rendição militar, na entrega das armas, não estava assegurada ainda a dominação cultural, processo que deveria continuar a se fazer através do que foi convencionado em chamar de "catequização", consistindo esta na educação nos moldes civilizados (Caldas, 1887), que naquela época, fins do Século XIX até meados do Séc XX, estava associada à educação cristã, mesmo nas escolas dos postos indígenas dependentes do Estado.

"Vexa-nos ver o muito que outr'ora souberão fazer nossos antepassados em matéria de catechese, (...). Eles reduzirão muitas tribus que, aqui e alli, ainda hoje se encontrão aldeadas, mas em abandono e prestes a caírem na primitiva vida (...). Nós, infelizmente, pouco ou nada temos feito, e o fructo do trabalho penoso e difficil destes antigos moradores, irá desapparecendo pelo abandono em que a deixamos" (Se providencias não forem tomadas) "as deshumanas bandeiras reaparecerão e só o extermínio da raça aborígene após incalculáveis males porá fim a essa luta que ainda é tempo de evitar". (Faltam missionários e recursos monetários...) (Relatório do Diretor Geral, 1858 : 221-22-23, citado por Barros, 1989)

"Para nós, os 500 anos da descoberta foram anos de invasão, destruição e morte. Os descobridores arrancaram e transportaram o nosso ouro, cortaram as nossas árvores, queimaram as nossas matas, mataram nosso povo e nossos chefes, mas não conseguiram matar nossas raízes. Foi uma invasão militar, política, *religiosa*, com uma espada numa mão e a *cruz* na outra" (Lourenço Rondon Cibae Ewororo,

cacique de Meruri, no Boletim Salesiano citado por Fernandes da Silva, 1995; os grifos são nossos)

O "amansamento" pode-se constituir no conceito ideal para compreender o complexo processo dinâmico que se desenrola nas relações intra e interétnicas, nas transformações da personalidade a partir da "pacificação", a extirpação de todos os traços considerados "selvagens", e o lugar do álcool em tudo isso.

A índole dócil, adaptativa e pacífica dos Bororo é bem conhecida de quantos entram em contato e conhecem bem estes índios, e Crocker atribui um "ethos" pacífico a esse povo, afirmando que se engajam em lutas só para defender-se contra agressões alheias ou vingar seus mortos (Crocker apud Viertler, 1998).

A opinião da Enciclopédia Bororo, aliás, é exatamente a mesma:

"Os atos de ferocidade atribuídos à tribo têm suas raízes em ódios aos civilizados por antigos e hostis contatos por eles causados. *Tais hostilidades, lembradas continuamente de pais a filhos*, criaram o clímax propício a represálias e conferiram à tribo o qualificativo de "feroz", que cremos não ser bem merecido. Sua ferocidade é resultado de uma série de vinganças e do desejo de conservar a liberdade do próprio território da irrefreável avançada do elemento civilizado. Temos certeza de que, se não existisse uma ininterrupta cadeia de ódio e *vingança* com os brancos, cujo primeiro elo foi fechado por estes últimos, os bororo não se diferenciariam das tribos limítrofes, visitadas por Steinen, que todas atravessou com boas relações de harmonia e amizade" (Albisetti & Venturelli, 1962 : 287; o grifo é nosso).

Steinen também pensa exatamente da mesma forma:

"Estes gentios, considerados valentes e briosos, nunca teriam matado tantas famílias de moradores, se eles não tivessem sido caçados como feras, pois no fundo da sua alma são simplesmente covardes. Espero que a verdade, enquanto seja dura de ouvir-se, possa produzir alguma coisa de proveito" (Steinen, 1998 : 30)

Entendemos que Steinen usa o termo "covardes" por mansos e temerosos, pois em outro parágrafo descreve a conduta de outra etnia indígena que se apresentava ferozmente quando o primeiro contato, sentindo Steinen de forma certa (pois não se amedrontou, desarmando-os), que eram motivados pelo *medo* (cf. Steinen, 1998)

Então, mais do que guerreiros, os Bororo apresentavam-se altamente **defensivos** e **vingativos**. Vamos desenvolver agora as vicissitudes destas vertentes da agressividade,

adiantando que à renúncia completa da primeira, seguiu-se um aumento da segunda, mas passiva nas relações interétnicas.

Os Bororo "se entregaram" não só no sentido militar, mas também amorosamente, no sentido relacional, do vínculo que vai estabelecer-se com a sociedade dominante daí por diante. Eles acreditaram, fizeram um voto de confiança nas promessas e nas alianças que, sabemos, foram todas abandonadas posteriormente, traídas enfim.

No ato da "pacificação", os bororo *renunciaram daí por diante a todo e qualquer ato defensivo, não só dos seus territórios e da sua cultura, mas das suas próprias personalidades individuais.*

"Em janeiro de 1887, outro grupo de 400 Bororos, resolveu aceitar a paz.. Guiado pelo famoso cacique Mugúio Kúri, ingressou solenemente na cidade e *depositou as armas aos pés do capitão Duarte num monte tão grande que impressionou o povo cuiabano.* " (Bordignon, 1987 : 21; o grifo é nosso).

"Como era bello de ver-se aquelles filhos das selvas, ourtr'ora tão ferozes, de joelhos, de mãos postas e cabeça curvada receberem o santo baptismo, o pacto de alliança e amizade celebrado com a civilização!..." (Caldas, 1887; o grifo é nosso).

Como vimos também antes, essa renúncia da hostilidade para com o conquistador, foi acompanhada paralelamente com o fornecimento automático dos meios de subsistência, e com o estabelecimento de um pacto de provisão que os índios entenderam como eterno.

Os Bororo já eram de índole pacífica para com os conquistadores, mas com o "amansamento" depois da "pacificação", ficaram patologicamente passivos, dependentes, e sem auto afirmação, sem a defesa mínima da própria personalidade, sem o impulso básico de brigar e conseguir suas próprias coisas, satisfazer suas necessidades.

Na memória indígena dos jovens atuais, o assunto se representa um pouco diferente da historiografia na forma, mas essencialmente igual. Eles mesmos usaram o termo "amansar" em lugar de pacificar, o que pareceu-nos menos hipócrita, e forneceu-nos o conceito específico a esse processo aculturativo.

"O pai de meu tio passou para nós que os índios Bororo (de antigamente) eram muito revoltados, muito bravos !... Que branco para amansar, deixava coisas no caminho, se interessava, levava. Ai teve um que deixou uma lata de querosene com álcool; um bororo provou e bebeu, ficou alegre, cantava, brincava. Outro perguntou: "Esse troço é bom?", "Ah, pode beber!..."

Antigamente Bororo foi **amansado com bebida alcoólica** porque era muito bravo ! *Eram muito revoltosos porque atacavam muito o índio...* Os índios (Bororo) se entregaram eles mesmos... Mas índio bravo era amansado acostumando com a pessoa que dá comida, dá coisas que eles querem, aí fica calmo..." "Eu ouvi uma história onde vários índios Bororo foram amansar outros índios (de outra tribo): deram machado, facão, açúcar, álcool, ficaram por perto até que acostumou, fizeram igual tinham feito com eles." (Benedito Tuakebóu Bororo, entrevista pessoal).

Note-se que ele fala em "bravos" com a conotação de revoltados; e ele coloca "revoltosos" mas aclara que era a consequência de serem sistematicamente atacados.

O processo do "amansamento" continua então através das escolas, postos, e missões, pelas políticas oficiais do S.P.I., e a filosofia pedagógica salesiana (que detalharemos mais adiante) e que consistiu em uma sistemática repressão das colocações individuais, da auto afirmação individual que, infelizmente, Bororo aceita...

Uma situação exemplar na escola da Colônia Teresa Christina :

"Dois pais bororo estavam sentados a um canto, murmurando de vez em quando, não sem alguma *devoção*: -bal, bel, bil, bol, bul. (...).os Bororo me disseram 'ele ensina a ler os rapazes', mas a frase é, em tradução literal 'ele ensina a olhar no papel'. Caldas porém , esperava obter logo melhores resultados; os rapazes, dizia ele, era um *bando malcriado*, que antes de tudo, devia aprender a *obediência* . Ele, até então, os tinha castigado, batendo-lhes com a régua nos dedos, quando estavam desatentos. Agora, porém, possui um mais aperfeiçoado sistema de palmatória, que nos exibiu em dois exemplares: tinham eles a forma de colheres de pau, mas com uma peça terminal chata, circular, e esta -nisto é que consistia o melhoramento,- era perfurada como uma peneira; dizia Caldas que o ar, penetrando pelos buracos, aumentaria a dor. Esperava, pois, que as novas palmatórias vingassem bem e que os rapazitos chegassem pelo menos ao xal, xel, xil, xol, xul. Em nosso tempo, o resultado continuava a ser dal, del, dil, dol, dul. (Steinen, 1940 : 592; o grifo é nosso).

E na escola de Perigara:

"Eles não gostavam que índio seja adiantado... A professora na escola usava o método de ajoelhar no milho...mas não queria que falasse bem o português (conta manobras para atrasar o bom aluno)...O chefe de posto (do S.P.I.), Flávio de Abreu, não deixava fazer funeral, batia, fazia arrancar....., mandava bater se índio estava parado, mandava trabalhar; se desobedecia batia muito forte... Eu mesmo apanhei por causa de uma mentira, alcagüeteria dos outros... Era proibido vir do Perigara para Cuiabá, os índios não sabiam por que, e as ordens de transferência de índio da aldeia para a cidade eram sem explicação" (Benedito Taukebou, entrevista citada).

Através das entrevistas, ficamos sabendo de "fazendas-prisões" bem afastadas no interior, onde eram enviados os índios particularmente rebeldes, com um regime de campo de concentração, trabalhos forçados, e celas de castigo físico pesado. Os Bororo lembram que alguns dos seus foram enviados ao Posto Fraternidade Indígena da Área Indígena Umutina, do S.P.I., em Mato Grosso, usando, os chefes de posto nas aldeias, uma ameaça constante e amedrontadora diante de qualquer ato de rebeldia, de enviá-los lá (Benedito Taukebou, e Edir Pina de Barros, comunicação pessoal).

Mas deixemos o panorama das aldeias em geral para mergulhar em Meruri, local de nossa pesquisa sistemática. A pacificação definitiva dos Bororo dos Rios das Garças e Barreiro foi conseguida pelos missionários salesianos que se apresentaram nesse território, a 75 léguas (500 km) de Cuiabá, montando suas barracas e esperando pacientemente pela aproximação dos índios. Região ainda com conflitos entre Bororo e fazendeiros goianos, nordestinos garimpeiros, e os primeiros destacamentos das estações telegráficas, os salesianos escolheram a localidade dos Tachos, muito freqüentada pelos índios, e fundaram a colônia do Sagrado Coração em 1902 (Viertler, 1990 : 71; Bordignon, 1987 : 28-29).

Foram muitas as divergências entre os dirigentes Bororo nos Tachos com relação à aceitação ou eliminação dos missionários: contam as tradições tanto missionárias como indígenas que um grande chefe, Meriri Otodúia, resolveu o impasse entre as facções através de um sonho onde aparecia "uma senhora de muita beleza, que falando em bororo, o convenceu a confiar nos missionários", e que quando entrou na missão pela primeira vez, reconheceu-a numa imagem de Nossa Senhora (Albisetti & Venturelli, 1962) (Jair Mendes Cibae Etaiwu, comunicação pessoal).

"A Notícia que os acampados em Toripó eram amigos, correu velozmente entre os Bororo e ao primeiro grupo seguiram-se outros impelidos pelas febres maláricas e pelos ataques de outra tribo mais feroz" (Albisetti apud Fernandes da Silva, 1995).

"Na Colônia os Bororo receberam alívio em suas dores, foram saciados e protegidos dos seus tradicionais rivais (idem, ibidem : 87).

Tais divergências entre os dirigentes, diziam respeito exatamente à inércia bélica que acarretava a intervenção missionária (e a facilitação dos posteriores ataques Xavante), às epidemias que aumentaram após o contato direto, e as críticas à organização que os

salesianos implantavam, feitas pelas facções Bororo que haviam se aliado antes a Rondon (Viertler, 1990 : 74-75). O próprio Rondon, que visitou a colônia em 1911, também criticou as medidas salesianas, infundadas ao ver dos missionários (Colbacchini apud Viertler, 1990)

Não é nosso objetivo levantar a história da mudança cultural através da missão salesiana, mas podemos resumir essa intervenção nas seguintes medidas: imposição, através de persuasão, do regime de trabalho civilizado, quebrando o regime e invertendo a divisão do trabalho tradicional; pagamento em bônus ou em espécie; administração e distribuição do fruto do trabalho; ingerência no arranjo arquitetônico da aldeia (não mais circular, não mais *baíto* central); educação em regime de internato de parte das crianças e jovens; uso de roupas civilizadas pesadas, fechadas e compridas; interpretação diabólica de toda a religiosidade e moral sexual Bororo; etc. (Viertler, 1990).

Segundo Baldus, as medidas que mais interferiram na organização tradicional Bororo foram: a inversão da divisão do trabalho tradicional, os homens foram plantar, cuidar da lavoura e colher, e as mulheres acabaram na fiação e costura, tarefas que sempre tinham pertencido ao sexo oposto; e a construção da aldeia pelos padres, sem respeitar a forma tradicional, com o *baíto* não mais no centro e não mais vedado aos olhares das mulheres, e nas imediações de uma grande cruz, o que levou à decomposição dos clãs e ao reforço dos casais monogâmicos de tipo cristão (Baldus apud Viertler, 1990).

Segundo Viertler (1990 : 142) o golpe de graça na espinha dorsal da cultura Bororo foi a invasão pelos salesianos do último reduto da autonomia moral dos seus tutelados, a procriação. Uma testemunha é importante sobre esse ponto de vista:

"As moças saiam do internato só para casar, casavam para correr rápido do internato; saiam de 16, 18 anos preparadas para casar, mas não podiam namorar, então iam direto para casamento arranjado pelos pais e pelos padres, sem respeitar os clãs, pois nem língua tinham!... O assunto dos clãs foi esquecido completamente, a tradição não tem volta, os padres estão iludidos... (Auxiliadora Bakoro Mugo, entrevista pessoal)

Mas é na educação onde a influência salesiana sobre os Bororo se fez sentir mais, pois esse é o objetivo principal da ordem fundada por Dom Bosco em Turim, na Itália, em 1859. Foi o trabalho com os jovens proletários de origem rural, abandonados nas ruas de

Turim no começo da revolução industrial na Europa, que inspirou João Bosco, tomando para esta obra os valores de São Francisco de Sales (donde o nome salesianos): fidelidade à Igreja, bondade, paciência, e suavidade (Fernandes da Silva, 1995 : 69-70-74).

No começo da obra salesiana, as atividades recreativas eram de fundamental importância, lado a lado com as religiosas, em se tratando de jovens: passeios, jogos, cantos misturavam-se às aulas e ao catecismo. A finalidade era o controle da massa operária pela Igreja, que servia de intermediária entre patrão e empregados nas crises da incipiente revolução industrial (idem : 75).

Logo foi criado o internato, sob o nome de "ospizio", onde eram dados alojamento, alimento e vestuário, e cuja pedagogia consistia no *controle* do tempo, do lugar, e na "*vigilância contínua*". As férias foram suprimidas, substituídas por aulas, cursos, trabalhos de limpeza, conservação e produção, supervisionados pela figura do "leigo" (que aqui no Brasil ficou conhecido como "mestre") com recreios entre as atividades (idem : 76).

Dom Bosco elege Santo Tomás e a filosofia aristotélico-tomista como orientação fundamental do projeto educativo da obra salesiana *em todas partes do mundo*, apresentando como fim o ideal cristão expresso no evangelho de S. Mateus "Sede perfeitos como Vosso Pai do Céu é perfeito". O fim da educação é então a *perfeição* (relativa, é claro), porque *o homem* tem o poder de alcançar um grau alto de perfeição (idem : 93).

A colocação abstrata de uma perfeição humana, sabemos que sempre favoreceu o ideal da cultura dominante, e não o ideal da cultura dominada; e, do ponto de vista psicopatológico, sabemos como a busca da perfeição favorece o aparecimento de culpa e da neurose obsessivo-compulsiva (Quiles, 1986 : 86).

Vejamos senão o conceito de pessoa para Dom Bosco, que inclui a individualidade, o domínio de si, a dinamicidade, a vontade livre, e a necessidade de explicação racional (Fernandes da Silva, 1995 : 95); e as características do educador salesiano, que incluem a

paternidade, a amizade, a alegria, a assistência permanente, e a pontualidade (idem : 97; o grifo é nosso).

(Apoiados na amizade e na simpatia)"consideramos os nossos alunos como filhos (...) não dominando-os (...), e o aluno deve recear acima de tudo a perda de tua amizade" (idem : 97).

Dom Bosco fazia questão de cultivar nas suas casas a alegria ("ficava proibido tudo o que pudesse causar tristeza") ("a alegria é o termômetro da felicidade"), e estabeleceu o "Método Preventivo", que consistia em uma assistência contínua, uma vigilância junto ao aluno o tempo todo, para prevenir as faltas que podiam cometer na ausência dos mestres ("nada devia escapar da atenta observação") (idem : 97 - 98).

Este "paternalismo alegre e vigilante" é a marca registrada da educação e da assistência salesiana nas missões junto aos índios, e o efeito sobre a personalidade Bororo em Meruri (Sangradouro e Garças) foi marcante, por não dizer arrasador, com mudanças que se observam ainda na atualidade, e que conformariam um tipo de vínculo, uma estrutura de relacionamento interétnico que parece indissolúvel.

Desde o começo do contato e até hoje os salesianos estudam a cultura e o idioma Bororo para se fazerem atrativos junto aos indígenas, para serem aceitos, razão esta muito clara que motivou a confecção de dicionários e enciclopédias altamente eruditos, muito apreciados pelos antropólogos, mas distantes de uma aplicação de tipo científica por parte dos missionários.

"(...) os missionários ensinavam a religião deles. Eles ensinavam para gente grande e ensinavam principalmente para as crianças. Os índios aprendiam muitas rezas que eles não entendem direito. Os índios só podiam aprender as rezas dos brancos. Eles estavam proibidos de rezar as rezas deles. Para ensinar as rezas dos brancos, os missionários usavam a língua dos índios, usavam os cantos e as danças dos índios".

"Os missionários ensinavam que os índios tinham que ter paciência. Cristão bom tem que ser manso. Cristão bom não pode se revoltar. Cristão bom tem que respeitar os padres, tem que respeitar o governador. Tem que respeitar toda autoridade. Cristão bom tem que agüentar todo sofrimento aqui na terra para ser feliz lá no céu".

"Com esses ensinamentos os índios foram ficando calados, foram ficando mansos, e trabalhavam, trabalhavam sem se revoltar..." (CIMI, 1982, apud Fernandes da Silva, 1995).

Seria prolixo detalhar a educação aculturativa dentro das missões, e isso não é nosso objetivo; o importante é apreender o clima geral, as atitudes e medidas em geral, para perceber o efeito nas personalidades individuais, e na personalidade-base. Deixemos falar a uma entrevistada que vive atualmente em Barra do Garças, tendo saído adolescente da aldeia de Meruri, e apresentando uma adaptação funcional à sociedade brasileira:

"Eu fui para o semi-internato com cinco anos, passava o dia no colégio e à noite os pais iam buscar. Usava-mos um uniforme padrão, uma camisola cinza que parecia de grávida. Era proibido falar em Bororo, e os pais também eram castigados se ensinavam a falar Bororo; eram dependentes, aí então não davam comida, não davam trabalho, ou não davam o vale de cartolina para quem trabalhava"

"Era muito revoltante: eu fui sempre rebelde, não concordava, e era castigada a todo momento por discordar, teimar ou responder; as outras ficavam humildezinhas, com medo; os castigos eram ficar sem comer, fazer trabalhos pesados, ir para a cozinha, capinar, ir pro sol quente, limpar o pátio todo"

"A cada ato de rebeldia davam sinadas na cabeça: minha irmã ficou doente, coalhou o sangue na cabeça dela, mas os próprios padres trataram dela, e falavam para ela que *"quem é muito bom apanha muito"*. Agora ela não sabe dar um passo sozinha, não sabe dizer não, morria de medo das irmãs" (a irmã mora ainda em Meruri)

"Elas queriam que eu pusesse um zíper na minha boca; minha irmã aceitou tudo e por isso hoje vegeta. Ela tem um problema grande com o álcool, bebe muito até hoje" (Maria Auxiliadora Bakoro Mugo, entrevista pessoal).

Vários testemunhos descrevem a transformação profunda na personalidade-base Bororo através da educação e assistência salesiana: uma *entrega maior* ainda que nas outras aldeias, uma *submissão* mais total, uma aculturação amorfa, uma *passividade e dependência* mais compactas que nas outras áreas, onde só tinham um representante dos órgãos tutelares. (O uso do álcool, como estamos vendo, aparece associado a essa transformação).

"Os Bororo antes eram valentes e altivos, e perderam tudo isso: agora bebem álcool como uma droga, para ter coragem para fazer o que planejam" (Valdomiro, descendente de Bororo, chefe de posto da Funai, Meruri).

"A maneira como os padres transmitiam a fé e a religião, *"não brigar, se alguém lhe dá uma bofetada ofereça o outro lado"*, fez dos Bóe um povo submisso, passivo. *Os padres tinham total domínio sobre os índios, decidiam a vida deles: o que um padre pensava era ordem, eles adivinhavam antes, não precisavam nem falar"*(...). "Os Bororo não têm mais personalidade, não têm ideais, sonhos, vontade de lutar, só reclamam, só esperam que os outros façam (...). Mas a proibição dos rituais e do idioma só foi possível com um povo submisso: Bororo

é cordeiro, não um leão domesticado" (Entrevista anônima, o entrevistado tem medo da reação dos padres quando lerem sua opinião...) (os grifos são nossos).

Os mais jovens, apesar de não terem recebido essa educação diretamente, sabem como foi, foi passado para eles: "*Padre antigo, se o índio não queria obedecer, castigava negando a comida, carcando a unha, cascudo na cabeça*" (Márcio Lopes Adugo Doge, entrevista pessoal).

Com o advento de Getúlio Vargas e sua legislação nacionalista, esquecem-se as diretrizes da época de Rondon e a república, e fica proibido falar nos idiomas indígenas, ensinando-se só o português nos postos e escolas dependentes do S.P.I. Também ficam proibidos todos os rituais tradicionais, numa tentativa de unificação cultural integralista, nos moldes de Franco na Espanha, e de Perón na Argentina.

Os Bororo -como todos os povos indígenas brasileiros- sofreram passivamente esta legislação através dos postos tutelares, porém é em Meruri e sua área de influência que essas proibições são possíveis de ser coerente e sistematicamente aplicadas como em nenhum outro lugar, dada a "vigilância contínua" do sistema pedagógico salesiano.

Para se ter uma idéia do poder devastador de semelhante política, pode-se fazer um exercício de analogia, imaginando uma potência estrangeira que invadissem o território brasileiro na atualidade, escorraçando-nos e obrigando-nos a viver em redutos demarcados, proibindo nossa religião, e proibindo-nos de falar em português, obrigando-nos a falar na língua oficial com um sistema de denúncias dentro da própria família, proibindo-nos de vestir de forma leve, e por fim, proibindo-nos de dançar, escutar música brasileira, jogar futebol e participar de qualquer festa incluído o carnaval, por citar as instituições mais populares.

"Quando eu tinha 5 anos, mais ou menos, mudaram o diretor, veio o Pe. João, que mudou o sistema de semi-internato: aí separaram da família definitivamente, virou internato mesmo, via a família na missão no fim de semana, a visita toda vigiada. Eu costumava correr pro arame que separava a missão da aldeia, ia pra biboquinha pra olhar pra casa, de longe, e com aqueles uniformes, era tudo igual uma cadeia!..."

"Fim de semana limpava o colégio inteiro, davam tanques inteiros de roupa, eu era pequena mas tinha que dar conta no mesmo dia. Na escola davam tarefas para conseguir a gente ficar quieta, ficar em silêncio por duas horas, eu mordida a carteira inteira para agüentar. 'Sim senhora', 'Pois não', não podia falar mais nada!!"

"Um dia estava tão cansada que dormi na carteira, me deixaram sozinha e acordei quando estava tudo escuro; por isso fui castigada, mas eu não aceitei, sai pra varanda com muita revolta, e a diretora veio para me chamar a atenção, queria puxar minhas orelhas, mas eu não deixei: 'Não trinca em mim!', e me deu um ataque de riso de rolar. 'Você está endemonhada!' ela dizia".

"Não só eu quanto muita gente no Meruri não sabe falar bororo direito, os velhos foram acabando, um que outro velho teimoso mantinha a tradição. Coqueiro era muito teimoso, cantava sozinho, pegava uma turminha e ia pra longe para cantar e padre não ouvir" (Auxiliadora Bakoro Mugo, entrevista citada).

"Os Bororo de Meruri não têm nada. Se me perguntarem o que são aqueles de lá do Meruri, eu direi que não são nem civilizados nem Bororo. Não são nada" (Mano Kurireu, Sangradouro, comunicação citada por Viertler, 1990 : 142).

Mas os padres não aparecem na representação consciente dos merurenses como detestáveis dominadores autoritários: afinal, eram eles quem ajudavam a curar as doenças, quem perdiam o sono cuidando dos problemas, quem intervinham como mediadores para resolver conflitos, quem organizavam o trabalho dos índios oferecendo oportunidades, quem ensinavam gratuitamente, quem aprenderam o idioma e o valorizaram rezando em Bororo e publicando as enciclopédias, quem distribuíam os alimentos, quem se sacrificavam longe dos seus lares para viver dedicados aos índios.

Mesmo aplicando mecanicamente uma pedagogia européia no coração índio sulamericano, a atitude e o sentimento dos missionários para com os índios eram -e são- exatamente os opostos dos funcionários dos postos do estado: dedicação, atenção, cuidado, assistência paternal autêntica, não interesseira, o que é percebido logo pelos Bororo.

Encontramos então como emoção ou atitude predominante nos índios de Meruri, um alto grau de *ambivalência* ou *ambigüidade* afetiva para com os missionários; por um lado os amam profundamente, e querem continuar agradando-os, e por outro lado (geralmente inconsciente, ou com medo da retaliação), guardam raiva, um rancor profundo, fruto da memória dessa história de entrega mútua e de interferência e repressão na cultura e nas personalidades:

"As freiras eram diferentes umas das outras: quando estávamos no castigo, algumas acobertavam, mostravam simpatia, davam uma fruta..."

"Cada uma das índias queria mostrar pro padre que queria mudar, que estava crescendo, mudando, que já era outra coisa; aí era objeto de inveja dos outros índios".

"Quando conhecemos os aspirantes, trocamos olhares na igreja, cada um se interessou por alguém; o rapaz que se interessou por mim, me mandou de

presente uma boneca de natal e uma carta. A irmã rasgou a boneca, e mandou a carta pros superiores dela. Eu até essa idade, tinha brincado sempre com uma boneca de pano; aí fiquei muito triste, com o coração apertado... me tiraram tudo!, fiquei com muito rancor dentro de mim. Até hoje sou rancorosa, esse mal não sai, enraizou. A gente não pode carregar rancor assim". (A seguir conta a história da sua compulsão por cerveja, que durou mais de 10 anos) (Auxiliadora Bakoro Mugo, entrevista citada).

"Esta política de desmoralização sistemática dos costumes mais caros aos Bororo levou Pe. César Albisetti a sentir duros remorsos quando, já de muita idade, me dizia estar arrependido de ter proibido tanta coisa aos Bororo, porque lhe parecia atrapalhar a ordem da Missão" (comunicação pessoal in Viertler 1990 : 141).

"Os Bororo estão tão acostumados aos missionários, que se a gente tirasse a missão de Meruri, os índios morreriam de tristeza" (Valdomiro, descendente Bororo, chefe de posto da Funai, comunicação pessoal).

Este "costume" mútuo é um vínculo paternalista-dependente tão fortemente arraigado, que é difícil para os participantes dele enxergar sua natureza, que está dada desde o primeiro contato na Colônia dos Tachos. Quando os Bororo se entregaram aos missionários, estabeleceu-se também um outro **pacto implícito**, que mais que uma promessa de provisão eterna, foi uma promessa de cuidados e iniciativa eternos: *"Nós abandonamos as armas (e os costumes) se Vocês nos dizem sempre o que temos de fazer, como comportarmo-nos"*, parece estar inscrito no inconsciente coletivo.

Contudo, na década de '70, o sistema educativo e os objetivos missionários salesianos são colocados em questão, tanto a partir do Concílio Vaticano II, da Teologia da Libertação e da liberalização dos costumes dos anos '60 e '70, como de reflexões e críticas dos meios acadêmicos, dos meios de comunicação de massa, e especialmente pela implantação do novo "Estatuto do Índio" da Funai. (Fernandes da Silva, 1995).

Em um período que vai de 1970 a 1978 aproximadamente, a política e os métodos da Missão Salesiana mudaram totalmente: busca-se principalmente a auto-determinação dos povos, deixando os índios que decidam seus destinos, e desejando que retomem seus costumes, revalorizando a sua cultura tão vilipendiada até esses anos.

A Funai lembra aos salesianos que não só a evangelização deve marcar o trabalho missionário mas o interesse pela promoção indígena, respeitando sua religião e cultura. Dom Camilo Faresin reafirma que os salesianos não tem por fim transformar o índio em

caboclo, mas sim colocá-lo em condições de independência econômica; e o Pe. Mário Panziera, salesiano, observa que a evangelização pode esmagar a cultura indígena, que o índio não possui elementos para a auto-defesa, e entregando-se, se auto-destrói (idem : 152).

Como consequência do acordo com a Funai em 1974 a hegemonia política salesiana sobre os indígenas foi quebrada e direcionada para o órgão do governo, ficando reduzida sua intervenção à participação nos programas governamentais, no auxílio na defesa das terras indígenas, e sujeitos sempre a fiscalização por parte da Funai (idem : 159).

É necessário apontar que em 1976, em consequência da aplicação dos acordos, na ajuda aos índios na demarcação das suas terras, acontece a "chacina de Meruri", onde são assassinados o padre diretor, Rodolfo Lunkembein, e o cacique, o Bororo Simão por fazendeiros das redondezas.(Viertler, 1990; Bordignon, 1987).

O internato passa a ter um "regime mais moderado" em 1971, e em 1974 se fecha definitivamente, devolvendo a responsabilidade da educação aos pais e à comunidade, por estar conscientes da alienação e desastre que significava para a cultura (Fernandes da Silva, 1995: 158).

Mas os Bororo das missões não entenderam muito bem essas mudanças; a complexa dinâmica histórica da cultura ocidental foge das suas possibilidades de compreensão, e tudo isso foi interpretado, mais uma vez, como um **abandono** dos pactos implícitos na pacificação: *"de repente, os padres não nos orientam mais, mandam a gente se virar..."* (Seu Egídio Rondon, entrevista pessoal).

Recolhemos em Meruri várias manifestações dessa incompreensão da mudança do comportamento missionário: eles passaram de um extremo repressivo para outro liberal em um período de 4 a 8 anos.

"Na igreja entrou muito modernismo, antes existia a batina negra, e respeitavam, depois não respeitaram mais (...) muitas vezes a fé do índio estava no respeito à batina negra" (Lourenço Rondon)

"O Bororo estava acostumado com catolicismo, quando os padres tinham batina e as irmãs também, Bororo respeitava, mas o modernismo atrapalhou tudo, ninguém respeita mais nada" (Bernardo Rondon)

Contudo, e paradoxalmente, ao lado do ressentimento que muitos mostram por ter recebido uma educação tão repressiva, especialmente do idioma, a década de '70 é lembrada com saudades, como uma "época de ouro" das relações com os missionários, centrada na pessoa meio mítica do famoso Padre João Falcon ("Pe. João", "Pe. Falco"), como é nominado um ítalo-judeu-americano que organizou a missão com inúmeras iniciativas, desde esportes, jogos e lazer intensivo (que já incluía a distribuição de doses de pinga, como veremos mais adiante), até montagem de fábricas, criações de animais, e artesanato organizado, que é a que finalmente deu certo (Bordignon, comunicação pessoal).

Apesar da retirada parcial da tutela nos anos '70, Bororo de Meruri manteve-se fiel aos seus antigos tutores, pois há uma tímida retomada das tradições, cantos, danças e rituais, porém muito mais com a finalidade de realizar suas novas expectativas, do que de voltar autenticamente às tradições.

Acompanhamos de longe a preparação dos grupos de danças tradicionais por parte dos jovens de Meruri, e quase sempre ressaltava a finalidade de fazê-lo para participar em eventos organizados pelo branco: encontros indígenas de educação, filmagem de vídeos, abertura de festivais, nunca "entre eles, para eles mesmos, sem mais ninguém"...

A história da introdução do álcool em Meruri é bastante diferente da das outras aldeias, porque a missão salesiana mantinha os índios afastados da bebida, impedindo sua venda e seu consumo nos limites da reserva:

"Desejam e bebem com prazer os nossos excitantes: o café, vinho, licores, etc, (...). Deixado em liberdade e favorecido por uma civilização corrompida, entregar-se-ia o selvagem ao vício do álcool e se arruinaria vivendo em uma contínua embriaguez. ()...o missionário conserva-o alheio ao uso d'essas bebidas, que se para todos é um perigo, mais ainda o é para o indígena... (...)" (Colbacchini 1919 : 30-31).

Na década de '70, os salesianos decidem **distribuir** uma dose semanal de pinga depois das jornadas de trabalho, com a finalidade de regular e moderar um costume que começava a se infiltrar pela venda de álcool na região por parte dos brancos (em Meruri havia, até 1976, um vilarejo de brancos, com um bolicho), com o intuito de "ensinar a beber socialmente sem exageros" (Bordignon, 1996).

A intenção não poderia ser melhor. Sabemos pela pesquisa intercultural comparada que algumas sociedades conseguem manter uma cultura alcoólica bem integrada: bebem todos os dias pequenas quantidades de bebidas fermentadas, bebem mais nas suas festas mas com auto-controle, ensinam suas crianças e jovens a beber socialmente, e apresentam índices baixos de alcoolismo crônico e problemas correlatos (ver pág.)

Todavia, as conseqüências foram outras: na representação mental Bororo, a partir daquele "pacto implícito" (e justo é acrescentar, da predisposição para beber dos próprios índios, apontada por Colbacchini mais acima), a 'permissão' estava dada, e quando os missionários se deram conta do perigo e acabaram com a distribuição, já era tarde... a dependência estava instalada.

"A distribuição das doses na Missão, contribuiu para que o consumo de álcool se alastrasse. Antes disso, havia muito poucos casos. Eu mesma provei nessa época e fiquei gostando...! Eu acho que essa distribuição foi a resposta dos padres à chegada das famílias de Jarudori, que trouxeram o costume de beber para Meruri, foi para agradá-las que começaram as doses" (Auxiliadora Bakoro Mugo, entrevista citada).

"Quando eu vim de Córrego Grande, vi uma fila que chegava numa janela, 'Para que é isso?', 'Faz a fila!', aí cheguei na janela e me deram um copo com algo, aí eu cheirei... pinga!!..., e eu que vinha de Córrego Grande por causa disso!!..."(para fugir da pinga, ri muito). (Antônio Kanajó)

Na versão de outros merurenses, também a introdução do álcool está associada aos brancos, mas não aos salesianos, e sendo de uma natureza muito diferente:

"Ahh! o álcool é um 'trem bom'! Antes da chacina e a delimitação (1976), os brancos estavam aqui, misturados, e aí entrou o álcool, através dos feitiços deles, para se vingar por causa de terras. Eles achavam que os padres ajudavam, mandavam os índios, mas não era não. Também se vingaram com álcool quando os índios foram numa caminhonete e destruíram a loja do Gonzaguinha, cheia de álcool. Feitiço de branco pode ser poderoso, por isso fez índio beber" (Frederico Kogia Tugo)

"Na Boreal (o povo falava "Burzião"), corrutela criada a 20 km daqui depois da chacina, tinha um bar. Antes da chacina, os brancos eram muito amigáveis, depois enfezaram porque dividiram muito a terra (mas os índios queriam acordo!)

"Na encruzilhada e no trevo da BR-170 tinha despacho com garrafas de pinga, besouro dentro da bebida, bonecos espetados com alfinete, charuto, perfume, e alguém (Bororo) bebeu e deu para os outros; daí para cá o povo começou a ficar "carente" da bebida [? = dependente, fissurado, viciado mesmo].

"Depois de dois anos aconteceu a primeira morte, índio matou índio nas proximidades do Burzião, no cerrado, no mato. Fomos procurar o cadáver, foi a

primeira vez do lado negativo, a primeira morte que eu vi, e foi a paulada. Eu conhecia o índio que morreu [?], não quero citar, e também o matador, e posso dizer que não era coisa séria, foi só fruto da embriagês...

"Dois dias após a morte dele, foram em caminhão Mercedes e a comunidade foi e atacou o barzinho e quebrou tudo, tipo uma vingança, pela venda de álcool e pelo trabalho [de macumba], destruíram tudo e trouxeram o proprietário amarrado, e aí ele falou que os índios iam pagar caro, que ele pessoalmente não ia fazer vingança, mas rogou uma praga: "Vocês mesmos vão se acabar", e foi o que aconteceu, depois disso nunca mais controlaram a cachaça, cada vez pior, os índios começaram a se matar, de 5 anos para cá já houve 3 mortes, uma de faca, outro acuado, e o outro a tiro" (Dominginhos Bakoro)

No olhar de alguns merurenses, a introdução do álcool e a conseguinte dependência, continua sendo por causa dos brancos, desta vez ligados aos conflitos de terra, da demarcação da área, que tanto marcou Meruri, ao ponto do martírio de um padre e de um cacique Bororo. Na representação indígena, feitiços e pragas feitas por brancos, zangados pelas perdas das terras, são as responsáveis pela violência e as mazelas que o álcool trouxe, talvez para sempre...

CAPÍTULO III

INSTITUIÇÕES E PERSONALIDADE, UMA INTERPRETAÇÃO ETNOPSICOLÓGICA DO COMPORTAMENTO ALCOÓLICO.

3.1 - O CLIMA EMOCIONAL DA ALDEIA

As casas dos índios em Meruri são simples: alguns quartos de tijolos, telhado sem forro, uma mesa, um sofá, algumas camas; o fogão a lenha fica às vezes fora, numa varanda aterrada, às vezes está dentro de casa, a gás. Dependendo do estado de humor ou da fase emocional dos donos da casa, esta fica limpa e arrumada, ou encontra-se sem ordem e com aspecto caótico: as paredes juntam fumaça de anos, desenhos superpostos dos adultos e das crianças, e algumas molduras com certificados de casamento ou de crisma fornecidos pela missão católica. O televisor é onipresente: modernos aparelhos de muitas polegadas e imensas antenas parabólicas dão um toque pós-moderno à aldeia.

Também dependendo da intensidade do consumo de bebida e da negligência decorrente, algumas casas apresentam restos da sociedade industrial espalhados à esmo: tênis de adultos e crianças, brinquedos velhos de todos os tipos, latas de óleo, garrafas de refrigerante, de álcool de farmácia, de pinga, e de todo tipo de bebidas alcoólicas: rum, campari, licores, etc, etc.

Nos quintais dos fundos, enormes mangueiras fornecem sombra acolhedora, atravessada de vez em quando por galinhas e seus pintinhos, que as vezes entram nas casas tranqüilamente. Alguns porcos caseiros também passeiam pelo quintal, e máquinas antigas despontam seus restos de fábricas de sonhos: garapeiras, máquinas de massas caseiras, bicicletas, e assim.

Os dias arrastam-se, literalmente: não há uma rotina definida por referenciais externos, nem atividades que se repitam em ciclos estruturadores; somente a fumaça saindo pelas chaminês delata a preparação das refeições, talvez como a única destas atividades. Alguns maridos vão para as roças coletivas no Boqueirão, nas Segundas Feiras, para não voltar até o fim da semana; poucos trabalham na missão, e outros ficam sem atividades muito definidas, fazendo um artesanato, partindo para a pesca, mas bem aleatoriamente.

Tudo é muito fluido em Meruri: as conversas, as rotinas, os horários, os projetos, os estados de ânimo, os relacionamentos, tudo muda a toda hora. Dormem a diferentes horas, as vezes muito cedo, às vezes muito tarde; conversam muito, mas às vezes não; às vezes cumprimentam efusivamente, outras vezes abaixam o olhar se fechando em silêncio...

Joga-se futebol quase todos os dias: é a atividade principal dos jovens, levada bem a sério, e a capacidade e o treino são testados muito freqüentemente em campeonatos interaldeias durante o mês. Esta atividade é enérgica e vital.

Em vários momentos do dia, as pessoas sentam-se em bancos de madeira em frente das casas; visitam-se os vizinhos, ou os parentes, e comentam-se os acontecimentos da comunidade. Dois dias por semana um caminhão transporta gente até Barra do Garças, para fazer compras, para ir ao hospital, para passear...

Todo mundo está informado sobre todo mundo, os boatos correm soltos, e cada um acrescenta uma nova versão às fofocas. Cada família, cada clã, vive dramas humanos particulares, não raro ligados a desentendimentos, mágoas, perdas, mortes e separações sempre lembradas, e como está ligada por vínculos de parentesco -consanguíneos ou afins- a outras famílias, constroe-se uma "rede de dramas", ou "rede de intrigas", uma teia de comentários que avolumam-se como uma bola de neve. Tal amancebou-se, o outro separou; fulana está grávida, mengano abandonou a mulher; sicrano desentendeu-se com a sogra. X está bebendo muito e bate na mulher, Y está doente. Viagens, desfeitas, intriga política, julgamentos críticos (invejas), o diz-que-diz parece não ter fim... Além de uma óbvia necessidade de comunicação e informação, a fofoca, especialmente pelo tom com que é feita, mostra uma básica falta de solidariedade. Como numa caixa de ressonância, os problemas humanos que os Bororo vivem, que são universais, ficam na aldeia com uma dimensão enorme.

Em algumas casas os televisores estão ligados o dia inteiro, e não é raro ver os homens deitados em pleno dia assistindo filmes na "sessão da tarde". Isto tanto pode ser um estado de ressaca, como pode estar se preparando uma sessão de bebedeira, por falta de opção imediata do que fazer.

Todo sábado à noite tem "baile de branco" no **baíto** central: dança-se a dança popular da moda nas grandes cidades, sertanejo, rasqueado (até discoteque já teve sua vez),

e também leva-se a sério o "ofício" de dançar, os casais bailam todos no mesmo passo, direitinho, quase como uma coreografia coletiva.

Vive-se num clima de lassidão e ócio generalizados: a falta de perspectivas na vida quotidiana é palpável, não há muito o que fazer em Meruri, e não há qualquer perspectiva de mudança. O que mais chama a atenção do psicólogo é exatamente a maneira como as pessoas se apresentam: quase todas elas, quando confrontadas com as perguntas: " Como estão as coisas na aldeia? ", Como está Você?, sempre respondem: -"mm...tá tudo ruim!, nada mais presta !"-, quase todas se queixam, ou afirmam logo na apresentação que não estão bem, que estão *doentes*. . .

Se queixam do tédio, da falta de dinheiro, dos caciques ou líderes, dos problemas da comunidade. E falam de si ou de algum doente em casa, que tem desde doenças sérias, passando por toda uma gama de males incluindo o alcoolismo de familiares -o próprio nunca é assumido-, até gripes, dores de cabeça, de ouvidos, ou feridas mal curadas -*feridas que não fecham*- tudo é mostrado como apresentação de uma identidade sofredora.

Bororo sofre, e sofre muito, mas não se mobiliza ativamente para acabar com o sofrimento; a tendência é a queixa, o lamento, a lástima, a resignação... Percebe-se à flor da pele, ou contra-transferencialmente, para falar tecnicamente (ver pág. 103), um ambiente pesado, deprimente, enfim, uma enorme **falta de vitalidade**.

Isso contrasta vivamente (sic) com a impressão que teve um dos famosos observadores dos Bororo dos tempos idos, Claude Lévi-Strauss, que acentuava as características de **vitalidade**. Deixemos que ele fale diretamente, porque o contraste é flagrante:

"Por que ordem havia eu de descrever essas impressões profundas e confusas que assaltam um recém-chegado a uma aldeia indígena cuja civilização se conservou relativamente intacta? Entre os Cainganges, como entre os Caduveo, cujas povoações, semelhantes às dos camponeses vizinhos, atraem a atenção sobretudo por um excesso de miséria, a reação inicial é a de lassidão e desencorajamento. Perante uma sociedade ainda *viva* e fiel à sua tradição, o choque é tão forte que desconcerta: nesse novelo de mil cores, que fio será necessário seguir (...) e tentar desembaraçar? Ao evocar os Bororo, que foram a minha primeira experiência desse tipo, volto a encontrar os sentimentos que me invadiram (...): essa vertigem de origem *orgânica* é toda iluminada por percepções de formas e cores: habitações, cujo tamanho as torna majestosas, apesar da sua fragilidade; utilizando materiais e técnicas que consideramos medíocres: visto que essas moradias são menos edificadas que entrançadas, tecidas, bordadas e desgastadas pelo uso (...),

elas reagem com flexibilidade à presença e aos movimentos dos seus habitantes. (...) A aldeia ergue-se à volta dos seus ocupantes como uma leve e elástica armadura; está mais perto dos chapéus das nossas mulheres do que das nossas cidades: ornamento monumental que conserva um pouco da vida dos arcos e das folhagens, (...)."

"A nudez dos habitantes parece estar protegida pelo veludo herbáceo das paredes e pela franja das palmas: esgueiram-se para fora das suas moradias, do mesmo modo que despiriam gigantescos robes de penas de avestruz. Os corpos, jóias desses estojos maciços, possuem modelos requintados e tonalidades realçadas pelo brilho das tintas e das pinturas, suportes -dir-se-ia- destinados a valorizar os ornamentos mais esplêndidos: retoques gordurosos e brilhantes dos dentes e presas de animais selvagens, associados às plumas e às flores. É como se uma civilização inteira conspirasse numa mesma temura, apaixonada pelas formas, pelas substâncias e pelas cores da *vida*..."

"Apesar das epidemias que devastavam a região, a população surpreendia pela sua aparência de *saúde*"(Lévi-Strauss, 1970 : 209-210-212; os grifos são nossos)

Mal sabe Lévi-Strauss (na sua última visita não desceu do avião !...) que hoje temos dos Bororo exatamente as mesmas impressões que ele teve dos Caingangue e Caduveo !... Em pouco mais de sessenta anos (ele conheceu a aldeia de Kejari em 1936), a mudança é tão radical que praticamente manifesta-se o polo oposto da vitalidade.

Se aceitarmos provisoriamente a definição ampla de *doença* que sustenta a Homeopatia, como uma consequência da diminuição ou perda da vitalidade, da energia vital (Hanemann; 1921), não podemos mais do que chegar à conclusão (também provisória), de que o povo Bororo, coletivamente (pelo menos nas aldeias estudadas), está doente, como eles mesmos o afirmam individualmente

3.2 - TRAÇOS DA PERSONALIDADE BÁSICA

A aflição que se vive nas aldeias Bororo, não é constitutiva de nenhum caráter original, a despeito dos ritos funerários serem historicamente o elemento central da cultura. Então, além de uma perda substancial da vitalidade, esse clima opressivo é também resultado de uma trágica perda da **alegria**, essa sim constitutiva do seu caráter, como veremos a seguir no artigo "índole do indivíduo bororo" da Enciclopédia:

" É jovial, alegre, expansiva, especialmente nas crianças que, depois de um certo acanhamento nos primeiros contatos com desconhecidos, tornam-se afetuosas,

faladoras e curiosas. Não se fazem de rogadas para desatarem gostosas gargalhadas (...). Os adultos, evidentemente, são um pouco mais sossegados, mas de rostos abertos a prontos a risadas cristalinas (...). Na aldeia, ao pôr do sol, *quanta alegria* durante o jogo da peteca, a que *todos, homens, mulheres e crianças participam*. Que movimentado e delicado prazer na caçada de um animalzinho qualquer, até de uma lagartixa ou de um camundongo! *Não há motivo de mau humor*, mesmo se o dia amanhece fortemente chuvoso (...). Exteriorização de sua índole são pequenas brincadeiras coletivas ou individuais como o **bí túku túku**, que consiste em se conservar sério não obstante as palavras jocosas pronunciadas pelo chefe do jogo. (...) (Albisetti & Venturelli, 1962 : 288-289 e 278; os grifos são nossos)

Temos também um testemunho privilegiado para comparar com o presente, pois o capítulo sobre os Bororo do livro de Steinen (1940) é repleto de observações específicas sobre o clima emocional em que viviam os Boe-Bororo:

"A sua principal alegria era o *chapeu-claque* de Guilherme, saudavam-no à maneira de urros de urso, com risadas de *hu, hu*, e batiam no seu ombro em sinal de aplauso" (Steinen, 1940 : 576).

"Durante a refeição, havia um contínuo vai-vem; o pequeno cômodo (...) regurgitava de visitas apesar de nos achar-mos ali bem apertados. A língua usada era um estranho bororo-português. O bororo predomina geralmente nos ditos *jocosos*" (idem : 582; o grifo é nosso).

"O eterno feminino tomava a dianteira; as amigas dos senhores recebem os seus pratos, e, quanto mais barulhentas e desembaraçadas se portam, tanto mais alegre se manifesta o entusiasmo" (idem : 582).

"A maior bulha era feita por Maria, irmã de Arateba. (...) Era uma rapariga baixa, robusta, viva, de olhar cintilante...". "...dentro de poucos minutos, formaram elas o centro de um espesso grupo de curiosos e de combatentes, grupo que se enovelava ao longo das cabanas; era um espetáculo esquisito, os homens *rindo, pulando e fora de si de contentamento*, e as mulheres berrando à porfia" (idem : 582; o grifo é nosso).

(na sexta feira da paixão) "...canta-se, faz-se ruído, os rapazes agarram-se brincando, namorados vão e vêm, -em fim, festas por toda parte...(idem : 586).

"Diapocuri, este infeliz imbecil (...), semelhante a um possesso, cabriolava, com gáudio [=júbilo, =troça alegre] de quantos se achavam à mesa" (idem : 589).

Interpretamos as exhibições e comportamentos deste débil mental (idiocia e imbecilidade eram termos da época para denotar debilidade mental), como um verdadeiro "bobo da corte", isto é, eram reforçados pela platéia, tanto faz Bororo ou branca, com a finalidade de rir e se divertir às suas custas. Não muito diferente são as palhaçadas de Moguicuri e Arateba com as roupas civilizadas.

"Os meninos bororo tornaram-se meus amigos especiais. (...) Mostravam-se muito vivos, ousados, e primando sobre a juventude civilizada de Europa em sutileza física e espiritual." (idem : 591)

(por causa da suposta presença dos "kaiámo", tribos inimigas) "A multidão, em *grande alvoroço*, (...)...ninguém podia ouvir a própria palavra. (...). Era uma *efervescência* tal que não se sabia se os cinco sentidos funcionavam....(idem : 590; os grifos são nossos)

"Nós hóspedes, continuamos sempre a admirar estes curiosos contrastes, que cada dia da *vida agitada* da colônia apresentava aos nossos olhos". (idem : 587)

"...para eles, que deixaram com muito prazer o seu passado guerreiro, logo que este não tinha mais utilidade, (...) a colônia importava em nada mais do que uma existência cômoda e *alegre*, ..." (idem : 58; o grifo é nosso)

A partir destas últimas asseverações, pode-se pensar, com justa razão, que tamanha alegria era o resultado da pacificação, isto é, associada ao fornecimento de bens e à vida regalada, ou que vivia-se assim dentro dos limites da colônia, e Steinen, impactado pelo que via, pergunta para seu informante: "*Clemente assegurava que os índios da colônia não viviam diferentemente das suas aldeias...*" (Steinen, 1940 : 613).

Alegria, vitalidade, ousadia, divertimento: retenhamos estes traços para ir conformando um quadro da **personalidade-base** Bororo, personalidade que sofreu uma deformação patológica, através de um processo sem o qual não é possível entender o papel e a persistência do álcool.

O Pe. Bálzola, tendo levado alguns índios Bororo para Turim, Itália, relata cenas hilariantes, onde os índios ficaram "demasiadamente alegres" tendo bebido alguns copinhos nas merendas familiares, e, segundo ele, o "*instinto selvagem ficou mais vivo*", pois riam muito alto, e abraçavam algumas pessoas na rua. Uma velha senhora, assustada quando aconteceu com ela, deu um bastonazo com sua bengala no índio mais velho, e este saiu correndo para a casa, enfurecido, querendo se armar para se vingar. No refeitório do colégio salesiano, cheio de autoridades, deram um verdadeiro show em cima das mesas, "*manifestando a sua cólera*" dando socos no peito e arrancando a roupa. Em outra oportunidade, sem beber nada, ficaram brincando com o Cardeal de Ravena, passando o braço pela cintura e pelo peito, e dando um forte assobio na orelha deste; começaram a correr pelos salões do palácio, com um chapéu do cardeal, rindo muitíssimo, e o cardeal

atrás deles, aceitando forçadamente a brincadeira... O Pe. Balzola reflete que estes episódios foram uma amostra de "*como era difícil converter aquela terrível tribo*" (cf. Balzola, 1932). Tamanha efusividade, expressividade e exuberante alegria eram interpretadas como selvageria, traços que deviam ser extirpados (e o foram...) na tarefa da catequização, como vimos nos processos de "pacificação" e "amansamento" dos capítulos anteriores.

Que diferente tudo isso da timidez e o acanhamento que observamos hoje! Em uma reunião com doze índios e uma equipe inter-disciplinar em Meruri, *a maior parte deles não ousou levantar a vista do chão, e não falaram palavra alguma*, a não ser depois de pressionados pelo líder espontâneo do grupo, que por sua vez era solicitado pela equipe.

Em outra reunião em Tadarimana não foi muito diferente: silêncio obstinado, só falavam se eram solicitados; mas diferentemente de Meruri, havia um padrão de *observar atentamente, "observadores não participantes"* (cf. Liberman, 1962), se tentarmos tipificar o processo de comunicação.

Poder-se-ia objetar que este comportamento deve-se à presença do Outro, e, na nossa presença, como uma resposta aprendida diante de quem quer que represente "o branco", ou a "civilização". Mas fica em pé o fato de, na realidade de antigamente eles não apresentarem semelhante acanhamento.

Essa hipotética objeção não é descabida: quando foi proposto eles discutirem o assunto (o alcoolismo) entre eles em idioma nativo, e depois de muita insistência, desatou-se uma conversa geral e irrestrita difícil de parar; muitos falando quase ao mesmo tempo - literalmente o assunto "rolando como uma onda sonora" entre eles, e entendendo-se - surpreendentemente para nós- de maneira harmoniosa . . .

Isto último nos introduz à um complexo de traços da maior importância para o nosso assunto, e que não encontramos outra expressão melhor do que caráter **artístico**, para se referir a ele, e que inclui:

- * *prazer em falar;*
- * *prazer em cantar e dançar;*
- * *prazer em representar ;*
- * *gosto por festas e solenidades;*
- * *gosto pelo enfeite corporal;*
- * *sensibilidade e habilidade estética refinada;*

** indiferença pelo ritmo solar ou diurno*

** excitação das emoções de alegria e tristeza;*

** gosto de substâncias excitantes (especialmente tabaco e bebidas alcoólicas). –*

– O prazer em falar, a indiferença pelo ritmo solar, e o gosto por substâncias excitantes, levou-nos a usar o adjetivo "boêmio" como sinônimo de artístico, mas as associações negativas que despertou em alguns leitores fizeram com que o abandonássemos. De fato, "artístico" é mais abrangente.

As observações de Steinen continuam a fornecer argumentos para esta hipótese:

"Não sem razão fala Waehneltd das festas quotidianas dos Bororo" (Steinen, 1940 : 606)

"O centro da existência Bororo é o *baíto*, o ranchão, e, ao lado da vida horrivelmente barulhenta que aqui há dia e noite, as cabanas domésticas quase não são mais do que a residência das mulheres e crianças. (...) Sem exagero, pode-se dizer que, as cantarolas estridentes saíam dia e noite do baíto, (...). Havia cantarola em todos os acontecimentos que de qualquer modo *excitassem sentimentos de tristeza ou de alegria*, não só na véspera, se era possível, como também depois de acabados. O cacique, de tarde, anuncia uma caçada para o dia seguinte: a gente, em vez de prudentemente conciliar o sono, até chegar a hora matinal da partida, reúne-se no aróe para o canto da caçada, e os mais ardorosos cantarolam até ao romper da alva. *A tribo dá a impressão de uma "sociedade masculina de canto", composta de caçadores, cujos membros se comprometem a não casar, enquanto não tiverem mais ou menos 40 anos, e moram em convívio no "Clube"*. (idem : 612; o grifo é nosso).

É importante não deixar passar essa observação de Steinen: o que perpassa os rituais Bororo são *sentimentos de alegria e tristeza*, dois polos intermitentes da mesma linha emocional, que conformam um traço central do caráter cíclico ou ciclotímico (cf. Kretschmer, 1954)

Este tipo de caráter encontra-se bem delineado na tipologia individual, contrastando com outros tipos universais, como o esquizotímico, podendo adiantar aqui que apresentam ademais os traços de sociabilidade, afetividade, humor, animação, e também tendência à depressão, impressionabilidade, brandura e mansidão, em manifestações cíclicas, por fases alternadas, e cujo desenvolvimento psicopatológico eventual leva à psicose maniaco-depressiva (idem : 177). Mas continuemos abonando a realidade eufórica do caráter Bororo da antiguidade:

"Pequenas fogueiras ardiam ao longo da casa. Os homens estavam deitados (...) um ao lado do outro, em fileira, para dormirem ali fora; proseavam e mascavam cana, atirando em curva os bagaços para trás. Divertiram-se muito quando me sentei de cócoras junto à fogueira (...). A um lado, não longe das fogueiras, também dormiam casais; também crianças corriam e brincavam alegremente, até *alta noite*, no pátio" (Steinen, 1940 : 583).

"Noite a noite ressoam, pelo menos de quatro ou cinco cabanas, as lamúrias de algumas mulheres. São esposas de caçadores, cuja volta é esperada dentro de poucos dias. *Bábela bábela bá... baba eh !* Os queixumes prolongam-se até alta noite; é quase impossível dormir" (idem : 584).

(Na oração da tarde dos soldados) "os índios, que por acaso passaram, não só gritaram também "pronto!", como ainda tomaram ativamente parte na cantarola; ()...uma hora mais tarde apareceu diante de nossa porta uma dúzia de rapazes cantando (a melodia certa, as palavras, afora o começo, (...) confusas): *-Oh! Santa Maria, mãe de graxa!-* abraçando-se alegremente e pondo-se numa linha sem ordem" (idem : 585).

(Depois do ritual do funeral) "Deixam todos o ranchão, vagando por fora, tagarelando e rindo, como quase todas as noites. Ainda se ouve nas cabanas o barulho de socar milho, ali e acolá arde uma fogueirinha, alumando um grupo pinturesco, canta-se, faz-se ruído..." (idem : 586).

"No ranchão dos homens, desde o romper da manhã, tinham estado em muita atividade. Pela tarde, até ao escurecer, uns 12 Bororo *divertiam-se* em pintar festivamente para a noite o cabelo, a cara e o corpo, com tinta muito vermelha..." (idem : 589; o grifo é nosso).

(Os rapazes) "Em nossa casa queriam sempre *beber* e comer (...), ou então dormir ou *enfestar-se*" (idem : 576; o grifo é nosso).

(Durante a serenata de Duarte) "Frequêntes vezes, entresachavam com a sua tagarelance os discursos sentimentais, o que a ninguém incomodava, levantando as suas garrafas ao tinir dos copos, tocando-as também, e não se cansavam de abraçar-se cordialmente" (idem : 596).

Steinen, além do exposto, dedica uma seção inteira às "Danças e outras diversões" (idem : 627-628-629), tanta é a importância deste item cultural, e que resumiremos a seguir. Descreve com detalhes os cantos e danças de caça (e pesca), diferenciados por sexo, e exemplificando-os com partituras musicais (idem).

Cita outros pesquisadores, como Rohde, que fala de uma dança *fararú*, com rodas de homens e mulheres uma dentro da outra; Waehneltdt, que viu danças imitativas de

animais, dentre as quais a dança dos mycetes (macacos roncadores) e a dança da pele do Jaguar, onde "*o medo das mulheres é o 'clou' da diversão*" (idem).

Fala da dança da imitação dos costumes dos antepassados, e a dedicada à recordação dos mortos; a dança para se encorajar no combate ao inimigo, e uma dança cômica chamada *páre*, onde dentre 4 rapazes e 4 moças, há uma "fingida", que não é mais que um homem com roupas e trejeitos de mulher (idem).

Descreve vivamente 'pacíficas' lutas corporais (entre homens, é preciso esclarecer, pois entre mulheres tinham outro caráter), isto é, com a única finalidade de divertimento, além de exercícios no atirar com arco, exercícios atléticos, e jogos, "velhos e moços gostavam muito da gangorra (*bukira*), invenção dos soldados", e os brinquedos da peteca e a 'tágora', chicote com pena. "*Um dia vi dois rapazes que faziam esvoaçar uma abelha e uma borboleta, presas a um fio*" (idem : 630).

Outro testemunho de inestimável valor a esse respeito, não só pela autoridade mas pelo caráter vivencial de que se reveste, segue sendo Lévi-Strauss:

(A primeira vista que tem quando chega à aldeia) "*No alto de uma margem argilosa, avistamos as palhoças. Uma meia dúzia de homens nus, pintados de vermelho com urucu desde os artelhos até à ponta dos cabelos, acolheram-nos com gargalhadas (...)*" (Lévi-Strauss, 1970 : 209; o grifo é nosso).

(No primeiro dia da visita à aldeia, e para benzer a presa que eles mesmos trouxeram) "Já se ouviam cantos modulados, numa língua baixa, sonora e gutural, apenas os homens cantam; e o seu uníssono, as melodias simples e cem vezes repetidas, a oposição entre solos e conjuntos, o estilo viril e trágico, fazem lembrar os coros guerreiros de algum Männerbund germânico. (...) Repertir-se-ia, de resto, a mesma coisa até ao fim da nossa visita: *as noites eram dedicadas à vida religiosa, os indígenas dormiam desde o nascer do sol até meio da tarde.*" (idem : 212; o grifo é nosso).

"Na aldeia Bororo há um momento do dia que reveste uma importância particular: é o chamamento da noite. Logo que cai a noite, ascende-se uma grande fogueira no terreiro da dança, onde os chefes dos clãs vem juntar-se. (...) À medida que o chamamento continua, os chefes de família designados levantam-se um após outro, recebem as suas ordens e voltam a estender-se com o rosto virado para as estrelas. (...) ...progressivamente, (...) começam-se a ouvir no fundo da casa dos homens, depois sobre a própria praça, os cantos, os recitativos e os coros que irão durar toda a noite"(idem : 232-233).

"Era uma maravilha ouvi-los: ora desencadeando ou parando as vozes com uma pancada seca; ora preenchendo os silêncios com o crepitar do seu instrumento;

ora, enfim, dirigindo os dançarinos por alternância de silêncios e de ruídos, cuja duração, intensidade e qualidade eram tão variadas que um chefe de orquestra dos nossos grandes concertos não teria sabido indicar melhor a sua vontade" (idem : 213).

"Mesmo quando não estão em traje de cerimônia, o gosto do ornamento é tão pronunciado que os homens improvisam constantemente adornos. (descreve vários enfeites inventados com materiais aleatórios). Um bocado de casca, algumas plumas, fornecem aos *incansáveis criadores de modas* pretextos para uma criação sensacional de brincos. É preciso entrar na casa dos homens para apreciarmos a atividade gasta por esses robustos rapazes no sentido de se fazerem belos: por todos os cantos recortam, modelam, cinzelam, colam. (...) Com uma aplicação de costureira, homens com constituição de carregadores transformam-se mutuamente em pintinhos, por meio da penugem colada na própria pele. (idem : 220-221-222; o grifo é nosso).

"Em contraste com a austeridade dos objetos utilitários, os Bororo colocam *tudo seu luxo e a sua imaginação* no traje, ou pelo menos -uma vez que este é do mais sumário- nos seus acessórios. (descreve muitos deles). Por vezes esses ornamentos são combinados num toucado compósito que exige *várias horas* para ser colocado na cabeça do dançarino. (descreve-o em um parágrafo de 6 linhas). O conjunto atinge quase *dois metros* de altura" (idem : 220-221).

Baseando-se numa extensa bibliografia e também numa extensa experiência clínica, Roberto Assagioli (1997) propõe uma classificação de sete tipos humanos básicos: o tipo Volitivo, o tipo Amoroso, o tipo Ativo-Prático, o tipo Criativo-Artístico, o tipo Científico, o tipo Devoto-Idealista e o tipo Organizador. Continuando com nossa categorização da personalidade-base Bororo como de tipo artística, acrescentamos o que Assagioli tem a dizer desse tipo.

No nível físico, demonstram uma apurada apreciação do belo e um excelente senso de cor; a vida emocional é muito ativa, e muitas vezes, conduz à perda de equilíbrio: esses indivíduos são muito mutáveis, oscilando constantemente entre extremos de otimismo e pessimismo, períodos de vitalidade e ilimitada felicidade alternados por outros de desencorajamento e desespero. São extremamente sensíveis a impressões do mundo externo e à influência de outras pessoas (traço que compartilham com o tipo Amoroso), e são tomados pela *delicadeza*, que [coincidentemente] é uma característica dos sul-americanos, especialmente dos brasileiros (cf. Assagioli, 1997 : 61)

Se associarmos com o que já colocamos sobre o caráter cíclico ou ciclotímico, são importantes as observações a longo prazo de um conhecedor de longa data dos Bororo, que confirma esta mudança cíclica de humor, apontando que passam, sim, intermitentemente por fases de euforia e de tristeza, fases onde há fartura e outras onde não tem mais nada ("quando tem, é para torrar"), fases de muita atividade e outras "sem graça", onde tudo fica "enjoado" e vem a passividade (Bordignon, comunicação pessoal). É é aqui que entra o álcool na atualidade, especialmente nas fases de tédio e depressão, como veremos mais adiante.

Também contamos com outra prova objetiva para asseverar nossa afirmação sobre o caráter ciclotímico: os resultados de uma pesquisa de uma equipe da Universidade Católica dom Bosco (UCDB) de Campo Grande, em novembro de 1999, executada pela psicóloga Genoveva S. Plinta e dirigida pelo também psicólogo Pe. Guillermo Morales, usando um teste psicológico, o "Teste de Peri", que consta de 120 perguntas aproximadamente, aplicado na população de Meruri, e que otorgou o segundo lugar dentre as 32 questões pesquisadas ao quesito "ciclotimia", com um percentual de 64,28 % (ver Anexo 2). Os resultados ainda encontram-se em fase de elaboração.

3.3 - ANIMADOS FUNERAIS

Mas o objeto principal de nossa reflexão são exatamente os **funerais**, ritual organizador e estruturador da vida social e especificador de toda a cultura Bororo. Está além do alcance de este trabalho a descrição dos rituais funerários, aliás feita à exaustão no material etnográfico de inúmeros pesquisadores, dentre os quais Steinen (1940) e, especialmente, Viertler (1991).

Vamos lembrar somente que os rituais funerários Bororo duram **muito tempo**, de um a dois ou três meses, sendo provavelmente os mais longos e elaborados entre muitas culturas no mundo, e constam de um complexo roteiro que inclui: enfeitar e pintar o agonizante; esperar e favorecer a decomposição; envolver o corpo e abertura de uma cova central; inumação, limpeza e enfeite dos ossos; danças com o representante do morto, muitos com as maiores galas Bororo: parikos, viseiras, enfeites, saias, pinturas e penugens coladas no corpo; uso de diversos instrumentos musicais; imitação dos monstros e uso dos zunidores; escarificar o corpo até sangrar, feito por mulheres e parentes do morto; cantorias e lamentos intermináveis; danças dos diversos clãs (imitando seus tótems) que organizam o funeral; a corrida e a representação com os "marido" (rolos pesadíssimos de talos de folhas de palmeiras); a "refeição das almas"; a queima dos pertences do morto; etc, etc, tudo regado com bebidas doces, refrescantes, estimulantes ou fermentadas, e esfumaçado com muito fumo.

O que pretendemos afirmar a partir de um novo ponto de vista, é que os funerais se enquadram como mais uma manifestação (a principal, é claro) dessa categoria mais ampla de que estamos falando, como festa, celebração, solenidade, encenação, dramatização, fantasia, representação.

Poder-se-á levantar a objeção de que isto é de uma generalidade tão grande que caberia a muitos povos indígenas, inclusive ao próprio povo brasileiro, tão conhecidamente dado a festas religiosas e populares, feriados e carnavais. Poderemos discutir isso em outro contexto, mas o que queremos enfatizar aqui é que, se tais festejos e rituais Bororo faziam-se antes e depois das caçadas e pescarias, para pôr nome nas crianças, para iniciar os adolescente, etc, etc, e especialmente toda vez que morria alguém (durando isso meses), é

muito provável -possibilidade levantada por Viertler (1991)- **que vivessem o ano inteiro em festas, cerimônias e rituais...**

"Antes o cacique mandava: 'vamos caçar!'... toodo mundo ia...!, 'vamos cantar para a caça!'... toodo mundo ia...!, 'vamos comer!'... toodo mundo ia...!; nos funerais, toodo mundo participava, (...) Toodo mundo participava, todos os dias, caça, pesca, trabalho na roça, funerais, bailes: *era uma festa sem fim...* (Euclides Leandro, descendente Bororo, Meruri; o grifo é nosso)

O mais interessante de tudo são os dois conceitos ou fonemas na própria língua Bororo para designar esta realidade, que a "Enciclopédia Bororo" traduz como *representação*, e que são respectivamente **tawujédu** e **boróro**.

O primeiro usa-se normalmente associado a **aróe** (almas), na expressão "**aróe e-tawujédu**", e que significa "representação das almas" na dupla acepção de substituir, e imitar, fazer trabalho de ator, e se refere tanto a representar os antepassados, como imitar os animais ligados aos seus clãs, o que vem a ser a mesma coisa, e que são muitos ! Os autores da enciclopédia referem-se a seguir a 20 tipos de representação, com as pinturas corporais correspondentes, e a 27 tipos de pinturas faciais, descrevendo-as em 40 páginas (Alvissetti e Venturelli, 1962 : 121 a 161)

"Sob esta f. elencamos muitas manifestações sociais que evidenciam a descomunal organização dos bororo, regularizada por constante e pormenorizada tradição.(...) Algumas delas são de uma simplicidade extrema e podem passar despercebidas a um observador menos atento. (...) Outras vezes as manifestações se revestem de uma solenidade extraordinária, pelo cerimonial e pelo número de participantes. (...)...movimentam, em variadas cenas, grande número de atores. Em tempos idos foram acontecimentos realmente grandiosos, especialmente em aldeias numerosas, (...) no testemunho irrefutável do grande chefe **Úke Iwágu Úo**, falecido no ano de 1916" (idem : 120).

O outro conceito é **boróro**, e que significa -alem de pátio da aldeia, pátio das danças, praça, e mesmo aldeia- o *ato de executar alguma representação*, e **borororéu** significa *indivíduo que representa, ator, intérprete*. (idem : 516). O que queremos ressaltar é que a escolha desta palavra para designar a todo o povo Bóe não foi arbitrária, representando muito bem a alma deste povo de artistas, pois o pátio da aldeia é um verdadeiro "palco"...

Devemos lembrar agora que os Bororo (ao igual à muitos povos indígenas), foram e são julgados como indolentes, preguiçosos e vagabundos pelos colonizadores, dirigentes,

missionários ("bororo cigarras" em contraposição aos "bororo formigas"), e pela população em geral, vício de julgamento etnocêntrico devido à valoração fanática do trabalho produtivo e da acumulação de bens própria da cultura ocidental capitalista. Pode ser devido a isso, pelo "preconceito de ter preconceito", que poucos etnógrafos realçaram suficientemente o papel central deste caráter cultural.

Em comunicações pessoais, Viertler refere-se sempre ao comentário de um velho índio conhecedor das tradições, quando perguntado sobre como vão as coisas na sua aldeia: *"Ah !, isso aqui está muito parado, muito chato !, precisa de um funeral !..."*

É citado freqüentemente, quando se queixam do tédio da vida quotidiana, o comentário: *..."Está precisando morrer alguém...!"* (Edir Pina de Barros, comunicação pessoal).

E em artigo recente de um jornal, lemos: *"missionários que trabalham com os índios (Bororo) falam usualmente que, quando uma aldeia está triste e melancólica, é preciso haver um funeral."* (Diário de Cuiabá, 10 e 11-01-1999).

Hoje existem diferenças substanciais entre as aldeias remanescentes: tem algumas (Meruri) em que simplesmente não ocorrem mais funerais nos moldes tradicionais já há muitas décadas, nem quase caça nem pesca, mas mesmo assim, nós sustentamos que em naquelas em que subsistem tais tradições, a diferença com o passado é abismal, tanto em quantidade como em força integradora das relações e dos conflitos sociais.

E, depois deste longo raciocínio, chegamos ao que importa: o papel das substâncias excitantes. Sabe-se pela observação empírica, pela psicologia dos tipos, e pela nosografia homeopática (cf. Lathoud, 1980), que os indivíduos de caráter artístico têm afinidade e consomem normalmente substâncias de tipo estimulante: café, fumo, bebidas alcoólicas. (Para sermos mais precisos, quimicamente falando, o fumo e o álcool são estimulantes e depressores do Sistema Nervoso Central, dependendo da fase do efeito [Milan & Ketcham, 1983]).

Os índios Bororo não são diferentes. O Pe. Colbacchini, já em 1919, falando dos Bororo das missões, afirmava que:

"...em algumas épocas do ano, (...), preparam uma bebida excitante feita com o suco de uma palmeira chamada oacury. É um líquido de cor esbranquiçada como água turva, de sabor adocicado a princípio; depois de fermentado é ácido e forte. O

espaço da manhã à tarde basta para que fermente e azede. Bebido nesse estado, pode produzir embriaguez (...), mas, para esse efeito, é necessário que a quantidade não seja pouca." (É o '**iwóro**', mais tarde -1962- descrita com detalhe a técnica de obtenção na Enciclopédia Bororo, pag.677).

"Parece que só conheceram o tabaco por meio dos civilizados. Já usavam porém aspirar o fumo de algumas folhas que tinham algum princípio aromático e excitante, mas, logo que conheceram o tabaco, desprezaram todas as outras ervas, e tanto o apreciam que fazem uso exagerado d'ele."

"Desejam e bebem com prazer os nossos excitantes: o café, vinho, licores, etc, (...). Deixado em liberdade e favorecido por uma civilização corrompida, entregar-se-ia o selvagem ao vício do álcool e se arruinaria vivendo em uma contínua embriaguez. ()...o missionário conserva-o alheio ao uso d'essas bebidas, que si para todos é um perigo, mais ainda o é para o indígena... (...)" (Colbacchini, 1919 : 30-31; o grifo é nosso).

E foi o que aconteceu : tal como com o fumo, os Bororo substituíram muito rapidamente o **Iwóro** pelo álcool destilado, pela intensidade e pela rapidez do efeito, e pela rapidez com que se consegue, pois aquele requer vários dias de trabalho, e depende da localização da palmeira na floresta. A quase instantaneidade e a intensidade da alteração da consciência pelo álcool convenceu facilmente os Bororo para a substituição de um pelo outro.

Não podemos deixar de apontar aqui uma característica cultural que os Bororo compartilham com muitos outros povos indígenas sulamericanos, que é o consumo ritual de bebidas inebriantes, tabacos e alucinógenos, por meio do qual almejavam (e alguns ainda continuam visando) se comunicar com entidades sobrenaturais. Associados ao mundo religioso, os estados alterados de consciência são alcançados pelo uso coletivo e regulamentado daquelas substâncias, associado a músicas e danças (cf. Viertler, 1998 : 7). O que queremos ressaltar neste trabalho é que este uso religioso de bebidas inebriantes que certamente facilitou a introdução e aceitação do álcool destilado, é uma análise do ponto de vista sociológico que não pode ignorar a interpretação etnopsicológica de um traço de caráter da personalidade-base Bororo.

Deixemos bem claro agora: os Bororo não são só viciados em álcool; também o são do fumo... formando um par inseparável associado por sua vez com seu estilo de vida e caráter artístico.

(na casa dos homens)"...dormem os adolescentes; nas horas de lazer os homens casados vão lá fazer a sesta, tagarelar e fumar os seus grossos cigarros..." (Levi-Strauss, 1970 : 222).

"Passamos assim, no rancho, horas divertidas e instrutivas. Mas uma coisa era intolerável, -o contínuo pedinchar de tabaco. Meu cachimbo andava de boca em boca". (Steinen, 1940 : 623).

O primeiro contato de Lévi-Strauss com os Bororo é sumamente ilustrativo do que queremos transmitir :

"E depois, um dia, (), avistamos duas formas nuas que se agitavam na margem: os nossos primeiros Bororo. Acostamos, tentamos falar : *apenas sabiam uma palavra portuguesa : fumo* -tabaco-, que pronunciavam *sumo* (pois não reconheciam o F na sua fonética). Apesar de serem, eles próprios cultivadores, o seu produto não tem a concentração do tabaco fermentado, enrolado em corda, de que os abastecemos liberalmente." (Levi-Strauss, 1970 : 209; o grifo é nosso).

Não é muito significativo que a única palavra em português que (supostamente) conheciam fosse precisamente "fumo"? E que a primeira coisa a comunicar num contato interétnico fosse o pedido de uma substância excitante?...

Como sabemos, no processo de adaptação à expansão e colonização capitalista, os Bororo foram perdendo progressivamente população, a agressividade guerreira, as possibilidades de caça , pesca e colheita, e principalmente as tradições, e com elas o estilo de vida efervescente, festivo, dionisiaco que preenchia e dava significado às suas vidas.

É um fato que os jovens em Meruri não se interessam muito pelas tradições; e, por outro lado, de maneira suicida, os velhos conhecedores das tradições retêm as informações, e só as transmitem com um esforço enorme de insistência do interessado, e, o que é mais grave, muitas vezes a um custo material muito elevado.

Alcoolizados, os velhos contam seus segredos clânicos, seus mistérios e cânticos, e alguns jovens os ajudam a se embriagar, para poderem assim grava-los e se apropriar da tradição, tentando recriar a cultura.

E, por fim, apresentamos aqui nossa hipótese etno-psico-histórica : através de todas as perdas e dos desapontamentos históricos, os Bororo perderam a alegria de viver, aumentando o polo da tristeza e do tédio do seu caráter ciclotímico, e é através do álcool que os Bororo tentam recriar o passado animado,"quente", que perderam; é com o álcool

que o sangue ferve novamente, que a vitalidade renasce, que há alegria, sociabilidade, danças, sexualidade, e no final, também agressividade (veremos mais adiante), sem as quais a vida Bororo é vivida sem sentido, se arrasta como um pântano lamacento, um marasmo letal. Citando novamente um merureense agora de forma completa, não fazemos mais do que sintetizar nossa hipótese:

"Antes o cacique mandava: 'vamos caçar!'... toodo mundo ia...!, 'vamos cantar para a caça!'... toodo mundo ia...!, 'vamos comer!'... toodo mundo ia...!; nos funerais, toodo mundo participava, eles exigiam participação, não só assistência, hoje é tudo assistência.... Toodo mundo participava, todos os dias, caça, pesca, trabalho na roça, funerais, bailes: *era uma festa sem fim...* Hoje não fazem nada, fica essa fofoca, todo mundo contra todo mundo, e a bebida para preencher. (Euclides Leandro, descendente Bororo, Meruri; o grifo é nosso)

Como é agora significativa à essa nova luz, a seguinte observação de Bordignon!: *"A primeira (fase da bebedeira) se percebe pela alegria e euforia dos bebedores que fazem questão de soltar os típicos gritos rituais."* (Bordignon, 1996 : 3). Ou a observação de um jovem de Meruri: *"Bororo gosta de gritar, ele sempre grita quando está alegre, até eu também grito quando estou bem, mas gritos rituais, só quando estão bêbados, e alguns até cantam róias..."* (Jair Mendes Cibae Etaiwu).

Paradoxalmente, os comportamentos alcoólicos são uma paródia, uma caricatura dos costumes culturais, mas ao mesmo tempo recriam o tom, o clima emocional de antigamente, tão caro a eles. Por isso os Bororo não querem ou não podem deixar o álcool; nesta interpretação, seria o tiro fatal, o suicídio completo, e assim entendemos o aspecto subjetivo da "resistência cultural" à que se referem Viertler (1998) e Novaes (1993), como a persistência de determinados comportamentos negativos para uma integração à sociedade nacional, ou que contrariam todas as expectativas da sociedade global e que *permitem que os Bororos continuem vivendo como Bororos, um povo que não se propõe a 'melhorar de vida', e muito menos a se redimir pelo trabalho"* (Novaes, 1993 : 133).

Os antropólogos que trabalham em comunidades com problemas renitentes de adaptação, recorrem ao conceito de "resistência cultural" para entender as situações hegemônicas que encontram resistência ativa, mas de forma individual e disfarçada mais do que organizada e desafiante: "as armas dos fracos"(cf. Kottak, 1997 : 238). Os subordinados utilizam diversas estratégias para resistir-se, mas todas de forma dissimulada,

como as metáforas e os mitos onde celebram as artimanhas dos débeis quando triunfam sobre os fortes (idem : 239). Certamente não é por acaso que os mitos mais divulgados na atualidade entre os Bororo sejam os do macaco ou da cigarra (animais histriônicos e cantores, respectivamente! [caráter artístico]) que triunfam sobre as onças...(cf. Ochoa, 1983)

Em todo o longo tempo que estivemos em Meruri, as únicas situações em que o clima emocional da aldeia mudava radicalmente era nos bailes (ainda que com música sertaneja), nos campeonatos de futebol -nas festas dos visitantes-, e também nas bebedeiras grupais avulsas.

A diferença entre a vida quotidiana sóbria e estes episódios alcoolizados é tanta, que podemos usar sem eufemismos a imagem quase literal de um enfermo se levantando de repente do seu leito para bailar, gritar, brincar e brigar, e depois (quando passa o efeito), voltar a deitar... Como o afirmaram enfaticamente dois jovens Bororo: *"As únicas três coisas de que Bororo gosta são baile, futebol e cachaça"* (Márcio Lopes Adugo Doge e Inácia, sua esposa)

Num enterro cristão de um bebê índio, a única pessoa que fez sentidos -e adequados- discursos fúnebres, e cantou lamentos tradicionais (respeitado por todos os assistentes), foi aquele único que estava completamente bêbado !

Vamos encerrar este capítulo com declarações, que por sua clareza e valor exemplar, dispensam comentários. A primeira foi colhida em uma reunião em Tadarimana, quando confrontados com as perguntas : Para que Bororo bebe? Bororo bebe para esquecer os sofrimentos?, várias vozes se levantaram enfáticas negando tal possibilidade, então para que? repetimos, e uma índia assim resumiu:

"Eu me controlo com a bebida, nunca fico caída nas estradas; **o álcool me dá eletricidade, posso cantar e dançar a noite inteira**"-(Emília, do clã Baádu Jebáge, Tadarimana)

"Essa falta de coisas para fazer, a ociosidade, se tornam irresponsáveis; preencher esse vazio com alguma coisa, acabam partindo para isso: tem muitos que fazem assim, bebem, ficam animados, bebem para ficar motivados, por fazer alguma coisa..." (Dora Bakoro Mugo)

"Quando comecei a beber álcool era bem jovem, e o gosto era ruim, queimava; era um velho que me dava, minha mãe não queria que eu bebesse."- (Por que Você bebe?) -"Por divertimento ! Dá vontade de ficar brincando, conversando com todo mundo !... (...)"Sem álcool os velhos não ensinam, mas quando bebem, solta a língua, cantam e passam ensino" (Benedito Taukebou Bororo)

As declarações de Mara Rúbia Enoré, enfermeira Paresi já apresentada, são um surpreendente guia e síntese das nossas descobertas, e nos dá um parâmetro fiel das diferenças do comportamento alcoólico com outras aldeias:

"Os Bororo são maravilhosos, só mudam quando aparece bebida alcoólica, quando o barco sobe, aí tem uma semana de bebedeira, eles têm atração pelo álcool."-

"Quando tem festa, comemoração, o que aparece é a chicha. Fazem chicha de milho, de açaí, de buriti, de genipapo, de mandioca, e de palmito de acuri. A chicha é o mesmo que uma champanha, fica tonto mas não fica violento."-

"Bebem todos juntos, faz roda, cantam a noite toda, ficam alegres, estão mais unidos. Fazem rodas grandes, sentam à beira do fogo."-

"*São muito alegres, é o normal deles*; a chicha aumenta a alegria, dá força para agüentar mais tempo. Eu escutava desde o posto da FUNAI eles cantar a noite toda, os velhos puxam mais. Normalmente os velhos ficam trancados; com a chicha se soltam, aí todos o acompanham."- (o grifo é nosso, para sublinhar esta OUTRA visão cultural que não unicamente a nossa)

"A preparação da chicha leva três a quatro dias: socam (já não cospem mais, é mais rápido), separam, lavam, deixam de molho; com uma semana antes da festa do kaité -quando vão caçar e pescar-, começam a preparar."-

"Quem prepara são as mulheres, a mulher mais velha é a que distribui; os homens ficam esperando, caçando. Consomem tudo."-

"Os velhos, os homens e as mulheres ficam cantando a noite toda, até o sol ficar alto, só as crianças que dormem. A chicha ajuda a ficar alegre, não dá sono !"-

"Quando usa álcool, não lembra o que faz durante a noite: gritos, machucado, se rasgou com a faca, paulada, fica roxo, quebram as portas. Com chicha lembram tudo."-

3.4 - MANSIDÃO DE FOGO

Os Bororo, pela renúncia oficial e coletiva que fizeram na pacificação, pelos pactos implícitos (sentidos como traídos), e, mais importante ainda, pela personalidade-base, pela predisposição, foram aceitando posteriormente total e maciçamente as repressões, se submetendo completamente ao "amansamento", levado às últimas consequências.

Se aceitamos provisoriamente a definição da agressividade como *"um impulso cego para a auto-afirmação, para a expressão de todos os elementos da própria*

individualidade" (Assagioli apud Fierrucci, 1982 : 86), vemos que ela é universal, a força primária para a autoexpressão, para a autodefesa, para a satisfação das necessidades individuais, e para qualquer ambição. (cf. Greene & Sasportas, 1987).

Uma das grandes contribuições da Antropologia Cultural é o postulado de que a cultura é a que determina a forma, a quantidade e o destino da agressividade, através da criação precoce, das técnicas de modelação da personalidade (Fourasté, 1992; DeVos, 1981).

Assim, existem culturas que permitem liberar, dar expressão direta à agressão, mas a maior parte delas dá outros destinos possíveis: sublimar e canalizar para objetivos valorizados socialmente (Freud sustenta que a sublimação da sexualidade e a da agressividade é o *mecanismo produtor* das culturas humanas), desviar, reprimir, e por fim, inverter, quando se volta contra o próprio indivíduo na forma de comportamentos autoagressivos, como suicídio, autoflagelação, auto-destruição, masoquismo, etc (Ey et. Al., 1974; Fouraste, 1992).

A inversão da agressividade, em termos culturais, pode ser tanto expressão genuína de instituições (como é o caso do suicídio Sorowaha [Dal Poz, 1997]), como também produto da aculturação, do processo de adaptação e mudança cultural (como é o caso do suicídio Kaiowa [Levcovitz, 1994]).

Antes de usar esta interpretação para os Bororo, sugerida pela auto-flagelação manifesta nos seus rituais funerários, consideramos primeiro como predominante entre eles, a *repressão*, inibição ou recaque de toda manifestação de agressividade.

Para ter uma melhor noção do que é a supressão da agressividade defensiva, citaremos uma lenda oriental: conta que uma cobra venenosa foi ter com um velho mestre da selva, queixando-se que as pessoas e os animais se afastavam dela, lhe tinham medo, e sentia-se muito só. O sábio aconselhou para ela nunca mais usar as suas presas e o veneno, e que, depois de um tempo de prova, voltasse a vê-lo.

Assim ela o fez, e quando voltou, estava toda machucada, e queixou-se para o velho sábio: "Mestre, não pico mais a ninguém, mas as pessoas aproveitam-se, riem de mim e humilham-me, me batem e machucam!", ao que o sábio replicou: "Mas eu não falei para você não usar o chocalho!..."

É significativo que os Bororo não conhecessem o escudo..., e poderia ser nesta perspectiva que entender-se-ia o espanto dos Bororo quando uma flecha não atingiu o corpo de Duarte, protegido por couro e metal... (ver pág.)

As invasões dos "brancos", sejam grandes fazendeiros ou pequenos produtores sem terra, não são ativamente contestadas hoje em dia pelos Bororo, e as terras indígenas, exíguas se comparadas com as originais, não são defendidas com força quando tomadas por outros, e vão se perdendo pelas complicações e procrastinação da burocracia.

"Os fazendeiros estão no meio do nosso coração", é a significativa e ambígua expressão usada pelos índios da reserva Teresa Cristina quando falam da nascente do Córrego Grande, centro geográfico da reserva, hoje dentro da fazenda "Sol Poente" (Diário de Cuiabá, "Cidades", 10-11/01/1999 : B2).

São inúmeros os testemunhos e as opiniões de que Bororo bebe para se dar coragem. Esta expressão, *"falta de coragem"*, abrange tudo o que queremos dizer aqui com o conceito de repressão da agressividade, e agora podemos ver todo seu alcance psicodinâmico.

"Os Bororo antes eram valentes e altivos, e perderam tudo isso; agora bebem álcool como droga, para ter coragem para fazer o que planejam". (Valdomiro, chefe de posto da Funai, Meruri)

"Diante de rixas, recuam, recolhem-se, guardam as ofensas por anos e anos, só com álcool tem coragem para revidar" (Cleonice Ramos Gonçalves, enfermeira da Funai, entrevista pessoal)

Não temos observado detenidamente as técnicas de criação de filhos, de modelação precoce da personalidade, com certeza isto fica para futuras pesquisas. Mas algumas observações das crianças, e várias experiências indiretas nos confirmam a hipótese de que a educação tradicional Bororo, que impunha a etiqueta, fazia respeitar as hierarquias e ensinava bons modos, transformou-se em um autoritarismo irracional e uma repressão sistemática da agressividade, da efervescência da infância e juventude e de toda autoafirmação, conjuntamente com uma superproteção sem limites e uma permissividade desligada dos valores tradicionais.

Na Unidade de Saúde da FUNAI, recebemos "casualmente" (pelo princípio da serendipity, ou sincronicidade), o pedido por parte de um enfermeiro, de atender à consulta

de um parente, mestiço Bororo morando em Cuiabá, pelos problemas de comportamento de um filho de três anos. Por uma questão de ética e de inadequação do contexto, não o fizemos, mas decidimos levantar a queixa e inteirar-nos do caso, para uma possível indicação de profissional ou instituição que pudesse atender a demanda. Ficamos sabendo assim de um caso exemplar.

O menino "não falava ainda nada", preocupava-se o pai, mas logo soubemos que já xingava (!). Segundo ele, era muito nervoso e tinha ataques de raiva, jogava os brinquedos, atacava coisas e empurrava as pessoas encolerizado quando não dava conta de fazer algo, ou quando frustrado.

"Desde um ano que é danado, ele tem muita energia", e, na nossa frente, a criança mexia em tudo *como qualquer criança ativa normal*. "Ele teima, provoca" (e nós comprovamos que sim, pois olhava o pai quando mexia em qualquer coisa), e quando perguntado pela educação que dava à criança, sem hesitação, o pai declara que apanha, que apanhou desde pequeno, usando milho, chicote, é castigado violentamente "quando a criança passa na frente, quando desrespeita o mais velho", "o meu olhar intimida ele".

"Ele adora rua, mas eu não deixo, é perigosa". "Tem que educar cedo, se não vira a sacanagem que é hoje". Perguntado pela sua educação, afirma que ele está repetindo a mesma que recebeu. A essa altura, interessamo-nos e perguntamos como ele era. "Eu sou muito apavorado, as vezes reajo violentamente (leva um revólver constantemente, é segurança de profissão), mas tenho que me controlar". "Por qualquer desfeita, vou esquentando, esquentando..."

Todavia, o documento mais revelador a respeito da educação Bororo atual, é uma verdadeira "cartilha" que circula em Meruri chamada "Vida Bororo":

- 01) É' desse jeito que os bororo falam com seus filhinhos, fazem com seus filhinhos.
) Quando seu filho nasce, seu filho menino nasce.

- 08) Então ele anda e começa a entender bem.
- 09) Daí então os bororo falam com ele. Eles o assustam. Os bororo falam: "Não vá lá". É' assim que falam: "É' de bicho que bororo têm medo"
- 10) Os bororo dizem: "Olha lá o corujão!". Eles falam: "Não vá lá". Eles falam: "Olha lá a onça"
- 11) Pajé, é do pajé que as crianças bororo têm medo. Os bororo assustam suas crianças com o pajé.

12)...Eles falam: "Não vá lá, o pajé vem aí., o pajé vai furar-lhe a orelha, o pajé vai lhe capar"

) Os bororo assustam seus filhos, *brecam os filhos, não deixam os filhos soltos.*

.....
16) Por isso que os filhos têm medo, os filhos dos bororo são obedientes, (...) têm vergonha.

(capítulo "Vida do Homem Bororo", Antônio Kanajó, 1998. Trad. : Sandra Arôe Poiwo) (o grifo é nosso).

Há uma forte suspeita que tais declarações tenham sido feita principalmente para agradar aos brancos, e que a educação seja na realidade muito mais permissiva (Bordignon, comunicação pessoal). Mas a permissividade misturada com a repressão cria mais conflito ainda, podendo levar a uma inibição generalizada.

Nós observamos, e confirmamos em algumas entrevistas, a atitude de não frustrar a criança pequena, de dar tudo o que pede (quando tem), ou de enganá-la quando chora muito, para distraí-la. Na geração "intermediária", foi nos referida a intimidação usando a imago dos brancos e dos padres, junto com a dos animais:

Os pais de antigamente ameaçavam com um monte de coisas para meter medo: "Não faz isso que bicho vai pegar, braido vai pegar, padre vai pegar". As mães ficavam observando as moças e falavam "Não vai gostar de braido não, braido é ruim, braido mata, de faca e de revolver, quando é escuro também, braido preto não é gente, nas relações sexuais é como um animal, um cavalo, um boi", sei lá, aí a gente ficava com medo (Rosita Bakoro Mugo)

Isto parece-se muito com a teorização de Frantz Fanon, da construção do super-ego dos colonizados (negros) usando as imagos⁴ dos colonizadores, coisa que não se observa na população colonizadora, que só precisa das imagos- dos pais ou autoridades, sem fazer referência a raças ou outras sociedades (cf. Fanon, 1979).

Voltando à nossa posição psicodinâmica, todo psicólogo clínico sabe, e é matéria banal da literatura especializada, que a repressão da agressividade provoca inúmeras consequências (Quiles 1986 : 24): comportamentos vicários derivados daquela energia, dentre os quais *mal humor, melindre, má vontade, ressentimento* (mágoa), *queixas,*

⁴ Imago

sabotagem passiva, revanchismo (vingatividade), e *explosões periódicas*. (Ferrucci, 1982; Greene & Sasportas, 1987). Isto não é um retrato fiel do clima emocional das aldeias estudadas?

Das **queixas** constantes, nós já falamos no capítulo anterior. Temos em nossas mãos uma reportagem de jornal sobre o atendimento na Unidade de Saúde da FUNAI, onde *só dois índios bororo reclamam falta de apoio*. O tom do artigo é de lamúria, (conhecemos pessoalmente um dos reclamantes e ele vive se queixando, assume uma posição extrema de vítima), lembrando por duas vezes que os índios (eles, Bororo) foram enganados pela FUNAI. (Folha do Estado 07-08-98 : 11)

Temos assim a situação paradoxal na qual *os bororo assumem uma posição psicológica passiva de "vítimas e coitados", e têm sido real e historicamente vítimas!*

Da **sabotagem passiva**, Viertler fala (porque conhece bem) no seu artigo, de

"o padrão alcoolista dos bororo não só como uma das diversas modalidades de adaptação a uma nova ordem imposta (...), mas também como uma forma de *resistência cultural* levada às suas últimas consequências, uma estratégia perversa, padrão este que sempre constituiu e continua representando o grande desafio administrativo lançado aos seus tutores e aliados civilizados" (Viertler 1998 : 2).

Das **explosões**: quando alguém reprime qualquer tipo de impulso, este, além de se deformar nas situações quotidianas, explode repentinamente sem controle, manifestando-se com toda sua força de tempos em tempos. No caso da agressividade Bororo reprimida, a original defensiva, histórica, e a acrescentada pela raiva dos desapontamentos e ressentimentos atuais, explode na forma das bebedeiras que acabam quase sempre violentamente, forma esta à qual categorizamos como "dipsomaníaca" ou "explosiva" na descrição do comportamento alcoólico. O álcool servindo de exutório [=ferida artificial para manter supuração permanente], de válvula de escape, de desencadeante para descarregar a raiva reprimida.

"A cada polo, no caso 'passividade' exacerbada, corresponde o seu oposto quando, principalmente no marasmo da vida cotidiana, os Bororo explodem por

- Imagos: conceito psicanalítico que denota as imagens introjetadas no psiquismo que conformam as instâncias intrapsíquicas como o Super-Ego, mas que incluem as fantasias e todas as deformações emocionais subjetivas acrescentadas pela história do indivíduo.

meio de comportamento 'bravo', destrutivo e antisocial durante as bebedeiras (...). ..."o bebedor se torna 'monstro' ferindo e matando (...)" (Viertler 1998 : 7)

Da **má vontade** (ou a falta de vontade), citamos um trecho de nosso livro "Neurose":

"Também estão ligados à agressividade todos os *transtornos da vontade e da iniciativa*, como a astenia, a indecisão, o tédio, a ociosidade, a torpeza, a tendência aos atos frustrados ou contratempos, a inibição de ambicionar alguma coisa ou satisfazer algo almejado, como medo de mandar"

"A passividade pode ser decorrente de considerar-se inconscientemente toda forma de atividade como agressão, então bloqueia-se todo impulso ativo ou iniciativa." (Quiles 1986 : 24).

"Acontece sempre que quando alguém que não bebe é nomeado chefe, ai começa a beber" (Irmã Ana e Mestre Mário, salesianos, comunicação pessoal).

Agora compreendemos psicodinamicamente a declaração de Bordignon :

(Atualmente)... "a maioria das decisões importantes devem ser tomadas pelos próprios Bororo, tarefa esta que há muito tempo não estavam mais acostumados. Nada mais natural portanto que 'tomar um trago para criar coragem' "(Bordignon, 1996).

Contudo, das derivações da raiva reprimida, é o **ressentimento**, ao nosso ver, a emoção mais importante que ficou de toda a história Bororo do contato e interação com a 'civilização', o núcleo emocional gerador de tudo o mais.

A **mágoa**, o **ressentimento**, o **despeito**, o **rancor**, são todos nomes para um mesmo sentimento: a *dor* sofrida por uma agressão ou uma *ofensa*; dor constituída por *raiva reprimida*, raiva pelo *desapontamento*, pela *confiança traída* ou pelo *orgulho ferido*, e como se recalca, se converte em *tristeza* e em sentimento de ter sido *injustiçado*. O coração se fecha, sofre, e as vezes prepara uma *vingança calada*. É um verdadeiro veneno para os relacionamentos... (cf. Casarjian, 1994).

Sustentamos que a personalidade-base Bororo já tinha uma tendência acentuada para se ofender fácil, não esquecer e sempre se vingar. Assim, temos mais um "complexo" de traços, no sentido de conjunto, *gestalt*, um elemento puxando o outro:

- * *hipersensibilidade às ofensas*;
- * *não revide no momento da ofensa*;
- * *memória tenaz das ofensas*;

- * *mágoa e ressentimento engolidos;*
- * *vingança obrigatória, artilosa, executada através de feitiços;*
- * *medo das vinganças e contravinganças.*

Quando Karl Von den Steinen compara a índole dos índios sulamericanos com a de outros nativos do mundo que ele tinha conhecido, conclui que "*certamente são mais alegres, mas neles facilmente surge o receio e a desconfiança*" (Steinen 1940 : 81).

A Enciclopédia Bororo, logo depois de descrever a índole alegre, aberta e expansiva que citamos no capítulo anterior, continua: ...

"Uma índole tão agradável não deixa, porém, de ter suas facetas menos boas. Uma grande volubilidade distingue muitas das suas ações: num piscar de olhos uma nuvem de tristeza pode pairar sobre eles; o rosto, antes iluminado do mais franco sorriso, torna-se sombrio, fechado e ameaçador. É uma metamorfose extraordinária, impressionante, causada as vezes por uma ninharia, por uma palavra, uma suspeita. Atentos observadores da natureza, são também dos seus semelhantes: fitando os olhos do interlocutor, estudam até a mais insignificante e involuntária alteração de sua fisionomia e lhe dão uma explicação, freqüentemente subjetiva, que os pode levar a falsos e desfavoráveis juízos. Verdadeiros furacões de rancor, ódio e vingança, existem potencialmente em seus corações. Raros são os dias em que não haja alguma pequena ou grande desavença, (...) (Albisetti & Venturelli, 1962 : 289).

Fizemos uma pesquisa na "Enciclopédia Bororo" sobre as palavras relacionadas a este conjunto de emoções, que seria descabido detalhar pelo seu volume, mas como exemplos da hipersensibilidade acima apontada, citamos **éku íru** = arrastamento do olho (que além de observação também é desprezo); **éku méki** = olho torto (que além de estrabismo também é ódio, rancor); **éku péga** = olho doente (olhar maliciosamente, fazer mau olhado), **etúru** = rosto de fogo (carranca, ofensa), e toda as derivações de

kóri (dor, zanga, queixa, fortidão), **kódu akagíri** (ódio), **óki** (raiva, rancor, crítica, alteração), **kiarígo** (ofensa, tristeza) etc., etc.. Na descrição das emoções pela expressão dos olhos, os Bororo seguem uma tendência universal de conhecimento da expressão emocional (cf. Darwin, 1984). E é sabido que quantos mais palavras e conceitos um idioma têm sobre uma área da realidade, mais essa cultura dá importância a ela.

Auxiliadora Bakoro Mugo, já apresentada como uma índia nascida e educada em Meruri, e atualmente bem adaptada à sociedade branca, tendo mudado muito, quando perguntada sobre que características ela ainda conservava dos Bororo, respondeu:

"Sinto algo em comum com os Bororo, o medo de ofender as pessoas; às vezes prefiro calar do que falar, tenho trauma dessas coisas: confusão, mal interpretação. Eu observo muito as coisas, os Bororo também, tudo em volta (que coisas?) As pessoas!!!...Sou muito desconfiada, muito discreta, mas às vezes fica transparente, por mais que tente disfarçar, vem à tona, fazendo algo, os gestos, pra mim tem coisas que não precisa nem falar, basta Você olhar, se não gostou, logo se percebe... Eu tenho essa facilidade de perceber, pela fisionomia das pessoas, eu prefiro ouvir mais do que falar, e aí juntar com o que estava imaginando. Na maioria das vezes dá certinho o que eu estava imaginando. É difícil estar escondendo as coisas, não deixar escapar, tanto o outro quanto você"

Continuemos com as colocações dos próprios índios: Frederico Kógia Túgo, de Meruri,

"Se faz algo para índio, se aproveita da bondade, da confiança do índio, fica marcado toda vida".(entrevista pessoal)

Cecílio Aijako Porireu, enfermeiro Bororo da Funai, junto de Cleonice, idem, declaram:

"Os Bororo (...) tem muita sensibilidade para captar os maus tratos; tem que responder, desabafar, aí passa, esquece, mas geralmente recua, recolhe, aí guardam as ofensas por anos e anos. São especialmente sensíveis às formas de rejeição falsas, fingidas (...) "(entrevista pessoal).

E Mara Rúbia Enoré, já citada, continuou sua entrevista com o seguinte:

"Os Bororo são (e devem ser por obrigação) muito unidos com a família, se não agradou, está excluído; cada clã tem rixa, política, grupinhos afastados, guardam coisas do passado. Você tem que tratar a todos iguais, se não.... Se você dá mais atenção a alguns, aí... Ou dá para todos ou não dá para ninguém. Eu tinha que ir na casa de TODOS; se ficava alguém sem visitar, aí reclamava no dia seguinte. Se alguém queria uma coisa (tinha que dar uma coisa em troca), aí todos querem."

..."os Bororo não se permitem o afloramento da violência aberta no seio das suas próprias comunidades quando estão sóbrios e continuam bloqueados pela norma de que 'Bororo mesmo, quando não gosta de algo, não fala nada e se retira' ". (Viertler 1998 : 12)

Seria longo enumerar os tipos de feitiços e contra-feitiços que existiam tradicionalmente, feitos pelos Baris, os xamãs, ou mesmo qualquer conhecedor dessas tradições, com seus **erúbo** (= vegetais mágicos, venenos, feitiços, poderes, doenças) correspondentes (cf. Albisetti e Venturelli 1962 : 572 e seg.). O que queremos ressaltar aqui é que o espírito de vingança, o uso de feitiços, e o medo dos contra-feitiços, com a atmosfera de desconfiança e temor recíprocos, existem até hoje bastante difundidos, segundo testemunharam vários índios para nós.

Soubemos com luxo de detalhes do caso de um jovem líder que viu-se envolvido em uma suspeita de infidelidade por parte de um colega marido da possível traidora. Para se proteger de uma *possível* vingança, encomendou ele mesmo um feitiço para com o colega!

No âmbito interpessoal, e mesmo interfamiliar, interclânico, o álcool assume aqui outra função, a de alcançar a coragem para executar as vinganças, forma esta de agressividade indireta pois como vimos, Bororo não acostuma revidar na hora de ser ofendido, e as vinganças assumem hoje mais e mais a forma de executá-las com armas brancas ou de fogo durante as bebedeiras. (cf. Viertler 1998 : 12).

É muito ilustrativa a exclamação de um irmão salesiano depois da equipe de pesquisa observar uma briga feroz entre índios bêbados, se machucando violentamente e tentando um se vingar do outro com arma branca por ofensas passadas :

"Quem disse que bororo bebe para esquecer!?!...Bororo bebe é para lembrar !!".

A propensão à ofensa é muito facilitada devido à instituição do "**móri** ", central na cultura Bororo. Dito com maior propriedade, não é que a instituição facilite a propensão emocional da personalidade-base, mas que ambas são a mesma coisa em diferentes registros, o cultural e o psicológico.

"**Móri**" rege todos os intercâmbios, repara todas as perdas e soluciona todos os conflitos, seja com o mundo dos espíritos, com a natureza, com os animais domésticos, entre famílias, pessoas, e mesmo entre crianças. "**Móri** é, ao mesmo tempo, vingança, compensação, reparação, retribuição, pagamento, valor, preço" (Albisetti & Venturelli 1962 : 803; o grifo é nosso).

Não é fácil explicar nos limites deste capítulo a extensão desse conceito que permeia toda a vida Bororo, desde um simples machucado (ou batem no objeto que machucou, ou tingem o ferido de urucu, ou esperam receber móri do 'proprietário' do objeto, sendo que na cultura Bororo qualquer elemento da natureza tem 'dono' entre os clãs), até os conflitos de todos os tipos entre adultos e crianças, desde simples maus entendidos, desapontamentos, até a infidelidade e as desfeitas graves.

A própria morte é considerada uma grande perda, uma ofensa, sendo os rituais dos funerais a vingança com a natureza e com os espíritos que provocaram a perda; e a representação da alma por parte de um clã, é a compensação para a família do morto, do clã oposto, que fica passiva recebendo tudo. O funeral alcança tamanha importância entre os Bororo, justamente pela instituição do Móri e o tipo de representação e valores que sintetiza.

"Um dos conceitos mais arraigados na mentalidade Bororo é justamente o de vingança = **móri**, da qual procuram fugir. Qualquer má ação será castigada ou vingada. O castigo é deixado ao arbítrio da iniciativa particular. (...) O temor de um feitiço = **erúbo**, faz viver sobressaltados os faltosos" (Albisetti & Venturelli, 1962 : 287).

Estudando as formas primitivas do direito, as transgressões e as penas, Durkheim afirma que a vingança existiu em todas as culturas e desde sempre, e que não era uma crueldade inútil, mas atos de defesa instintivos e irrefletidos, o instinto de conservação exasperado pelo perigo. (cf. Durkheim 1995 : 58). Entre os Bororo desenvolveu-se ao máximo, atingindo o par 'ofensa-vingança' um lugar central no conjunto das representações.

Porém, é no âmbito interétnico, que os sentimentos de ofensa e de mágoa atingem entre os Bororo uma magnitude cada vez maior, pelo fato de serem acumulativos, repetitivos, históricos, e onde não há possibilidade alguma de se vingar conscientemente, haja visto a renúncia oficial das hostilidades.

"Veio um dia o cacique -homem de grande influência, cuja flecha não pouco sangue e lágrimas fizeram derramar ao civilizado- e sentou-se entre nós (missionários salesianos) entabulando familiar conversação. Discorrendo-se sobre vários assuntos do tempo passado, alguém disse que há brancos que conservam ódio contra os gentios e desejam exterminá-los. Isso ouvindo, com um salto de onça levanta-se o altivo aborígine, e , despertando-se nele o antigo furor, fervendo-lhe nas veias o velho sangue de selvagem, com o aspecto que lhe dava a feroz natureza, disse:

"--Sou velho, mas ainda são fortes os meus braços; ainda me sinto capaz de entesar o meu arco e atirar a minha flecha. Não tenho mais numerosos companheiros, mas bastam poucos para conseguir o meu intento: morrerei, morrerão todos; mas antes de morrer, plantaremos a nossa flecha no coração do cruel civilizado que quer a nossa morte, o nosso extermínio (...). ...porque temos o direito, e muitos de nossos mortos ainda clamam vingança"

"Acalmou-se, depois, às nossas palavras; mas evocando, ainda que por poucos instantes, a antiga ferocidade, fez-nos compreender bem, que até hoje, após tantos anos, está apenas sopitado, nas não extinto, o ódio à nossa raça: como a brasa sob a cinza, o fogo não morreu, subsiste, lá está..." (...) "...nós juramos vingança e morte a eles todos. Não concluímos a nossa vingança; ainda há vítimas que a reclamam" (Colbacchini, 1919 : 9-10).

Como a brasa sob a cinza, há um poço sem fundo de mágoa e ressentimento na memória emocional coletiva, mas a vingança se manifesta hoje *passivamente*: "*vejam o que fizeram de nós*", parecem dizer-nos na posição de vítimas (e foram vítimas realmente!), e não poucos brancos, especialmente cientistas sociais, políticos, humanistas ou religiosos, sentem-se culpados e impotentes, o que, talvez, é o que perseguem...

Já descrevemos que apresentam-se freqüentemente como doentes e necessitados, (e o são !), exigindo ativamente ajuda pecuniária e de toda índole, *como credores eternos*. A lei do móri nas relações interétnicas é unilateral: o Bororo não se sente obrigado a retribuir presentes aos civilizados mas destes espera abundantes pagas (cf. Albisetti & Venturelli, 1962 : 804).

Talvez os Bororo contabilizem as inúmeras e terríveis perdas que sofreram desde o início do contato (vidas, território, liberdade, animais de caça e pesca, dignidade, cultura, religião) e considerem que qualquer compensação dos civilizados nunca vai preencher suficientemente o que perderam... Aqui vem à tona a descrição de um tipo de neurose que o famoso psiquiatra negro Fanon encontrou freqüentemete entre os negros excluídos culturalmente da colônia francesa que estudava, a "**neurose de abandono**":

"É sobre o tripé da angústia que desperta qualquer abandono, da agressividade que este provoca, e da desvalorização de si mesmo daí decorrente, que se elabora toda sintomatologia desta neurose".

"A obsessão do passado, com suas frustrações, seus vazios, seus insucessos, inibe o estímulo vital. Existe nele uma tendência a repetir suas decepções passadas e presentes, desenvolvendo uma área mais ou menos secreta de pensamentos e ressentimentos amargos e desiludidos que, muitas vezes, constitui uma espécie de autismo. Mas ao contrário do autista verdadeiro, o abandonico tem consciência desta zona secreta que ele cultiva e defende contra toda invasão. Mais egocêntrico

que os neuróticos amantes positivos, ele reduz tudo a si mesmo. Tem pouca capacidade de doação, sua agressividade e uma constante necessidade de vingança limitam seus estímulos. Sua introspecção não lhe permite realizar nenhuma experiência positiva que poderia compensar seu passado. Assim, é nele quase total a ausência de valorização e, por conseguinte, de segurança afetiva, daí advir um forte sentimento de impotência diante da vida e dos seres humanos e a rejeição total do sentimento de responsabilidade. Os outros o traíram e o frustraram, e, no entanto, é dos outros que ele espera uma melhora para sua vida" (Gueex e Minkowski apud Fanon, 1983 : 63 - 64)

Em desconto a um possível mecanismo perverso sádico-masoquista de incutir culpa nos brancos, vemos que não poderia ser de outra maneira, dado o conceito, as representações que têm sobre as doenças. As representações Bororo sobre saúde-doença seguem claramente o modelo *exógeno*, as causas de todas as doenças vêm de fora, de outrem, e a cura, logicamente, segue o modelo *extrativo* (cf. Laplantine, 1991).

Para os Bororo, as doenças são originadas por matérias estranhas introduzidas no corpo do paciente por um espírito mau (pus, lascas, pedrinhas, coleópteros, percevejos, varetas, carvão, vespas), ou produto de um feitiço, e somente pelo poder de tais espíritos ("**Bopes**") poderão ser eliminadas (Albisetti & Venturelli, 1962 : 248). Todas as doenças que os brancos introduziram reforçam este tipo de representação exógena, e conseqüentemente são eles que podem curá-las, pois os seus xamãs dos espíritos (**Bári**) não têm poder sobre elas (Viertler, 1997).

Na compreensão Bororo (e isso foi exigido para a equipe de pesquisa não esquecer e respeitar), o "alcoolismo" não é Bororo, *está entre* os Bororo, e esse "problema" foi causado pelo branco com a introdução da pinga: se ele é o causador, ele é o único que pode -e deve- tirá-lo.

(a falta de controle com o álcool, a compulsão)"...é interpretada, segundo o meu finado mestre, o Bororo Hugo Airugodo, como arte de maliciosos espíritos Bope, dentre os quais aquele que inspirou os Barae [brancos] a inventarem a pinga (...)" (Viertler, 1998 : 11).

Teve uma índia, esposa de um líder tradicional, que exigia rapidez para os membros da equipe da pesquisa; estava impaciente esperando quando os brancos iam curar, tirar o alcoolismo dentre os Bororo (Viertler, comunicação pessoal).

Contudo, ao lado da culpa posta no branco, os Bororo também se consideram culpados pela situação em que vivem, todos os infortúnios são efeito das infrações por eles

mesmos cometidas, já que não obedecem mais as abstenções sexuais e alimentares, de que tanto se orgulhavam e que lhes dava a "força" (**Rakare**). Segundo eles, sua subordinação ao civilizado foi da sua própria responsabilidade, pois aceitaram depor armas e submeter-se aos seus "cuidados" (cf. Viertler, 1991: 14-15).

Todos os profundos conhecedores dos Bororo coincidem em afirmar que os sentimentos de *vergonha*, humilhação e acanhamento (= **pogúru**) eram vividos como algo terrível, como algo a ser constantemente evitado, pois eram muito *respeitosos* das hierarquias, das regras da etiqueta e dos rituais(= **anári, arugódu**). O respeito às regras, etiquetas e prescrições, e os ideais tradicionais de temperança, moderação e auto-controle foram historicamente dificultados quando começou a interferência do colonizador em todo o sistema socio-cultural, exacerbando as características de *voracidade, sofreguidão e compulsividade*, que mantinham tradicionalmente sob controle, exatamente com tantas regras e prescrições.

"A bárbara cena da distribuição do *tapira*, isto é, do boi, é espetáculo repugnante. (...) Os pedaços de carne e os ossos são amontoados sobre um couro diante da casa; os índios, homens, mulheres e meninos, em parte munidos de cestas, ficam ao lado, à espera. Um dos cadetes dá o sinal, e todo o bando precipita-se sobre a carne e os ossos como uma alcatéia de lobos. (...) O índio, com isso, fica rebaixado a um estado que já havia transposto na sua vida de caçador, desde tempos imemoriais: pois um dos fins capitais da instituição dos *baris*, isto é, homens-médicos, era evitar a discordia na repartição das presas..."(Steinen, 1940 : 583-584).

Viertler faz uma análise da disseminação do padrão voraz, e com ele, da agressividade descontrolada, num ensaio sobre vários mitos, especialmente o do título : "*Adugorodo, mulher onça : A expressão do comportamento compulsivo num mito dos índios Bororo*", a cuja leitura remetemos o interessado em aprofundar o tema (Viertler, 1998 a).

Pois bem, com as bebedeiras de tipo dipsomaniaco, e a falta de controle, que provocam a quebra de todas as prescrições, entram na ressaca em profundos sentimentos de culpa, e em um redemoinho de culpas sobre culpas, querem "beber até morrer"... Na verdade, tragicamente, muitos Bororo vivem atualmente em estado crônico de "**pogúru**"...

Isto não é muito diferente do alcoolista da sociedade global, cujos sentimentos de culpa são conhecidos e típicos (Milan & Ketcham, 1983), mas é importante destacar os

profundos *sentimentos coletivos de inferioridade* em que vivem os Bororo, quando se comparam com a sociedade branca, e quando se comparam com o passado glorioso em que viviam.

O indigenista Izanoel Sodré declara, quando perguntado por que Bororo bebe, que:

"eles têm muito sentimento de inferioridade quando se comparam com outras tribos, ou aos brancos, em tudo: na comunicação, nas roupas, nas terras, na cultura; aí eles bebem para afogar isso"

"Eu vi acontecer isso comigo e um grupo representativo de Bororo, dois de cada aldeia, que eu levei para Brasília. Eu garanti diante dos organizadores que eles não iriam bêbados, cuidei o tempo todo para eles não se embriagarem. Mas passaram muitos nervos diante dos jornalistas e dos outros índios, teve muitos que ficaram mudos diante das perguntas, dos holofotes, só os de Meruri que se saíram um pouco melhor, falaram mais. Isso deixou eles mal, e quando voltávamos para a casa onde estávamos hospedados, eu mesmo tive que comprar álcool porque eles me exigiam; ficaram bêbados dentro de casa, numa boa, cantando" (Izanoel Sodré, entrevista pessoal).

Viertler conta o caso de um grupo de Bororo que assistiu na aldeia de Tadarimana ao filme de Lévi-Strauss das danças rituais com todas as galas na aldeia de Kejari de 1936; ficaram tão chocados diante do que viam que desistiram da abstinência em que se encontravam voluntariamente e voltaram a beber sem parar, pedindo para passar o filme uma e outra vez (comunicação pessoal). Não é difícil imaginar o que sentiram...

"Bororo acompanha a cultura do branco porque sente que a cultura própria não tinha valor" (praticamente um ato falho, ele quer dizer 'não tem valor', mas se corrige pela nossa presença.)

"Quando era jovem, diante da civilidade, do catecismo e da Bíblia, eu me sentia inferior, porque não sabia ler direito; eu ouvia certas pessoas falando português e eu ficava com inveja. Os antepassados tinham essa coragem de falar, mesmo sem saber português; no tempo de Rondon, tinham intérpretes, e não bebiam. Falavam sem ter vergonha, eu conheci muitos antepassados que eram assim"

"Agora, esta nova juventude virou assim, se sentem incapazes de falar para reivindicar suas necessidades. Eu critiquei alguns caciques que não falavam nada, iam nas reuniões para apreciar as cidades, por exemplo na Eco 92 os Bororo não falaram nada" (Seu Egidio Rondon, Meruri, entrevista pessoal).

O elemento de inveja, decorrente da admiração e do sentimento de inferioridade ou de desvalorização, está ligado ao que hoje se denomina "diminuição da autoestima".

"Se alguém quer uma coisa de Você, aí todos querem. Eles têm ânsia, inveja do que você tem, roupas coloridas, vermelho, amarelo; o vermelho é uma cor que atrai muito eles, tal vez pelo urucu". (M.R.Enoré, entrevista citada).

Se levarmos em conta que a soberba, a vanglória, a altivez (= **kuiága, oçáro**) *sempre foram mal vistas* dentro dos valores Bororo (cf. Albisetti e Venturelli 1962 : 309), e que isso possa ter sido reforçado pela educação missionária, parece muito difícil a tarefa da recuperação da autoestima, do sentimento de dignidade, necessários para a superação de qualquer compulsão. O sr. Izanoel Sodré não vê isso como tão difícil em seus relacionamentos pessoais com os Bororo: *"É só falar bem deles, que aí eles não bebem"* (entrevista pessoal)

Auxiliadora Bakoro Mugo, ao lado de uma opinião que privilegia o lazer, as artes e a motivação como evitativos da alcoolização, também refere a mesma experiência sobre a importância de salientar a autoestima:

"Antigamente em Meruri tinha muita coisa para fazer, roças, colheitas, lazer, teatro para crianças, os pais se interessavam para participar quando apresentavam as crianças, iam lá ver; ainda lá agora no Natal, não teve quase bebida!! 2 ou 3, fiquei surpresa, só um fez bagunça, beberam com cautela, eu achei tão interessante! As meninas estavam aprendendo dança com uma professora de Campo Grande, quando foram apresentar no baíto estava cheiinho e não tinha ninguém bêbado!

"Todo Natal é de costume beber em massa, tem festa em todas as casas, rola convite, mas nesse Natal estavam motivados em ver seus filhos apresentar, e 2 cursistas do Tucum apresentaram um teatro indígena, prepararam por conta própria, ligação com a cultura tradicional, era em Bororo, e tinha uma avó exigente e cuidadosa que dava grito como antigamente, todo mundo dava risada, com gosto...

"No Tucum estava faltando muito monitora que desse motivação, senão não participam, e aí bebem. (...) Eu tenho que estar empurrando, fazendo junto, sou meio intolerante, mas elas gostaram; na exposição eu elogiei, ficaram felizes, tem que estar motivando, aí ficam animadinhas, sem beber...

Para encerrar, a pesquisa de um conceito na "Enciclopédia", nos dá uma ilustração da estrutura da personalidade Bororo, já suspeitada por todos os traços e complexos levantados:

Arúgo = **á, áru**, folha de palmeira; **rúgu**, brilho; [folha relucente]

- 1- brôto de palmeira entreaberto;
 - 2- transparência, delgadeza, fragilidade, fineza, delicadeza,
 - 3- respeito, acatamento;
 - 4- grau de parentesco; +**bóe é-wa** = aldeia Bororo.
- (Albisetti e Venturelli 1962 : 178) (o sublinhado é nosso).

Os clãs podem ser muito diferentes, e fazem questão de sê-lo; alguns, Bororo e arqueólogos (Wüst, 1992), dizem que são verdadeiras nações, reunidas em uma confederação maior em algum ponto histórico, tendo vários tipos físicos constitucionais diferentes, mas se em alguma coisa se parecem, é na personalidade frágil, delicada, sutil, com limites muito finos que permitem a fácil introjeção-incorporação-identificação com o Outro, pela atitude de obediência e acatamento.

"As fronteiras entre o interno e o externo são dinâmicas e variáveis no tempo. Para as pessoas com estrutura psíquica saudável, pode-se afirmar que os limites de si mesma em oposição ao mundo são elásticos, no sentido de que são flexíveis, mas firmes. No caso dos alcoolistas, a questão básica....."Quem sou?", não encontra dentro de seu espaço subjetivo, elementos que permitam construir uma formulação consistente. A imagem que tem de si (identidade) é fragmentária e muito permeável ao ambiente. Nesse contexto, a obsessão pela abstinência ou a ingestão compulsiva são formas de cimentar as fendas e manter a ilusão de coerência interior" (Zaitter, 1994).

Isto não é outra coisa que falar em termos de personalidade, o que sociólogos, etnoarqueólogos e antropólogos falam da sociedade Bororo como um sistema "aberto", adaptativo, dependente de um "out-group" provedor, e integracionista (Susnik e Gross apud Viertler, 1998 : 3).

Também as aldeias, a forma e constituição das aldeias Bororo, podem ser comparadas à personalidade, à estrutura da personalidade-base Bororo:

"Esta falta de controle que solapa as tentativas de reconstrução de um modo de vida comunitário (...) é interpretada, segundo o meu finado mestre, o Bororo Hugo Airugodo, como arte de maliciosos espíritos Bope, dentre os quais aquele que inspirou os Barae [brancos] a inventarem a pinga, espíritos estes que no passado apenas viviam fora das aldeias Boe, mas agora, após a intensificação do contato interétnico, passaram a invadí-las "entrando por todos os caminhos". (Viertler, 1998 : 11, inédito)

Lembremos a expressão daquele índio de Córrego Grande: *"os fazendeiros estão no meio do nosso coração"...*

CONCLUSÕES

É difícil chegar a conclusões mais ou menos exatas num trabalho que lida com realidades ambíguas como a do consumo de álcool por parte de uma comunidade indígena. Mas a tarefa se faz necessária para não acabar repetindo esse padrão confuso que tanto mal provoca nos usuários do álcool: se o colonizador branco sempre foi dúbio enquanto as suas intenções, por isso mesmo tentaremos ser claros e diretos na medida do possível.

A primeira conclusão é a de que existiu uma intenção histórica de subjugar os índios Bororo através do álcool, o qual foi possível largamente graças ao conhecimento, uso ritual e afinidade que estes tinham de bebidas fermentadas; à facilidade de obtenção e à intensidade do efeito que o álcool destilado apresenta ao lado daquelas; e à disposição para acatar os desejos dos conquistadores. Todos os métodos de conquista estiveram associados cronologicamente à introdução do álcool, formando-se uma associação inextricável, um condicionamento difícil de desentranhar.

Dentro desta perspectiva, é muito importante a nossa descoberta de que os Bororo perceberam com o tempo estas manobras escusas, e hoje consideram a introdução do álcool destilado como uma das maiores ofensas que sofreram do branco, como uma doença que ainda sofrem, guardando na memória este olhar e passando-o de geração para geração.

A segunda conclusão é derivada da primeira: no longo processo de "pacificação" e "amansamento" dos índios que não morreram e que aceitaram entregar as armas, feito através de manobras militares, estratégias civis de sedução, e educação aculturativa radical, os Bororo foram perdendo toda agressividade de auto-defesa e reivindicação, formando um laço indissolúvel de dependência e passividade, exigências de provisão e atenção, e ressentimentos profundos por todas as traições, mentiras, falsidades e quebra de pactos, sem perspectivas de mudança, conformando tudo isso um solo emocional negativo de tristeza em forma de mágoa e falta de auto-estima que é o terreno fértil para a manutenção da compulsão pelo álcool. Descobrimos como uma emoção muito presente para com os

missionários, a ambivalência afetiva, amor e ressentimento ao mesmo tempo, que também os amarra tanto a eles como à bebida, pela culpa decorrente.

A terceira hipótese levantada refere-se às características da personalidade-base Bororo, que na verdade antecederam ao contato, e foram a predisposição que explicaria uma aceitação tão maçica e constante, tão facilitadora para uma dependência histórica do álcool que se mantêm até hoje, depois de séculos (literalmente): alegria e vitalidade, efusividade e expressividade, que, junto com tristeza e mansidão, conformam um caráter cíclico ou ciclotímico, cuja vertente positiva foi quase radicalmente extirpada pela educação recebida (que a considerava "selvageria" pela sua exuberância para os padrões europeus), e pelas inúmeras e terríveis perdas sofridas, que não deixam lugar a muita alegria.

Também caracterizamos a personalidade Bororo como "artística", por um lado dada a festas e celebrações, cantos e representações, que acompanhavam todas suas atividades econômicas e religiosas, e cuja manifestação máxima são os funerais e que significavam o "trabalho" e que preenchiam o dia-a-dia no passado; e por outro lado, afins a substâncias excitantes como a maioria dos artistas, tendo-se perdido todo esse estilo de vida, não aceitando de forma resistente o sistema imposto pelos colonizadores, sobrando o tédio e o marasmo, uma boemia com pouca solidariedade, e o consumo das substâncias...

Temos assim que o álcool tenta cumprir quatro funções básicas na sociedade Bororo de Meruri e Garças: dar **força e coragem** para fazer qualquer coisa e para revidar as ofensas, dada a passividade reinante e a renúncia da hostilidade; dar **alegria e disposição** num mundo marcado pelo tédio e a falta de lazer genuíno e perspectivas de mudança; como um **substituto das tradições**, dos funerais, das *róias* e do mundo cultural que preenchia de glória o passado e dava significado e valor à vida (é evidente que não satisfaz genuinamente nenhuma dessas necessidades, mas por cumprir essas funções o comportamento alcoólico se autoperpetua); e finalmente, como um **instrumento de resistência cultural para impactar** o dominador e tentar manipulá-lo emocionalmente, dada a necessidade de vingança histórica.

Em termos de lazer, cumpre-se literalmente a "hipótese do tédio" de Peele (1996) (*quando as oportunidades de lazer são poucas e o álcool está disponível, o seu consumo se*

torna a maior forma de atividade recreacional), confirmada pelas situações em que existiram alegria e recreação e que não beberam, varias vezes observadas e confirmadas por testemunhos.

Sustentamos como mecanismo psicodinâmico básico a repressão de toda agressividade e a dificuldade de lidar com as perdas e com as frustrações (provavelmente aumentada pela história da conquista), o que leva em última instância a beber por qualquer tipo de emoções fortes que atuam como "disparadores imediatos": tristezas, mágoas, desapontamentos, raivas, invejas, ciúmes, e que fazer-se-ia necessária a construção de toda uma "Antropologia das Emoções" (Tousignant, 1981) para sua compreensão cabal, pela importância que esse povo dá ao mundo emocional em si, e que explicaria todas suas reações. Nisto os Bororo se parecem com os índios Sorowahá, que têm como disparador dos suicídios qualquer emoção frustrante (Dal Poz, 1997).

Os brancos não entenderam, e não entendem, o mundo emocional dos Bororo, que são de índole pacífica e de identificação rápida, mas que se manifestaram ocasionalmente como bravos e arredios, quando não estavam mais que defendendo-se e vingando-se. Steinen chega a falar do medo subjacente a essas condutas, e isto podemos constatar-lo ainda hoje em muitos comportamentos alcoólicos que procuram intimidar os observadores, e que se mantêm renitentes com um propósito de resistência cultural (e de vingança passiva): se não bebessem, em Meruri, talvez os Bororo não seriam mais Bororo...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBISETTI, César & VENTURELLI, Ângelo. 1962 : "Enciclopédia Bororo". Volume I. Museu Regional Dom Bosco. Campo Grande.
- ASSAGIOLI, Roberto. 1997 : "Os Sete Tipos Humanos: O Poder das Motivações Profundas". Totalidade Editora. São Paulo.
- BALZOLA, Giovanni. 1932 : "Fra gli Indi del Brasile". Società Editrice Internazionale. Torino.
- BARROS, Edir Pina, et al.. 1997 : "A UFMT e a Saúde Indígena: Política Institucional e Propostas de Ação". Documento Interno, inédito. UFMT. Cuiabá.
- , 1989: "Política Indigenista, Política Indígena e suas Relações com a Política Expansionista no II Império em Mato Grosso". Revista de Antropologia. USP. São Paulo.
- , 1992 : "História e Cosmologia na Organização Social de um Povo Karib: os Bakairi". Tese de Doutorado. USP. São Paulo.
- BERTOLETE, José Manoel. 1990 : "Glossário de Termos Psiquiatria/Saúde Mental. Cid-10/Derivado". Artes Médicas. Porto Alegre.
- BENEDICT, Ruth. 1934 : "Padrões de Cultura". Livros do Brasil. Lisboa.
- BLEGER, José. 1984 : "Psicologia da Conduta". Artes Médicas. Porto Alegre.
- BORDIGNON, Mário Enawurêu . 1987 : "Os Bororo na História do Centro Oeste Brasileiro". Missão Salesiana de Mato Grosso
- , 1996 : "O Alcoolismo e o Povo Indígena Bororo". (Artigo Inédito). Meruri.
- , 1999 : "Terras e Territorialidade Bororo: Uma Análise Histórica". Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da UFMT (inédito). Cuiabá.
- CALDAS, José Augusto. 1887 : "Memória Histórica sobre os Indígenas da Província de Matto Grosso". Typ. Polytechnica de Moraes e Filhos editores. Rio de Janeiro.
- CASARJIAN, Robin. 1994: "O Livro do Perdão". Rocco. Rio de Janeiro.

- COLBACCHINI, Pe. Antônio. 1919 : "A Tribo dos Bororo". Papellaria Americana. Rio de Janeiro.
- DAL POZ, João. 1997: "Crônica de uma Morte Anunciada: do Suicídio entre os Sorowaha". Seminário Temático apresentado durante o XXI Encontro Anual da ANPOCS, Caxambú, MG / Revista de Antropologia da Univ. de São Paulo (no prelo)
- DARWIN, Charles. 1984 : "La Expresión de las Emociones en los Animales y en el Hombre". Alianza Editorial. Madrid.
- DEVEREUX, Georges. 1972 : "Etnopsicoanálisis Complementarista". Amorrortu Editores. Buenos Aires.
- , 1996 : "De la Ansiedad al Método en las Ciencias del Comportamiento". Siglo Veintiuno Editores. México, D.F.
- DE VOS, George. 1981 : "Antropología Psicológica". Ed. Anagrama. Barcelona.
- DIARIO DE CUIABÁ. 1999 : 10 - 11 de janeiro. Seção B2. Cuiabá.
- DOUGLAS, Mary (Ed.). 1987 : "A Distinctive Anthropological Perspective", in "Constructive Drinking: Perspectives on Drink from Anthropology". Cambridge University Press. Cambridge.
- DURKHEIM, Émile. 1995 : "Da Divisão do Trabalho Social". Martins Fontes. São Paulo.
- ERIKSON, Erik H. 1976 : " Infância e Sociedade". Zahar Editores. Rio de Janeiro.
- EY, Henry; BERNARD, P.; BRISSET, Ch. 1975 : "Tratado de Psiquiatria". Toray Masson. Barcelona.
- FANON, Frantz. 1983 : "Pele Negra, Máscaras Brancas". Editora Fator. Rio de Janeiro
- , 1979 : "Os Condenados da Terra". Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.
- FERNANDES DA SILVA, Teodorico. 1995 : "Educação Escolar para os Xavantes de Sangradouro". Tese de Mestrado em Educação. UFMT. Cuiabá.
- FERRUCCI, Piero. 1982 : "What We May Be, The Visions and Techniques of Psychosynthesis". Turnstone Press Ltd. London.
- FLORENCE, Hercules. 1977 : "Viagens do Tietê ao Amazonas". Cultrix. Ed. da USP. São Paulo.

FOLHA DO ESTADO, 1998 : Agosto. Jornal de Cuiabá.

FOURASTÉ, Raymond. 1992 : "Introducción a la Etnopsiquiatria". Ed. Del Sol. Buenos Aires.

GREENE, Liz & SASPORTAS Howard. 1987 : "A Dinâmica do Inconsciente ". Ed. Pensamento. São Paulo.

HAHNNEMAN, Samuel. 1921: "Organon de la Medicina". Ed. Albatros. Buenos Aires.

HALLOWELL, A . Irving. 1955: "Culture and Experience". University of Pennsylvania Press. Philadelphia.

HEATH, Dwight. 1987 : "A Decade of Development in the Antropological Study of Alcool Use". In DOUGLAS, M. "Constructive Drinking". Cambridge University Press. Cambridge.

HORTON, Donald. 1965 : "As Funções do Álcool em Sociedades Primitivas. Estudo Intercultural". In KLUCKHOHN, Clyde e MURRAY, Henry "Personalidade: Na Natureza, na Sociedade, na Cultura". Volume 1. Editora Itatiaia. Belo Horizonte.

ISAAC, Paulo Augusto Mário. 1997 : "Educação Escolar Indígena Bóe-Bororo: Alternativa e Resistência em Tadarimana". Programa de Pós-Graduação em Educação/ Instituto de Educação/ UFMT. Dissertação de Mestrado. Cuiabá.

KANAJÓ, Antônio. 1998 : "Vida do Homem Bororo". Trad. Sandra Aróe Poiwo. Cartilha inédita. Meruri.

KOTTAK, Conrad Phillip. 1997 : "Antropologia Cultural: Espejo para la Humanidad" McGraw - Hill. Madrid.

KRETSCHMER, Ernst. 1954 : "Constitución y Carácter". Ed. Labor. Barcelona.

LATHOUD, M. 1980 : "Materia Médica Homeopática". Ed Albatros. Buenos Aires.

LAPLANTINE, Françoise. 1991: "Antropologia da Doença". Martins Fontes, SãoPaulo.

-----, 1994 : "Aprender Etnopsiquiatria". Ed. Brasiliense, São Paulo.

LEVCOVITZ, Sérgio. 1994: "Kandire, o Paraíso Terreal" (uma investigação psicanalítica sobre a produção da morte como fundamento das sociedades minimalistas). Tese de doutorado. Instituto de Psiquiatria/UFRJ. Rio de Janeiro.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1970 : "Tristes Trópicos". Editora da USP. São Paulo.

- LIBERMAN, David. 1962 : "La Comunicación en Terapéutica Psicoanalítica". Eudeba. Buenos Aires.
- MENENDEZ, Eduardo. 1990 : "Morir de Alcohol". Alianza Editorial Mexicana. México.
- MICELA, Rosaria. 1984 : "Antropologia e Psicanálise". Ed. Brasiliense. São Paulo.
- MILAN, J. & KETCHAM, K. 1983 : "Alcoolismo : Os Mitos e a Realidade". Edit. Fundo Educativo Brasileiro. São Paulo.
- MOURA, Carlos Francisco. 1984 : "Os Paiaguás: Índios Anfíbios do Rio Paraguai". Separata de Anais Hidrográficos. Tomo XLI. Rio de Janeiro.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. 1993 : "Jogo de Espelhos : Imagens da Representação de Si Através dos Outros". EDUSP. São Paulo.
- OCHOA, Pe. Gonçalo . (Coord. Índios Bororo de Meruri). 1983: "Lendas Bororo". Missão Salesiana de Mato Grosso. Campo Grande.
- OLIVEIRA LOPES, Ana Paula. 1999 : "O álcool na Sociedade Bororo. Uma perspectiva histórica". (Artigo Inédito) Dpto de Antropologia, UFMT. Cuiabá.
- PEELE, Stanton. 1996 : "Alcohol and Society: How Culture Influences the Way People Drink". Pamphlet for The Wine Institute. San Francisco. (In The Stanton Peele Addiction Web Site, <http://www.peele.net>)
- QUILES, Manuel Ignacio. 1986 : "Neuroses". Editora Ática. São Paulo.
- QUIROGA, Pe. José. 1910 : "Notícias biográficas". In ANGELIS, Pedro de (Org.) " Colección de Obras y Documentos Relativos a la Historia Antigua y Moderna de la Provincia del Río de la Plata. - 2ª. Edición, Tomo II, Librería Nacional de J. Lajoane & Cía. Editores. Buenos Aires.
- SIMONIAN, Lúcia T.L. 1997 : "Alcoolismo entre Indígenas: Abordagens, Contextos e Perspectivas". (Artigo Inédito). Fundo Nacional de Saúde e Prefeitura de Londrina.
- , 1993 : "O Alcoolismo Como Estratégia de Dominação e Convivência do Estado: O Caso dos/as Indígenas do RS". Working Paper. Brasília.
- STEINEN, Karl Von Den. 1940 : "Entre os Aborígenes do Brasil Central". Departamento de Cultura. São Paulo.

- , 1998 : "Conferências de Karl Von Den Steinen em 1888 na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro Sobre a Expedição ao Xingú". IHGMT. Publicações Avulsas No. 04. Cuiabá.
- SUPERINTERESSANTE, (Revista). 1999 : Ano 13. No. 8. Agosto. Editora Abril. São Paulo.
- TOUSIGNANT, Michel. 1981 : "Emociones y Psicopatología: Una Teoría Indígena". Acta Psiquiát. Psicol. América Latina. 27 (3) 194 - 199. Lilacs
- VIERTLER, Renate Brigitte. 1988 : "Saudação, Hospitalidade e Nominação entre os Bororo do Brasil Central". Dédalo. São Paulo.
- , 1990 : "A Duras Penas". FFLCH - USP. São Paulo.
- , 1991 : "A Refeição das Almas". Huicitec - Edusp. São Paulo.
- , 1997 : "Idéias Sobre as doenças entre os Índios Bororo de Mato Grosso: Elementos para uma Antropologia da Doença" in BARROS, Edir (org) "Estudos de Antropologia da Doença entre Bororo e os Kurâ-Bakairi". Série Ensaios Antropológicos, 5. EdUFMT. Cuiabá.
- , 1998 : "Introdução ao Estudo do Alcoolismo entre os Índios Bororo de Mato Grosso", UFMT (Artigo Inédito). Cuiabá.
- , 1998 (a): "Adugorodo, Mulher Onça: A Expressão de Comportamento Compulsivo num Mito dos Índios Bororo". (Artigo Inédito). São Paulo.
- WADDEL, J. & EVERETT, M. 1980 : "Drinking Behavior Among Southwestern Indians". Tucson. Arizona.
- WHITING, John W. M. 1965 : "O Complexo de Frustração na Sociedade Kwoma". In CLUCKHOHN, Clyde e MURRAY, Henry "Personalidade: Na Natureza, na Sociedade e na Cultura" Editora Itatiaia. Belo Horizonte.
- WÜST, Irmhild. 1992 : "Contribuições Arqueológicas, Etnoarqueológicas e Etnohistóricas para o Estudo dos Grupos Tribais do Brasil Central: o Caso Bororo". Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo.
- ZAITTER, Meuyr Antônio. 1994 : "Drogadição : Drogas e Conseqüências". Editorial Lovise. São Paulo.

ANEXOS

ANEXO I - TESTE PSICOLÓGICO

ANEXO 02: ENTREVISTAS

Maria Auxiliadora Bakoro Mugo

Nasceu em 1955; de pequena morava na roça, tinham uma casa isolada, 1 km ou 2 entre as casas, vizinhos um pouco distantes. Quando o pai precisava coisas ia para a missão, não falavam bororo e sim português desde o início, família "cristã", o pai impunha as normas, era rígido, ensinavam as orações cristãs, com as mãozinhas para cima, ao redor da mãe. A sua mãe também foi educada na missão junto com as irmãs, mas até os 9 anos ela era Bororo, aí morreram os avós, e os próprios Bororo exterminaram o clã da mãe, as mulheres desse clã eram bonitas e brancas, os homens dos outros clãs as queriam, aí quando elas não queriam, envenenavam, só um pinguinho que ficou, só 3 mulheres (Bakoro Ecerae), é parte da "ruindade"...

Não só eu quanto muita gente no Meruri não sabe falar bororo, os velhos foram acabando, um que outro velho teimoso mantinha a tradição, Coqueiro era teimoso, cantava sozinho, pegava uma turminha e ia para longe, para cantar e padre não ouvir.

Eu não morei nunca na aldeia, com 5 anos entrei no internato direto (e depois para o internato de Cuiabá). Uma irmã minha adoeceu de varicela e um mestre salesiano era o médico da região, aí ela ficava para tratar no Meruri, todos nós mudamos para Meruri. Trocou o diretor, veio o Pe. João, e por negócios de gado quiseram matar ele; até então Meruri tinha um vilarejo branco, mas eu não percebia a diferença entre índio e branco, fui perceber essa diferença no semi-internato, pois tinha essa divisão: as índias vestiam uma camisola cinza como de grávida, e as brancas não, vestidos normais, uniforme padrão. Também durmiam em quartos separados, aí fui sacar a diferença entre índio e branco, até então ninguém tinha falado isso para mim.

Passava o dia inteiro no colégio, e à noite os pais iam buscar, era proibido eles falar e ensinar aos filhos o idioma bororo, pois também eles eram castigados, não davam vales, e os próprios filhos denunciavam os pais para os padres. Era muito revoltante, eu fui rebelde, não concordava, era castigada a todo momento, por discordar, por teimar, por responder. As outras ficavam humildezinhas, com medo, os castigos eram ficar sem comer, e fazendo trabalhos pesados: ir para a cozinha, carpinar, ir pro sol quente, limpar o pátio todo; davam sinadas para marcar as horas de tudo: merenda, escola, refeição, prazo de estudo, e como castigo também davam sinadas na cabeça; minha irmã ficou doente, uma vez coalhou o sangue na cabeça dela, os próprios padres trataram ela, "quem é muito bom apanha muito" diziam para consolá-la. Hoje não sabe dar um passo sozinha, não sabe dizer não, morria de medo das irmãs. Eu não, e outra (Ivone) também não.

Tinha mais gente rebelde, mas a maioria não sabia, não percebiam essa diferença entre branco e índio. Por exemplo, minha cunhada (que casou com meu irmão que foi assassinado) era filha do Coqueiro, eu tinha raiva dela pela lerdice, ela resistia à língua, e como morria de medo das freiras, eu corria e dedava para as freiras "ela está falando bororo", e eu nem sabia o que era isso!. Castigavam os pais que ensinavam bororo pois eram totalmente dependentes, não davam trabalho, ou não davam o vale de cartolina para quem trabalhava.

Essas camisolas longas são igual às que estão saindo agora na série "A Muralha", os jesuítas, os salesianos, tudo igual. Eu rio quando lembro do regime do internato: o novo padre acabou com o semi-internato e internou de vez, separou a família definitivamente, durante 4 ou 5

anos, mas depois mudou, podia ver a família no fim de semana, mas vigiado, igual a uma cadeia. Eu corria pro arame que separava a biboquinha, para olhar de longe a casa da minha família, igualzinho uma cadeia.

No fim de semana limpava o colégio; todos esses anos fui meio rebelde, ficava meio doida, quanto mais me castigavam, mais rebelde me tornava, parecia drogada. Era tudo na cara, fazia micagens, "vem me pegar, vem!", "não faço e não faço!", "não vou, não vou e não vou!", ficava empacada num mesmo lugar, corria para que não batesse com o sino, e assim. Na escola davam como tarefa para ficar quieta, fazer silêncio por duas horas seguidas, eu mordida a carteira todinha para poder agüentar.

As freiras eram diferentes umas das outras, umas castigavam muito, outras acobertavam, tinham simpatia da gente, davam uma fruta no castigo, etc. O castigo as vezes eram lavar tanques inteiros de roupa, eu era pequena mas tinha que dar conta no mesmo dia. "Sim senhora", "Pois não", não podia falar nada!!... Um dia fiquei tão cansada que dormi na carteira, me deixaram sozinha lá, acordei sozinha no escuro, e por isso fui castigada. Aí me deu uma revolta! Sai para a varanda e sentei, e veio a diretora chamar a atenção, queria puxar minhas orelhas. "Não trinca em mim!", me deu um ataque de riso de rolar, e ela falava: "Você está endemonhada!"

Eu queimava as energias todas no lazer: bolada, queimada, etc. Aí, se você fazia chorar uma branca jogando, era castigada: eles diziam que a gente fazia de maldade quando chegava com força, tinha briga de cabelo por causa do jogo, desabafava. Tinha brancas que pisavam na gente, humilhavam: "esse trabalho não vale nada", "gente pobre não vale nada", "comem, bebem, nas costas dos outros", e a gente tinha que ficar calada porque não podia ofender as filhas dos fazendeiros.

Também tem muita inveja entre os índios. Lembro que cada uma no internato queria mostrar pro padre que estava crescendo, aprendendo, mudando, que era outra coisa, aí era objeto de inveja dos outros índios.

As freiras queriam que eu pusesse um ziper na minha boca, mas eu não aceitava. Minha irmã aceitou tudo, hoje ela vegeta; ela casou para correr rápido do internato. Coitada da minha irmã, tenho dó dela, ela era o contrário de mim. Saía do internato só para casar, saía de 16, 18 anos preparada para casar, mas não podia namorar, então ia direto pro casamento arranjado pelos pais, sem respeitar os clãs, nem língua tinham! A cultura tradicional foi esquecida completamente, não tem volta, os padres estão iludidos agora...

Tinha o tabú da virgindade, mas eu pensava que devia ter outro jeito de sair do internato. Eu levava o lanche para os meninos e os trabalhadores, com 12 anos apaixonei por um motorista, o Roberto Carlos da época, ainda que tinha nojo de homem, não sabia nem o que era namorar. O cara abraçou e beijou, aí pensei: "Estou triscada, vou ser difamada", e chorei muito, pois era inocente.

O padre queria ajeitar o casamento, "porque você fez algo que não deveria ter feito, você está grávida, não pode ficar aqui". Aí eu pensei: "Estou grávida? Então vou sair!". A família dele também rejeitou, e não deixaram mais falar minhas amiguinhas comigo; uma amiga branca falou e perguntou para o pai, e este riu, e esclareceu que eu não podia ter ficado grávida. Tivemos aula de educação sexual e eu pensei "não vou casar mais não!".

Fugimos, uma turma de mulheres, fomos parar numa fazenda, mas fomos trazidas de volta. Tentei suicídio, com veneno de rato, tinha 14 ou 15 anos. Nos castigaram..Aí foi que sai para o internato de Cuiabá, e não voltei mais para a aldeia. Consegui trabalho na Funai e vim morar na Barra do Garças.

Lembro uma vez na turma nova de aspirantes, teve olhares na igreja, cada uma se interessou por alguém, e eu gostei de um rapaz. Ele me mandou um presente, uma boneca de natal [boneca de material, não de pano], eu nunca tinha tido uma boneca dessas, com uma carta. A irmã achou embaixo da cama, rasgou a boneca e mandou a carta para os superiores. Fiquei triste, me tiraram

tudo, meu coração apertado, com rancor dentro. Até hoje sou rancorosa, esse mal não sai, enraizou. A gente não pode carregar rancor assim...

Quando decidi sair da missão e tentar sozinha na cidade, as freiras caçoavam de mim: "Você vai virar prostituta, é o único jeito de sobreviver", e ameaçavam para eu não sair. Sai assim mesmo, com minha boneca destrocada embaixo do braço, e provei para todos que me virei sozinha; mas quando voltei à aldeia grávida, aí sim todo mundo falou contra mim, só meus pais me apoiaram.

Tive uma bolsa de estudo no internato do Buriti, aí começou minha história individual: fui meio hippie, copiando a pessoas da época, e tinha colegas Bororo que sofriam discriminação, mas aí eu já tinha respeito pelas pessoas em geral, sem deixar de ter pena deles.

[Você bebe?] Eu bebi durante dez anos. Saía muito com uma colega, na Barra, festas da elite, ia para a fazenda, e bebíamos, dos 30 anos até os 42. Quando perdi minha mãe aí bebi muito, procurava para fugir, morava só, muito só. Sábados e domingos eram eternos, depois do expediente saía com a turma para beber, 10 garrafas de cerveja, ficava bem alta, até não agüentar mais, aí ia dormir. A turma preparava tudo para beber, era o divertimento... As vezes no domingo, ou sozinha ou com outros. Não conseguia passar o fim de semana sobria, tinha que ficar assim, alta.

Eu percebi que não era bom, comecei a passar mal, me dava aquela depressão, melancolia, não era mais eu quem bebia, era a cerveja que me bebia. Eu não percebia a hora de parar, e no outro dia: "porque que eu fiz isso, não deveria ter feito isso!", tinha raiva de mim mesma, quando está alta a gente faz coisas que até Deus duvida, fala coisas...

Por exemplo num domingo, eu e uma colega, bebendo todos, ela pagou uma rodada, me pegou de surpresa, ela me fez uma pergunta sobre o marido dela, ela sabia que eu sabia, me pôs na parede, eu não queria falar, aí não agüentei, "acho bom vc prestar atenção com seu marido, não ficar com esse papo de confiança", "ele está de caso, sim, com uma coleguinha", contei tudo, tudo; ela saiu arrasada, bebeu mais, saiu chorando, deu confusão, ele ficou de mal comigo, fazia pirraça no trabalho. Se não tivesse bebido, não saía como linguaruda, fofqueira, e fiquei com raiva dela também, por ter falado para ele.

[Conta mais dois situações complicadas onde a bebida provocou confusão, uma no Carnaval de 97, onde deu até polícia, e outra com uma amiga, cujo marido passou a mão nela às 3 da manhã, os dois já altos, e não teve coragem de falar para ela] Ela pode ter se magoado, eu que penso, não sei, sinto, cansei dos problemas...

Depois que mamãe faleceu, ficou um oco, um vazio, eu antes tinha mais vida, tinha um ombro, não tenho mais ninguém, não confio, não tenho com quem conversar, contar o que eu faço. Eu decidi parar com a bebida. Hoje preencho com o filho, as atividades de casa, ele não gosta que eu beba, não gosta que eu saia, ficamos assistindo juntos TV [atualmente, 2 anos depois, D. mora com um companheiro, dentro de casa].

[A pesar dessa história tão diferente, o que vc sente que tem em comum com os Bororo?]

Sinto que tenho em comum o parentesco do clã, de sangue, querendo ou não tenho essas pessoas lá, só que minha vida é completamente diferente. Meu irmão é vereador, mas ele bebe muito, e sinto algo em comum que é medo de ofender as pessoas, as vezes prefiro calar do que falar, tenho trauma dessas coisas, confusão, mal interpretação.

[Como assim...?]

Eu observo muito as coisas, os Bororo também, tudo em volta [o que?] as pessoas! Sou uma pessoa muito desconfiada, muito discreta, mas as vezes fica transparente, por mais que tente disfarçar, vêm a tona, fazendo algo, os gestos, para mim tem coisas que não precisa nem falar, basta vc olhar, se não gostou, eu tenho essa facilidade de perceber, pela fisionomia das pessoas, eu não falo, eu prefiro ouvir e aí junta com o que eu estava imaginando. Na maioria das vezes dá

certinho o que estava imaginando, tem algo a ver para estar assim. É difícil estar escondendo as coisas, não deixar escapar, tanto o outro como você. [Você sente mais as coisas negativas?] Sinto as duas coisas, as positivas e as negativas. Ainda tento confiar, mas acabo me decepcionando. Já tive muitas decepções amargas, sinto uma dor no interior, deixo o tempo passar, rezo a Deus em nome dessas pessoas que está me causando essa mágoa, essa decepção, e peço força para não continuar decepcionada, [isso dá mais com brancos ou com Bororos?], tanto com brancos como com Bororo, são igual.

Há uma diferença entre tristeza e decepção. Na tristeza fica tudo sem sentido; faz 3 anos que faleceu minha mãe e ainda tenho essa sensação, tenho saudade dela. E com meu pai igual, faz 8 anos que faleceu, aí um velho veio contando histórias, aí eu viajei, vi meu pai contando à minha mãe as histórias; aí o velho cantou, aí me deu crise, chorei muito, porque se em casa quase não se falava na minha infância pois ele era rígido, só ameaçava, não tinha problema de estar apanhando. Eles eram muito sofridos, mas era exemplo de responsável, batalhador, não faltava nada, e isso não é comum nos Bororo, hoje têm pais que não dão a mínima atenção, deixa tudo por conta da mãe, e ela se rala, não vejo hoje a figura de pai responsável. Não fazem nada, curtem a vida do jeito que eles querem, bebendo, uma vida muito monôtona, toda vez que vou a Meruri eu adeço, só de ficar triste fico com febre.

Eles reclamam de tudo, um do outro, procurando soluções comigo (quando estou monitorando no Tucum), me contando dos amigos, dos inimigos, dos adversários, dos invejosos, por ser eu funcionária da Funai. Falta gratidão, um muito obrigado, a solidariedade quando você precisa, eles não retornam. Eles vêm assim, como eu sou da Funai, eu tenho que dar tudo o que precisam; quando eu estava operada, não recebi visita de nenhum deles, não têm manifestação de carinho, eu sei que foram para a Barra e não fizeram visita.

Por exemplo, foram 5 pessoas sem lugar para ficar, com fome, para ficar em minha casa, e eu não tinha condições. Ficaram um tempo, aí eu falei; como era obrigação minha, não me agradeceram, e ainda se sentiram ofendidos porque falei para sair. Só um agradeceu, são frios!!!

O pessoal da região de Rondonópolis são mais afetivos, procuram te conquistar, por exemplo, o pessoal Bokodoro Ecerae gosta de conversar comigo, os de Meruri não, são fechados, aí eu também me fecho.

Os índios falam muita besteira, gozam muito das palavras que alguém fala; quando sou monitora, aí se reúnem e eu não sei o que está rolando, eu sou pega de surpresa pois estou no meio, e como eles sabem que eu entendo bororo, eles pensam que eu levo os fuchicos. Mas são eles mesmos, deduram uns aos outros, há pouca ou nenhuma solidariedade, é cada um por si.

A propaganda da cerveja me influiu muito, antes e depois de decidir deixar de beber, eu via essa cerveja caindo, aí me dava uma vontade de beber aquilo fresquinho, eu gosto bem geladinha.

A distribuição das doses na missão contribuiu para que o consumo de álcool se alastrasse. Antes disso, havia muito poucos casos. Eu mesma provei aí e fiquei gostando. Eu acho que foi a resposta dos padres à chegada das famílias de Jarudori, que trouxeram o costume de beber para Meruri, foi para agradá-las que começou as doses.

O ex-namorado com o qual morei um tempo, branco, uns 34 anos, bebia cerveja todos os dias, e fazia eu beber para acompanhá-lo. Tive uma época que eu bebia só por isso, meio a desgosto. Ele um dia comentou que se ele por ventura desaparecer, morrer, que ela bebesse por ele, assim ele iria saborear do outro lado, porque ele adorava cerveja. E assim aconteceu, ele foi assassinado em São Paulo, de carro, num assalto em plena Av. Paulista, e ela desde então gosta muito de cerveja, sente outro gosto.

Acho que no alcoolismo entra algo do espiritual. Tal vez entre os Bororo role algo assim, porque os velhos, ou os Baris, tem um momento do ritual em que falam com os mortos, tal vez aí recebam alguma instrução para beber, ainda que isso nunca vai se saber, porque mantem o segredo a sete chaves.

[Por que bebem os Bororo?] Não sei... alguma coisa do além, por que tem que ser assim?!... Essa falta de coisas para fazer, a ociosidade, preencher esse vazio com alguma coisa, se tornar irresponsável, não tem o que fazer, acaba partindo para isso.

Mas por outro lado, essas semanas tinham o que fazer e partiam para a bebida no fim de semana assim mesmo. Meruri não tinha fama de ter ficado afinada ao álcool, lá em '68 ou '69 não era muito acentuado, a fama do álcool partiu de Rondonópolis, mas hoje todo mundo tá, em Meruri só Santinha e Cláudia, o resto bebem todos de vez em quando, e um grupo bebe direto. Egídio bebe!!, paga até cervejadas...!, nunca parou de beber...ele dá um tempo de vez em quando. Tem muitos que fazem assim, bebem, ficam animados, bebem para ficar motivados, por fazer alguma coisa...

Antigamente em Meruri tinha muita coisa para fazer, roças, colheitas, lazer, teatro para crianças, os pais se interessavam para participar quando apresentavam as crianças, iam lá ver; ainda lá agora no Natal, não teve quase bebida!! 2 ou 3, fiquei surpresa, só um fez bagunça, beberam com cautela, eu achei tão interessante! As meninas estavam aprendendo dança com uma professora de Campo Grande, quando foram apresentar no baíto estava cheinho e não tinha ninguém bêbado!

Todo Natal é de costume beber em massa, tem festa em todas as casas, rola convite, mas nesse Natal estavam motivados em ver seus filhos apresentar, e 2 cursistas do Tucum apresentaram um teatro indígena, prepararam por conta própria, ligação com a cultura tradicional, era em bororo, e tinha uma avó exigente e cuidadosa que dava grito como antigamente, todo mundo dava risada, com gosto...

No Tucum tava faltando muito monitora que desse motivação, se não não participam, e bebem. A irmã Otaviana sempre mal humorada, atrapalha a turma, mas o único que fazem é ficar criticando por trás. Eu tenho que estar empurrando, fazendo junto, sou meio intolerante, mas elas gostaram; na exposição eu elogiei, ficaram felizes, tem que estar motivando, aí ficam animadinhas, sem beber...

Em Cuiabá tem que estar cuidando, porque tem tanto boteco! As garrafinhas ficam "chamando", e aí a gente pensa "aqui que vou tomar paribá" [garrafinha pequena de cachaça], quando vêm um boteco; uns ficam debochando dos outros: "e aí, não vai beber não?"

No Meruri não tem mais aquela diversão toda, aquela motivação, então... Agora com o Valdomiro e com o meu irmão, e o cacique também, no Boqueirão [projeto de roça coletiva], lotes para cada família, estão muito motivados! Vamos ver se muda...

[Qual é a história padrão da bebida?] Não tem, começam na juventude, dos 16 aos 20 anos, mas hoje tem criança de 8 ou 9 anos que bebe, meio disfarçado junto com os outros, nas festas, vai de casa em casa, emborcam nas filas, pedem um pouquinho de um e de outro, vinho dali, daqui...

Os jovens que começam a beber com os adultos, alguns aumentam, outros não; os que não bebem tanto, bebem quando conseguem, bebem mais socialmente, dão um tempo sem beber; os que bebem muito, se tiver, manda brisa...

&

(Telefonema para o pesquisador, de Dora desde Barra do Garças)

Me liga desesperada, um torvelinho de emoções, parece próxima ao suicídio de tanto desespero, porque uma parente, e um casal de Meruri desapontaram ela fortemente: a parente descuidou da casa dela na Barra, que estava tomando conta quando estava no Tucum, porque saiu para beber e deixou tudo aberto, de noite. A mulher do casal, porque queria deixar o filho que foi expulso da escola na Barra, na casa dela e ela se negou, porque não tinha lugar, aí ficou ressentida e com raiva. O homem porque queria que ela pagasse a revelação de um filme e ela se negou.

E porque perdeu uma pasta com o meu trabalho [da pesquisa] dentro, quando foi beber; sente-se extremamente culpada, está para chorar ao telefone, trato de acalmá-la, mas ela retruca que se sente assim pela educação que recebeu, tanta vergonha e culpa que botaram nela. O dia anterior, por causa dos desapontamentos, ela bebeu, tentou beber, mas sentiu-se mal porque tinha deixado fazer tempo.

[Que problemas de saúde mais freqüentes vc tem observado entre os Bororo, por causa do álcool?] bom, já observei alguns casos de derrame cerebral, e vários de pressão alta; muitos casos de dor de cabeça, mulheres e homens, até mesmo para quem não bebe, dor forte, eles falam que é por causa do sol. Também dá muita câimbra, formiguelo, e doi nas pernas, endurece os nervos nas pernas. Tem muitos casos de reumatismo, e problemas de coração.

[Comentário de **Jair**, namorado] Ela não consegue beber álcool devagar, minha irmã ofereceu licor para experimentar, e quando fomos ver, ela tinha secado o licor, tomou a garrafa inteira.

[**Dora**] Não foi bem assim, não conhecia esse licor e fiquei gostando, aí bebi várias vezes. Mas é verdade que cachaça eu bebo de um gole só, eu só saboreio cerveja, a cachaça eu bebo rápido para não cheirar, eu não consigo cheirar a cachaça, me dá enjoio.

[**Jair**] Ela bebe rápido para ficar tonta, ela busca isso.

&

Rosita Lopes Bakoro Mugo

46 anos, casada até hoje com a mesma pessoa, 2 filhos (casados já) e um adotado, 10 anos, todos homens.

Diz estar doente por ter ficado muito nervosa a partir dos acontecimentos da separação de Marcos, o filho mais velho, que está morando com outra mulher; muita fofoca, e a mulher antiga, que está grávida dele, passou mal e quase perdeu o nenê, e ela acompanhou tudo. Dora, a irmã, posicionou-se pela saída de Marcos da casa da família, que sg Rosita, "não é dela", e ele, magoado, saiu [eu, pesquisador, fui ficar nessa casa vazia], e está morando num mocambo pequeno, tudo entulhado de coisas, sem espaço.

Acha tudo isso "o máximo de ruim", e atribui tudo o que está acontecendo a Jair, companheiro atual de Dora, e dá certeza que ele fez trabalhos (de macumba, embora não use essa palavra), pois diz ter observado velas na casa deles em Barra do Garças, e um dia "ele ficou fechado no quarto, fazendo trabalhos". Ele é de uma "energia ruim", e tudo o que está acontecendo com a família, desunião, fofoca, separação de Marcos, é desde que Dora juntou com ele, pois coincide no tempo...

Conta que é muito infeliz com o marido dela, que ele bebe e que espanca ela, e que ele nunca põe nada para a casa, embora trabalhe na roça, dinheiro que é bom nunca aparece, bate nela quando quer dinheiro para beber, ou por ciúme, quando é ele que engana ela com outras mulheres. Casamento com os padres obriga a ficar até a morte, e é um dos motivos dela não separar.

Da última vez que pegou ele com alguém na própria casa, não tem mais relações, não quer ele mais na intimidade, além da mágoa, tem medo de pegar Aids por ele andar com essas pessoas. O marido, que segundo ela já não dava muita atenção, não busca mais ela, não dá carinho, aí ela dorme com o filho de 10 anos adotado, e ela quer separar a casa com uma parede interna, e cada um ter uma porta independente para não ficar dependendo das chaves.

Conta a vida de internato, que era muito triste, batiam toda hora: lembra de uma irmã que batia toda vez que falava em bororo, ou que desobedecia; uma vez empurrou ela muito forte e caiu, batendo a cabeça numa pia. Ela saiu correndo e fugiu para a casa da mãe (que é muito perto, podia

passar pelas árvores), chorou muito e não queria voltar mais. A mãe era muito católica, e convenceu ela para voltar. Depois ela quis fugir do internato com outras 4 moças, uma delas a irmã, e ficaram no mato escondidas; foram achadas e deram castigos. Ela era muito apegada aos pais, por isso ficou na aldeia, senão teria ido morar na cidade que nem a irmã fez, ela conseguiu pois "era mais rebelde que eu".

Pe. João internava toda mulher sozinha, solteira ou viúva, e não podia sair se não era para casar, e ele dava a opinião se o futuro marido era conveniente, junto com os pais. Ela arranjou o marido que ela queria (o atual), apesar de lembrar com muita saudade de um namorado que teve, o primeiro, um estudante de medicina argentino que estava fazendo estágio, loiro de olhos azuis, que declarou o amor para ela, mas não teve coragem de ficar [namorar fisicamente] com ele. Pede-me para averiguar se ele existe, se ele é casado, pois sonha com encontrá-lo.

É muito infeliz por não ter tido filhas mulheres, e o clã dela está para desaparecer porque os filhos homens também não têm tido filhas, só uma netinha... ficou grávida de duas meninas, mas uma morreu de poucos meses, e a outra morreu dentro dela, antes de nascer. [Um irmão salesiano que a conhece muito declarou-me que ela perdeu varios filhos na barriga por causa do álcool, pois ela bebia muito, e que foram muito mais do que dois; uns 4 ou 5]

Conta com detalhes como que ela morreu dentro dela, pois sente sua perda até hoje, colocaram nome e tudo, era sua última esperança de ter menina, depois o médico amarrou as trompas: segundo a mãe dela, ela nunca devia tomar vitaminas quando estivesse grávida, mas uma vez passou mal e foi no hospital da missão e passaram vitaminas para ela, aí ela tomou e começou a sentir um negócio ruim, muito calor, dor de cabeça, que não passou; ela foi para o hospital de Gal. Carneiro e o médico falou que era uma gravidez de risco, com pressão alta, e queria tirar a criança; ela não deixou, mas ficou um negócio duro dentro dela, não mexia mais, todos diziam para tirar a criança [morta], aí quando ela deixou, na operação "o médico a matou, furou o miolinho dela, que eu vi", e a irmã Dora queria processar o médico, mas não o fizeram.

Nessa circunstância, uma irmã salesiana veio oferecer uma criança de 3 meses, cuja mãe tinha morrido, para ela criar, assim ela se consolaria, e ela aceitava só se fosse menina, mas era menino. Os filhos dela pediram para ela aceitar, para ter um irmãozinho para brincar, aí ela acabou aceitando. Este filho adotado não sabe que o é, e vive fazendo perguntas, como se suspeitasse, pois os coleguinhas apontam para o pai verdadeiro, um índio da própria aldeia: "fulano é seu pai!". Ela nega, colocando a idade de 15 anos para falar para ele, com medo que ele os abandone [eu aconselhei para falar a verdade agora, mostrando os problemas que vai causar se saber depois, na adolescência].

-&-

Dia domingo, passado em casa de Euclides e Rosita

Ele é mestiço, mas se considera Bororo porque a mãe é índia, porém ao meu ver apresenta um comportamento tipicamente "caboclo", diferenciado das outras pessoas: fala sem parar para mim escutar sobre tudo e qualquer coisa, e tem uma "teoria" pessoal, uma explicação para cada coisa na ponta da língua, desde os problemas da aldeia, a sua história, até a política brasileira, e os temas mais banais, da natureza aos objetos, etc, etc. Sua expressão facial é de desconfiança, sua voz rouca, toma café e fuma cigarro enrolado durante o dia inteiro! Faz me lembrar muito aos caboclos mineiros, embora eu saiba que faz isso para não beber na minha frente: quando eu fui correndo para minha casa no meio da tarde porque chovia, e demorei uma hora para voltar, tinham bebido de maneira evidente: falavam mais excitadamente, ficando mais emocionais, tocando temas mais tristes, mais pessoais, e entrando em pausas longas depois disso.

(Euclides) "Antes o cacique mandava: 'vamos caçar!'... toodo mundo ia...!, 'vamos cantar para a caça!'... toodo mundo ia...!, 'vamos comer!'... toodo mundo ia...!; nos funerais, todo mundo participava, eles exigiam participação, não só assistência, hoje é tudo assistência.... Toodo mundo participava, todos os dias, caça, pesca, trabalho na roça, funerais, bailes: era uma festa sem fim... Hoje não fazem nada, fica essa fofoca, todo mundo contra todo mundo, e a bebida para preencher.

(Rosita) [Ela fala mal dele na minha frente, tentando humilhá-lo, como por exemplo que ele bebe. Ele aceita, mas retruca na hora "Você também bebe!"]. Ela fala que bebeu muito no passado, que agora não mais (mas é evidente que bebe, e quer esconder de mim), que ficava cega, inconsciente de tanto beber, e que queria se terminar, bebendo sem parar; que sentava no chão, no meio da sala, e terminava toda estatelada.

-&-

O Pe. Osvaldo Scott levou nós um dia, 4 moças do internato, para se misturar com os brancos. "Vocês têm que se misturar, não é bom ficar isoladas, têm que aprender a conversar e lidar com os brancos". Levou nós a uma reunião de jovens em General Carneiro, ficamos numa roda grande de gente jovem, palestras e jogos, e nós ficamos com muita vergonha, isoladas, não falamos nada; o padre ficava roxo de raiva olhando nós. Eu fiquei doente de vergonha, vermelha, tinha febre, doente mesma, mas com o tempo foi bom, aprendi a não ter tanta vergonha. Na cidade, se olham muito para mim, fico sem jeito de andar, "tá olhando para mim", aí fico sem andar (imobilizada) de vergonha.

Os pais de antigamente ameaçavam com um monte de coisas para meter medo: "Não faz isso que bicho vai pegar, braido vai pegar, padre vai pegar". As mães ficavam observando as moças e falavam "Não vai gostar de braido não, braido é ruim, braido mata [?] de faca e de revolver, quando é escuro também, braido preto não é gente, nas relações sexuais é como um animal, um cavalo, um boi", sei lá, aí a gente ficava com medo. Eles (os pais) falavam que vinham, pegavam as moças, arrancavam as tripas por baixo, quando são virgens sai o sangue e aí saem as tripas. Mas hoje a turma já descobriu que não é assim.

Tudo isso porque branco gostava de ficar olhando as índias, as meninas bonitas; era um costume deles, entravam na reserva e ficavam olhando as mulheres, por isso as mães falavam isso para nós.

Conta que uma vez foi para a Chácara da Funai em Cuiabá com Dona Helena, parente e vizinha, muitos anos atrás, e não foram bem tratadas respeito a comidas, uma cozinheira dava muito pouco para todos os índios. Ninguém se queixava, mas ela decidiu falar para a coordenadora pedindo ajuda para a Helena, que é muito tímida, pois na hora "H" ia ter que apoiar. Assim foi, queixou-se para essa mulher coordenadora, pois precisavam se alimentar bem para se curar. "É verdade?", pergunto para Helena, "Sim" ela respondeu, aí expulsaram a cozinheira e botaram outro. Trouxeram a imprensa para denunciar as condições, tinha até um monte de bichos nos quartos, que eram feios e ruins, e alguns índios falaram: "índio de padre não é igual índio da Funai" [?] "São mais sabidos, sabe ler e escrever, sabe mais português, sabe o que é justo, a lei " [Eu conto que atualmente têm prédios novos, exageradamente limpos, o outro extremo], ela diz que não voltaria nunca lá, têm medo de voltar para a Chácara, pois se a coordenadora ainda estar lá, vai lembrar dela que armou tanto escarceu.

-&-

Márcio Lopes Adugo Doge e Inácia (filho e nora de Rosita)

Estão cuidando de um filhinho que nasceu prematuro, de 7 meses, e agora tem 8, isto é, ainda é muito frágil e pequeno, e estão preocupados porque de noite dizem que "lhe falta o fôlego",

apresenta mucosidade nas vias respiratórias, e isto dificulta a respiração. Levaram ele para o hospital da missão, e depois para Barra do Garças, e num primeiro diagnóstico, os médicos não encontraram nada, só a fraqueza de um bebê prematuro (depois falaram em pneumonia). Eles saem as vezes a passear com o nenê, ou a avó passeia com ele, e eu aconselho que é para deixa-lo muito quieto, sem exposição ao sol ou ao vento, mas não sou médico...

Inácia fala alto e é muito alegre e otimista, brincalhona, poucas vezes tem pensamentos negativos, como muitos merurenses têm. Ela já viveu um tempo em São Paulo e no Paraná, em seminário para a formação de religiosas, queria ser irmã, mas desistiu numas férias, quando conheceu Márcio e ficou grávida. Agora só tem lembranças daquela época "como se fosse um sonho", muito diferente do seu dia a dia, mas muito boas (mostra fotos).

[Pergunto se ela é alegre pela experiência que teve fora, ou se é de família] Ela responde que a família dela era muito alegre, todos falavam alto e ao mesmo tempo, e faziam brincadeiras, igual a ela, e se juntavam sempre para almoçar, para passar o dia, mas depois que morreu a mãe não são mais alegres, vivem dispersos, não juntam mais. "Faz 3 anos que morreu e ainda hoje eu acho que vai voltar, meu pai começou a beber [bebia antes?] (só quando jovem), e gasta a aposentadoria em bebida" O pai só fala em bororo, mas entende português, vê televisão entendendo tudo.

"Eu vomito quando sinto muito cheiro de cachaça, uma pessoa fortemente bêbada me faz vomitar" (conta várias ocasiões, e Rosita também diz que acontece com ela), [porém isso seria contraditório, pois ela já ficou muito bêbada inúmeras vezes; ou seria nos períodos de abstinência?...]

Márcio conta que a mãe começou a beber quando o problema do seu irmão Marcos; ela bebia muito antes, e tinha parado de beber. [Como para mim ela esconde, e muitas outras pessoas também, pergunto se entre os índios também escondem quando bebem] "Todo mundo fica sabendo, não têm como esconder, mas se dá um jeitinho de beber sozinho, aí fala que não bebeu, nega"

Me pergunta se em Cuiabá ou nalguma cidade grande tem um teste para saber se uma pessoa sabe jogar bem futebol, se selecionam os jogadores através de um teste, porque ele gostaria de fazer uma carreira como futebolista, ele "joga bem". [Eu informo que não, que não tem um teste específico, que a pessoa tem que jogar nalgum clube de bairro e mostrar, com o tempo, que sabe jogar, aí pode ser descoberto e promovido a clubes mais importantes, processo que leva bastante tempo].

Conta que tem equipes em Meruri que conformam com a derrota, jogam limpo, mas outros não, ficam nervosos se vão perdendo, reclamam muito do juiz, blasfemam, fazem mais falta, chute no tornozelo, cotovelada na boca, no rosto, não se controlam. A equipe dele tem gente mais velha, de 30, 40 anos, que aconselham sobre isso, que pode ganhar, perder, empatar, tem que aceitar. Essas outras equipes não tem gente mais velha, só querem vitória. Se tem algum bêbado jogando, a equipe dele tira, porque provoca; essa outra equipe mau perdedora não tira.

Junto com a mulher, declaram rindo e convencidos de estar dizendo uma grande verdade, que as 3 coisas de que Bororo gosta, são "baile, futebol e cachaça".

Os padres antigos não queriam que Boe manifestasse a cultura, só indo longe deles, aí se pegavam, não davam comida, cascava unha, cascudo na cabeça. Os padres de hoje quer que cante e fale na língua, mas os Boe daqui não querem mais não, querem batizar com nome de brae. Agora não tem mais a cultura, acabou Boe, tudo é brae... Não tem mais chefes, os velhos vão morrendo, aí acabou... As enciclopédias estão à toa, criança não abre.

-&-

(Chegada de Dora à aldeia, com o namorado e outro casal jovem e alegre)

Ela vem de férias, mas também a tentar se reunir com a família para deixar claras as coisas respeito da casa e do Marcos, assunto que está provocando muita desunião e fofocas. Rosita me pergunta se Dora está brava, porque ela esculhamba de forma muito dura, e isso mete medo na família. De noite, Rosita chega na casa de Dora [onde eu estou hospedado] completamente embriagada, caindo, não segurando o equilíbrio, e lá fora, sentados, se atirava praticamente nos meus braços, pedindo num triste lamento "Me ajude...!, me ajude...!". [Como posso ajudá-la?] Não sabia dizer como, e falava que estava com muito ódio, muita ira, e mordia meu braço [Do que vc está com raiva, com ódio?] Também não falava; gritava que não agüentava mais, e repetia "quero sumir da minha vida!...". Só lembrou novamente do namorado argentino que teve na juventude, que por favor eu averiguasse onde ele estava, e que falasse dela para ele.

Alguns vizinhos e familiares contaram que o marido tinha voltado da roça, e que tinham brigado feio, ele com uma faca. Aí a levamos de volta, ela se resistindo com toda a força, querendo ficar, mas era muito tarde, quase 23 hs e ia começar a chover; acompanhou-me o namorado da irmã, e ela mordeu ele fortemente, no pescoço, falando para ele, na meia língua da bebedeira, das suspeita que ela tinha dos trabalhos que ele fazia. Ele ria, explicando para mim que essas velas que ela viu, todo mundo têm, ele ascende velas como qualquer devoto que ascende um incenso, que não era nada disso que ela pensava. E mesmo que pratica candomblé, não faz trabalhos em contra de ninguém.

Ela passou os últimos dias meus na aldeia em estado de embriaguêz, algumas vezes completa, com a conseqüente ressaca do dia seguinte, algumas vezes só meio embriagada, conseguindo se comunicar; andava com o filhinho adotado a tiracolo, ele ajudando-a a caminhar.

Na noite de sábado teve baile no baíto, como todo fim de semana, e fomos todos a observar e dançar. Eu já tinha traçado a política que não dançaria com ninguém, porque os boatos correm muito rápido, e logo estariam falando de mim, muito menos com Rosita, minha hospedeira. Ela insistiu muito para dançar comigo, várias vezes, e eu me negando uma e outra vez; o marido estava por aí, e ela dançou com ele, com a cunhada, com o namorado da irmã, e com crianças.

Nas nossas últimas conversas ela me pedia perdão pelo que tinha feito embriagada, repetindo uma e outra vez que por favor eu a perdoasse, o pedido se repetindo obsessivamente, a pesar de eu repetir que não tinha nada a perdoar, que tentasse perdoar a si mesma, que estava tudo bem.

-&-

Olga Alda Merenawdo

(Sra. de idade avançada, mãe de Valdomiro e Euclides, não sabe quantos anos tem, sogra de Rosita Lopes Bakoro Mugo
46 anos

(Dona Olga) O casal que ia casar era escolhido pelos pais, entre clãs, então passavam dois anos dormindo de costas sem se tocar, assim criavam amizade, pois era mais ou menos aos 13 ou 14 anos, isso era bom porque nessa idade não é para mais nada. Ai então enfeitavam a noiva, muitos colares, muitas pulseiras, e o noivo apresentava ela aos parentes dele. Era então que cruzavam feito casamento, faziam banquetes e esparramavam pros parentes; comiam motoretoru, motoreterugo, polvilho para mingau. Nessa época respeitavam o negócio dos clãs, hoje mais não.

Depois do Pe. Bruno Mariano que começou a cruzar com qualquer um, ficou um trem esquisito, aí nunca mais acabou.

Aconteceu que uma certa parente minha me chamava de preta, ela tinha ciúme, e o ciúme sem motivo era castigado com uma vingança, e a vingança era tomar o parceiro da pessoa ciumenta, aí eu tomei o marido dela.

Eu estava com uns 3 anos quando minha mãe separou do meu pai; aí meu pai pegou os filhos, todos nós, e trouxe para cá, e entregou no colégio das irmãs, aí só aos 16 anos eu aprendi a falar em bororo.

Tem outro bakaro diferente, até a língua é diferente, mas somos todos Bororo! Eu sou Badujeba. A aldeia era mais em cima, no barreiro -kujibo- e tinha muito peixe.

Um branco que ia passando pela estrada pousou em casa, ficou comigo, aí o padre mandou embora eu mais as crianças.

A ofensa, a zanga, a humilhação machuca muito a gente, tem pessoas que dificilmente esquece.

[E se o outro ofender sem querer?...]

(Rosita) Eu observo muito às pessoas, se está querendo ofender ou não. Também observo se está de pá virada, aí nem cumprimento. Ninguém gosta de ser humilhado sem esperar. Se você cumprimenta e o outro não, é bom já xingar logo!.

Por isso eu evito muito às pessoas porque não quero magoar ninguém nem ser magoada, sou fácil de magoar...

(Dona Olga) Eu já guardo, eu tenho que agüentar aquilo e o faço pelo amor de Deus (como?) Ele também sofreu, então a gente têm que imitar ele também. Pelos ensinamentos dos padres e as irmãs, a gente fica mais calmo.

Antes matava fácil com iorubo, por isso é que tinha pouquinho Bororo; depois do Pe. Falcon aumentou de novo. Antes dele as mulheres tomavam remédio do mato para não criar miudo, para não ter muito filho; ele acabou definitivamente com tudo isso, tinha castigo de uma semana sem receber comida se passava a noite cantando no mato, ou se cortava a pele com vidro.

(Rosita) Não me conformo ainda com a morte da minha mãe, há 3 anos, peço para ela aparecer, acho falta dela até hoje. Meu pai morreu antes, aí ela sempre chorava, tudo o que ela arrumava em casa lembrava dele, pedia para ele leva-la onde ele estava, por isso eu me conformo, porque aconteceu o que ela queria. Eles nunca brigaram.

A perda do meu pai influenciou a morte dela: quando ela deitava um pouco, falava que sentia a presença dele pelas costas, na cabeça, como consolando ela, aí acordava chorando.

Bororo não aceita a morte, se a pessoa que ficou viva encontra alguns pertences, aí torna a chorar de novo, por isso é que queimam tudo o que é dele, para que não fique nada de lembrança. Alguns fazem buraco e enterram as coisas do falecido, porque as coisas de hoje não derrete, né?

Eu não tenho coragem de queimar ou enterrar as coisas da minha mãe, porque penso que ela não vai gostar. Minha mãe também não queimou tudo do meu pai, por isso chorava tanto... Se chorar muito, vai morrendo aos pouquinhos, aí morre de vez: mamãe nunca mais foi a mesma, ficou vazia, não foi mais alegre...

(Dona Olga) A gente não esquece não, eu não esqueço do meu primeiro filho que morreu aos 22 anos de varicela. Ele comungou, confessou antes de morrer, morreu bem. Era muito trabalhador, eu rezo para a salvação da alma dele, acho que é mais certo rezar, como dizem os padres, não vão para Bakororo nada...é ilusão!

Ele falava "Mãe, a senhora é muito geniosa, não vou casar até a senhora morrer", mas acabou morrendo antes. Me acompanhava muito, era minha companhia na vida, aí quando morreu eu chorava todo dia, durante dois anos. Minha irmã falou que não era bom, que eu ia morrer também, mas eu lembrava e chorava cedo e de tarde.

Me levaram para a fazenda do finado Garcia, fiquei 3 meses, e fiquei mais distraída. Hoje não tem mais isso não, morre e acabou mesmo, ninguém quer mais funeral. O funeral era duro, tinha que arrancar o cabelo, isso doi demais; se cortava com tressoura falavam que não tinha sentido muito. Se arrancava, aí falavam que tinha sentimento, se rebaixava com tressoura falavam que era vaidade. O último bari não queria funeral, porque não ia respeitar o corpo dele, ia pular em cima da sepultura, brigar em cima, por causa do álcool.

[Como é a criação dos nenês?]

(Dona Olga e Rosita) Quando a criança quer alguma coisa, se têm, os pais têm que dar, não pode chorar muito. Têm um ditado que diz "A solidão da noite rouba a criança", que quer dizer que não pode deixar a criança chorar muito, até o final, porque se não o Bope vem e diz "você não gosta do seu filho se ele chora tanto, aí eu pego para mim", também não pode deixar a criança na casa sozinho.

Criança de peito, quando chora, dá, toda hora que a criança quer, dá, sempre foi assim, até ele ficar grande deste tamanho! A (fulana) deu de mamar até agora ao filho, que tem 10 ou 11 anos, e é muito manhoso!

A menina mulher desmama, o menino homem, não: porque o homem tem que ter mais força que a mulher, o leite sustenta mais.

Outra razão de ficar dando de mamar tanto é porque assim custa a pegar outro filho, por isso dá de mamar até quando pode. [Quanto tempo Vc deu?] **Rosita:** um ano. **Dona Olga:** 2 anos, 3 anos, só mamavam leite. Valdomiro foi criado com leite de gado e fubá na ponta do dedo, pois meu leite secou. Secou porque coloquei no tijolo quente, morreu um menino meu de sarampo, nem um ano tinha, aí queria que secasse, por isso não tinha leite pro Valdomiro. Não mamou e saiu mais inteligente, mais interessado, mais trabalhador! (reflete com surpresa). A placenta eu mesma enterrava com sal para não criar miúdo, para não engravidar em seguida.

[Observação: quando as crianças pequenas choram por qualquer coisa, ou porque se feriu, ou porque quer alguma coisa que não pode, são distraídas, "olha lá, isso ou aquilo", uma mentirinha, para que deixe de chorar]

-&-

Dominguinhos Bakoro (vereador)

A situação "psicológica" mudou para pior, de dois anos para cá (quando começou a presente pesquisa). Está faltando "algo"... A raiz dos problemas todos é a pinga, o álcool é o "pai" dos problemas. Tudo mudou na década de '70, dois anos depois da chacina, tinha gente que bebia, mas não ficava tonto, graças à distribuição dos padres, ou porque tinha que comprar na venda deles. Era cercado de fazendeiros, os padres tinham mercado, traziam sal, bebida, e outros produtos.

Na Boreal (o povo falava "Burzião"), corrutela criada a 20 km daqui depois da chacina, tinha um bar. Antes da chacina, os brancos eram muito amigáveis, depois enfezaram porque dividiram muito a terra (mas os índios queriam acordo) [este esclarecimento último parece-me corresponder ao complexo emocional raiva-mágoa-medo-culpa que é a hipótese central do trabalho].

Na encruzilhada e no trevo da BR-170 tinha despacho com garrafas de pinga, besouro dentro da bebida, bonecos espetados com alfinete, charuto, perfume, e alguém (Bororo) bebeu e deu para os outros; daí para cá o povo começou a ficar "carente" da bebida [? = dependente, fissurado, viciado mesmo].

Depois de dois anos aconteceu a primeira morte, índio matou índio nas proximidades do Burzião, no cerrado, no mato. Fomos procurar o cadáver, foi a primeira vez do lado negativo, a

primeira morte que eu vi, e foi a paulada. Eu conhecia o índio que morreu [?], não quero citar, e também o matador, e posso dizer que não era coisa séria, foi só fruto da embriagêz...

Dois dias após a morte dele, foram em caminhão Mercedes e a comunidade foi e atacou o barzinho e quebrou tudo, tipo uma vingança, pela venda de álcool e pelo trabalho [de macumba], destruíram tudo e trouxeram o proprietário amarrado, e aí ele falou que os índios iam pagar caro, que ele pessoalmente não ia fazer vingança, mas rogou uma praga: "Vocês mesmos vão se acabar", e foi o que aconteceu, depois disso nunca mais controlaram a cachaça, cada vez pior, os índios começaram a se matar, de 5 anos para cá já houve 3 mortes, uma de faca, outro acuado, e o outro a tiro.

A distribuição na missão continuava ordenadamente, produziam muito arroz, todo mundo trabalhava, organizados, os próprios grupos se organizavam, tinham liderança verdadeira, cada grupo, cada família tirava seus trabalhadores, aí tomavam decisão todos juntos, não tinha cacique. [?] Antes da missão, e nos primeiros tempos, tinha, e agora, têm, mas não temos líderes.

O Pe. Miguel tirou a casa, a vendinha, porque tirava a vista, estava bem em frente da igreja, colada. Já estava entrando bebida de todos os outros lados, já se generalizou. O Pe. Bruno fechou aqui, já não tinha mais vale, e sim dinheiro das fazendas, os índios começaram a trabalhar fora, na década de '80.

[Eu comecei a perguntar em detalhe quem tinha acabado com a produção de arroz, ou quem tinha decidido acabar com a distribuição e a venda de álcool, aí ele começou a citar outros nomes, mas se arrependeu]: "Não pode anotar todos esses nomes dos padres, porque não se deve magoar ninguém, eles também foram bom para nós"

O índio tem que fazer alguma coisa, não pode ficar ocioso, eu estou para mandar construir um ginásio coberto, por enquanto está no projeto, onde vai poder jogar bilhar, pingue-pongue, baralho, fazer bailes organizados, e jogar futsal, basquete, etc. As reuniões políticas serão no baíto, que é para isso, e este deixará de cumprir as funções de um ginásio espaçoso.

Agora tem 4 famílias que vendem "paribá", aquelas garrafinhas pequenas de pinga. Por isso os índios estão quase todo dia bêbados: já conversou com as famílias para não vender a quem já está bebado, e elas aceitaram, mas os bêbados se viram e mandam outras pessoas comprar. Eu acho que a solução é esses pontos de venda se organizarem e venderem isoladamente determinados dias da semana, fazendo rodízio.

As coisas pioraram muito, agora eu devo fechar a porta da frente durante o dia, porque se não entra qualquer um bêbado a encher o saco, ou mesmo agredir [Eu senti exatamente a mesma necessidade]. Agora fico preocupado com nossas filhas moçinhas, porque em qualquer momento levam elas pro mato, dão bebida e se aproveitam.

Antes o índio colocava a mágoa para fora através dos erubos, mas também no tacape, quando ia nas caçadas, cada um por si, aí aproveitava e matava o desafeto. Depois o cacique podia mandar matar o assassino, na aldeia, na frente de todos; agora guarda a mágoa e faz mal para ele.

Antes tinha Tugaregue e Ecerae, eram os "partidos políticos" dos Bororo, a rivalidade era forte entre eles, e era organizado, podia ter diferenças internas, mas resolvia-se e acabava atuando juntos contra a metade rival. Hoje não tem mais não, a desunião é muito grande, as diferenças é entre grupinhos, cada um por si, interesses individuais, não respeita mais nenhuma autoridade, nem organização.

Antes de conhecer que tinha Deus, índio tinha Bope, Sol e Lua, tinha sua religião, que nalgumas coisas era boa, dava força, mas também medo, e índio fazia algumas coisas como matar criança depois de sonhar, que deixou de fazer quando soube do céu e do inferno, ficou mais prudente, pensava mais nas consequências.

Sávio Bakoro

É parente, irmão da família que me recebeu, e em geral não bebe. Trabalha com os padres na missão, de motorista, e é vizinho da casa em que me encontro; um dia está bastante bêbado, e me busca em casa, querendo que eu "ensine uma língua estrangeira, espanhol ou inglês". Quer falar comigo sobre "psicológico", e me mostra que sabe falar em português "clássico", falando em difícil, termos abstratos sem dizer nada em concreto, um discurso vazio como um discurso oficial pomposo, mostrando que sabe imitar quem fala em difícil ou em acadêmico.

Percebo que quer que dê atenção, que escute o que tem para me dizer, como fiz com as irmãs, sobrinhos, e outros na aldeia. Insiste em que vá almoçar com ele, porque a mulher não está, e decido dar atenção. Me fala do seu passado na missão, que era bom em matemática, tirava 10, mas em ciências não, só 5,5. Já estava encaminhado para estudar para padre, e uma vez que estava no 2º grau em Cuiabá (ou em Campo Grande?), um cara da Funai o descobriu e falou que lugar de índio era na aldeia, e ele teve que deixar e voltar aqui. O Pe. Ochoa estava aí nesse momento, e não o defendeu... [Eu falo que já entendi, que ele guarda uma grande mágoa com os padres, aí os olhos enchem de lágrimas]

A mulher volta e nos encontra conversando em sua casa, e diz que fofocaram para ela que o seu marido estava com um braido bêbado [quem nos viu juntos deduziu que eu também estava bêbado por estar dando atenção, sentado numa boa, a um bêbado], e ela pensou que alguém tinha trazido bebida para seu marido, que não estava bebendo faz tempo.

&

Jair Mendes Cibae Etaiwu (24 anos)

Nasci em Meruri, e no ano seguinte fui para Jarudori; depois fomos para Tadarimana, dos 3 aos 5 anos, e depois voltamos novamente a Meruri. Aprendi muito bem o idioma bororo de criança, pois ficava mais com meus avós, mas quando passei aos meus pais, e voltamos para Meruri, não pratiquei mais. Em Meruri, os próprios meninos rejeitavam. O pessoal adulto foi impedido de praticar sua cultura, para cantar tinha que se afastar, a juventude quer voltar a esses conhecimentos, nossos pais que na época sofreram repressão, ficam no mesmo nível, passivos, mas os velhos ficam contentes. Numa época, os velhos queriam acabar com a cultura, as mulheres tomavam chá de ervas para não terem mais filhos. Eu aprendi a dançar e tocar chocalho, posso passar até 2 horas.

Em Meruri, só em ocasião de qualquer tipo o pessoal gosta de embriagar; nos rituais, alguns bebem, e podem participar tranquilamente se não atrapalhar. Todos os fins de semana bebem, adotou o sistema dos brancos; no futebol, nós colocamos a regra de não beber, mas se não tiver quem joga, o bêbado joga.

[Como vc se sente com os bêbados?]

Não gosto, me vem uma preocupação com essa questão, tentar solucionar esse problema. Nós Bororo somos difamados por causa disso, a maioria mostra o lado negativo, eu mostro o lado positivo. Beber de vez em quando não é ruim, eu sei da medida, bebo socialmente, muito de vez em quando; nunca perdi o controle, e o pessoal me admira muito, me respeitam.

Desde menino já via a questão. [Como via as coisas naquela época?] Era direto, se reuniam ao redor de um vizinho, que consumia mais, não sei como ele fazia, se ia na cidade, General Carneiro, ou se era na vendinha que tinha na estrada, tal de Cheirinho, cada 15 dias, aí paravam quando acabava, um mês, aí voltava de novo. Consumiam tudo, bebia e bebia e acabava, aí enjoava e deixavam por um tempo.

Eles faziam roça mecanizada, vendiam arroz para comprar álcool, mas não era generalizado, era um grupo em torno de 20 ou 30; as mulheres acompanhavam às vezes. Eu olhava

de longe, ou assistia de perto quando meu pai ia às vezes, para mim era festa, a turma conversando, brincando, contavam causos, como que foi a busca da bebida, coisas engraçadas, tiravam para cantar, modinhas de sertanejos, o vizinho bolava um jogo, jogar uma argola num copo no centro da roda, aí quem acertava podia beber, era uma diversão!!

Era como uma festa, como se fosse um barzinho com amigos, 15 a 20 pessoas, sempre quase as mesmas pessoas, e de vez em quando outros chegavam e entravam na roda para beber; e tinha um ciclo, de mês em mês, uns 15 dias todos os dias. Sempre na casa desse vizinho que bebiam mais, hoje ele está muito gasto pelo consumo, o irmão faleceu por causa do álcool, dava asma, vomitava sangue coalhado, ou fígado cozido. Bebiam álcool puro, mas começavam misturando com água. Meu pai só tomava cachaça ou vinho, e eles ofereciam para meu pai como um agrado, gostavam muito do meu pai. Nunca tomavam sozinhos, convidavam outros, sempre se via pelo menos uma meia dúzia; faziam pescaria e levavam álcool também.

De vez em quando dava briga, mas mais da metade das vezes, 85%, era diversão. Esse resto que acontecia briga dependia das pessoas, do temperamento exaltado, desentendimentos do momento entre dois bêbados. Tinha alguns que gostava de beber só para provocar: fazia de conta que estava muito bêbado mas está firme, e quando a hora da briga, aí pega firme. Isso é até hoje, é mais numa família Paiwe, Badujeba, que tem muitos homens e gostam mais de provocar. Eles querem ser autoritários, porque têm direito de cacique. Antigamente quando desentendiam, brigavam até morrer, colocavam ramo de ervas no rasto e isso matava, ou machucava, dependendo da erva.

Nos dias de festa católica era que juntava mais pessoas; começavam de tarde e varavam a noite, e emendavam de novo; ficavam ressaqueados, caçavam alguma coisa em casa para comer, e aí dormiam. Na ressaca vem a fome e a sede. Faziam barulho na aldeia, a aldeia acompanhava de longe, gritavam, gostavam de gritar, Bororo grita de alegria, até eu também grito de alegria, quando a gente está bem. [Gritos rituais?] Gritos rituais só quando está bebado, alguns até cantam rórias quando está bebado; quando entra na reserva, um senhor velho vai chegando, seja no caminhão, seja a pé, alegre, aí canta as rórias.

Antes bebiam na cidade, já vinham bêbados, hoje levam na aldeia, tem alguns que revendem na aldeia; hoje é a juventude que mais bebe, mas também não são todos, só um grupo. Bebem mais no final de semana, de 5ª até sábado ou domingo. Os jovens gostam de dançar o baile do branco [?], música sertaneja, rasqueado, o que estiver na moda na cidade.

Trazem bebida para as festas, aniversários, comemorações particulares, aí servem controlado, quem está promovendo a festa agrada todo mundo, para ficar meio beleza, meio disposto a mais para dançar, motivar mais, servem um copo de vinho para cada um (doce ou seco). Quando é descontrolado, fica ruim do meio da festa até o final, mas é raro, normalmente essas festas terminam bem.

Em Garças tem mais excesso de bebida, tal vez por falta de compreender o que é o alcoolismo; gostam mais, é muito difícil de parar: aprendeu a beber, aprendeu a gostar, então sempre vai beber e gostar. O álcool é o Hiroshima e Nagasaki dos Bororo.

[Qual são os termos que usam para o álcool?] **Kudúa, Koriréboe** = álcool puro; **Pobo Kojari**= água de fogo; **Piji, Korigodo modai**; **Paribá**= garrafinha pequena de pinga

Eu já também gostei de beber, mas a ressaca é tão ruim que nunca mais. Cigarro também, fumei e fiquei tonto, caía, aí nunca mais quis saber de fumar ou beber. Meu pai era músico, de uma banda da missão, tocava de madrugada, eram gratificados com vinho, acompanhávamos, em casa também tinha, eu achava muito bom: ficava alegre, disposto, tipo droga, mas é bom vc beber a bebida, e não a bebida te beber. Eu não me dou bem com cachaça, só vinho, cerveja, sidra, champagne, eu gosto muito mais doce!

A namorada comprava esse tipo de bebidas nas comemorações, "Jair é o único Bororo que não bebe, que não fica embriagado", em Meruri falam isso, mas não é isso, é que eu bebo

controlado; esse tempo aí bebi 4 doses de conhaque, aí subiu rápido, e fui dormir, não queria que desse efeito ruim. O bom é tomar e participar, senão fica feio, ridículo, não dá... Meus irmãos bebem e qualquer coisinha, brigam, de soco, de pontapé, desentendem fácil com qualquer um. Na aldeia tem moças que dizem que eu sou o único de confiança: simples, bom, humilde, simpático, boa aparência, não cachaceiro: minha mãe diz que eu herdei do meu avô, do Frederico Coqueiro, mestre de cerimônia, pois ele bebia só para ficar alegre.

Eu falo quando me oferecem que é ruim para a saúde, que não é bebida de jovem, porque jovem é alegre, é disposto, não precisa, sempre está em busca do novo. Só dá energia enquanto bebe, depois tira energia. Teve muita gente que insistiu para eu beber, querem me derrubar, tipo uma inveja, "como é que ele não bebe!", "só um pouquinho!". Tem outros jovens que não bebem, que se controlam, mas são mais fracos, bebem um pouco mais, eu sou mais firme. Só o Marcus [o primo] é o único igual a eu, é esforçado, teve a mesma formação que eu.

[Quando foi sua primeira vez?] Em casa, antes das refeições, meu pai servia um pouquinho de cada vez, e nós brincávamos de bêbados. Aos 10 anos, mais ou menos, passei da medida com vinho, e uma outra vez com Jamel, brincávamos, fazíamos estripulia, mas tivemos que correr, apanhamos da mãe.

Convivi com meus pais até os 12 anos, aos 9 perdi meu pai, vim pro seminário, a educação foi meio mixta. Meus pais eram católicos, e eu recebi esse sistema de tratar nós, a gente era mais livre, ia caçar passarinho, tomar banho no rio, e se não voltava no horário, não apanhava. Recebíamos conselho, eram os avós que educavam: os pais metiam medo, para não se afastar muito, com os kugos [=corujas]. Até hoje tem a lenda de que Bope rouba criança, e tem crianças Bororo que são medrosas, mais ou menos a metade das crianças. O adulto dá uma dura, mas não bate, é difícil, ensina-se o respeito às pessoas mais velhas que você.

Tem clãs mais importantes, por exemplo aqueles onde despontam os caciques, o meu clã era o mais guerreiro (Paive = bugio). Quem tinha que ir em busca de conhecimento era o dos caciques, por isso estou aqui, estudando. Preparação para a guerra não tem mais, o ataque do branco era muito superior. Os Bororo tinham preparação física, usavam iorubo [plantas, feitiço] para ter resistência, força, ligeireza; são segredos de clã, não pode passar para outra pessoa. Se estou passando o remédio na pele para a força, não pode tocar em mulher, e viceversa.

As rixas entre clãs se satirizam através de piadas, igual a brasileiro que faz piadas de português, e também lendas, bakaro, mitos. [Os Bororo têm palavrões?] Hoje sim, tem, antes não, eu não consigo traduzir os palavrões dos brancos para o idioma bororo.

Hoje nós temos que nos valorizar, se orgulhar de ser o que é, ter direitos, reivindicar os direitos que constam na constituição, e o mínimo é falar bem a língua. Hoje nós somos fruto de uma história muito dura que passa de geração para geração, o sistema do internato, a obrigação de falar só português: tinha penalidades, falta de lanches, palmatórias, meus avós e meus pais sofreram essa repressão.

Os Bororo encabulam, admiram muito por quê os missionários mudaram, por que antes era uma coisa, e depois outra. Hoje eu entendo, a história conta que os jesuitas foram expulsos, então quando vieram outros missionários foram obrigados a cumprir certas regras, se não seriam expulsados. Eu estudei no Patronato [Colégio Salesiano de Cuiabá], de '90 a '94, e depois um ano e meio em Presidente Prudente, no Seminário Diocesano para ser padre, mas não deu certo.

Teve um problema com um cara em particular, o tesoureiro, o reitor não estava numa ocasião, e ele ficou para tomar conta; todo mundo foi trabalhar na horta, eu e mais três, ficamos conversando, "tem que trabalhar", aí fizemos canteiro, esterco, fizemos 5 ou 7, e já cansados, paramos para sentar e tomar água, aí ele chegou, e pensou que nós estivemos sentados o tempo todo, nos chamou de marmanjos. Eu fiquei olhando, com raiva, e respondi: "Quem vc é para chamar a atenção?", recebi nome de mal educado, começou a chingar de vagabundo, e eu "eu não vou respeitar um padre como Você", e sai.

Uma pessoa por inveja e abuso de poder denunciou para o bispo da Barra, falou que eu não estava correspondendo com o que estava sendo pedido. O reitor falou o contrário, o seminário estava com as portas abertas, mas o tesoureiro falou para o bispo, e perdi, tive que sair. Eu era uma pessoa íntegra, cumpria com os meus deveres.

Eu fui por opção, porque eu quis, mas não pretendo voltar, tenho outra maneira de ver as coisas, agora dou atenção às meninas, e tenho outros sonhos a realizar, como o do esporte, lá dentro não davam importância. Eu fiquei muito chateado, o bispo deveria me ouvir, não só o outro lado...

Se eu voltar, eu já estou lecionado, agora sei engolir sapo, qualquer tipo de vida que vc for levar. Mesmo com a razão, tem que saber calar, um silêncio fala muito, né? [E o sentimento como fica?] A gente não se sente bem, e tem que procurar um meio para descarregar, não é para ficar quieto, mas um meio mais viável para não te prejudicar.

Teve um seminário agora a pouco em Cuiabá, dos 500 anos, e eu falei, me colocaram na frente, e gostaram de mim, os líderes de outras tribos. Não sabiam que eu era Bororo, porque temos fama de tímidos; um deles ficou deduzindo, "Xavante ele não é, Bororo ele não é, porque fala muito bem em público, de que tribo será?, aí ele veio me perguntar e ficou surpreso. Meu tio ficou orgulhoso de mim, o melhor discurso foi o meu, "esse serve para cacique".

Eu falei que o branco só veio para enriquecimento material, que nós índios não tínhamos nada a comemorar nos 500 anos, pelo contrário, só desgraça; que a igreja tentou amenizar, mas acabou quebrando o sistema indígena. [Como assim?]

Tem o negativo e o positivo da questão: eles vieram para nos ajudar, e, mesmo que errados, se não fosse a igreja (as protestantes também), nós não estaríamos vivos.

[Os Bororo eram guerreiros ou não?] Eu acho que os Bororo são como a Suíça, estão continuamente se preparando para um ataque: são ensinados desde crianças a se preparar para a guerra, mesmo que nunca aconteça [Como se preparam?]. Com todas essas técnicas de contenção de forças, por exemplo, são ensinados a não desperdiçar as forças na sexualidade, a diferença do branco e de outros índios, e na comida, a não comer sal e certos alimentos.

Os Bororo eram mais prudentes que os Guaicurús, temiam estes também porque andavam a cavalo e com armas de ferro, eles tinham conseguido fazer ferro, tinham espadas e escudos. Quando os brancos atacavam uma aldeia, os Bororo se retiravam, estudavam o inimigo, e voltavam para atacar revidando, nunca davam um passo maior [que suas pernas], por isso não foram exterminados como foram os Guaicurús; mediam os passos, pensavam.

Usavam técnicas iguais aos vietnamitas, se pintavam e fantasiavam para se confundir com o mato, e esperavam os bandeirantes enfileirados a ambos lados de um caminho. Quando os brancos estavam passando bem no meio, ao sinal de um assóvio, atacavam e pegavam todos. Quando eram atacados na beira de um rio, eles mergulhavam e não saíam, aí os inimigos pensavam que tinham se afogado, mas como tinham bom preparo físico, iam para atrás, e descuidados que estavam, os atacavam por trás. O bom preparo físico vinha do autocontrole nas comidas e no sexo.

Os Bororo antes eram mais bravos, porque antes tinha mais troca, mori, os produtos, e havia solidariedade entre eles, se preocupava com o próximo, e se valorizava; agora não mais, é igual à sociedade branca, individualismo que enfraquece. A solidariedade ainda se mostra no funeral: "tem que fazer funeral, se não é igual a qualquer animal".

Em termos de braveza, tem o caso de F., um jovem líder, mas que não é grande coisa, porque mete medo nas pessoas, bebe um pouco com colegas dele, e vão em cima de quem não gostam, para bater. Fazem beber o cara, e quando está fraco, batem nele. Teve uma vez que encasquetou comigo, por causa de uma namorada que tinha sido dele (F.), mesmo que tinha perguntado para ela se tudo bem, e ela diz que sim, que estava liberado, ele não se conformou e provocou ele para brigar. Vieram em cima, com uma garrafa de coca de gelo, e como eu não tinha bebido, dei neles três, com técnicas de artes marciais, chutes no estômago, quebrei um dente de um

deles. Agora o respeitam, mas no futebol eu levanto ciúme, porque jogo bem. Aí vem alguém inconformado para brigar, no meio do jogo, mas não entro na provocação, e vou levando.

Os Bororo de Meruri, apesar de não conservar os costumes e não falar a língua como as outras aldeias, se conservam mais puros racialmente, e isto é motivo de orgulho. Pelo contrário, os homossexuais são motivo de vergonha para a família, embora eu não veja nada demais, eu os trato como a todo mundo.

A tia Dora gosta de uma cervejinha, por mais que diga que bebe por isso ou por aquilo, bebe porque gosta!! Como o filho recrimina ela quando bebe, quando mandava eu comprar cerveja, pedia silêncio para mim.

Aos 16 anos tive hérnia, e minha mãe não duvidou muito para mandar-me operar. Com meu primo não está sendo igual, a minha tia não mandou operar, acho que tem medo de anestesia, e já faz anos que tem a hernia

Os parentes daqui (Cuiabá) não perdem um programa policial na TV (Gil, Linha Direta, 40º, e assim vai). Assistem de camarote quando o assunto é crime e violência, ou ainda acidentes, e adoram noticiário por causa disso.

O Papa vai pedir perdão aos índios nos 500 anos (conta com orgulho), e em Meruri rezam missa em bororo, que traduziram o missal, o novo (e agora o velho) testamento; isso é um grande adianto, porque um pai, (Deus), gosta que os filhos se dirijam a ele em sua língua, na de cada um, e não em latim ou português.

Eu não tenho problemas com os brancos, sempre me dei bem, gostam de mim, mas sim com outros índios, e com pretos também. Não sei o que é, não sei dizer o que sinto, mas me fecho, não falo, não atuo naturalmente, não me sinto bem. No começo tinha medo de pessoas muito brancas, loiros, de olhos claros, para mim era coisa medonha, do espírito mau. Uma moça desse jeito congozou comigo no seminário, vinha conversar, estava no mesmo grupo de estudo, e eu fugia, não queria saber nada dela, mas depois passou.

A minha irmã já voltou para a aldeia, já está tudo bem, é que ela gostava de um branco, e foi com ele para Barra do Garças, querendo viver com ele, mas a família dele não a aceitou. Até o próprio chefe da aldeia não queria que namorasse com branco. Nós queremos seguir o ritmo da sociedade branca, a velocidade das mudanças, é nossa política atual, mas não casar com gente de fora, com não-índios, só entre nós.

[Pergunto a ele qual a explicação de por que os homens Bororo não vão com as mulheres brancas, mas as mulheres Bororo sim vão com os brancos] É verdade, é assim mesmo, tal vez porque a mulher pense que a vida vai ficar mais fácil casando com branco... Mas estou muito feliz da minha irmã ter voltado para a família, para a tribo.

Se não fosse o catolicismo, que eu acredito e pratico, eu teria me dedicado a ser bari ou aróe etawara are, por causa dos meus sonhos [ele sempre me conta muitos sonhos]. Uma senhora, a última aroe etawara are que pratica, diz que eu tenho condições, que eu tenho poderes para desenvolver, se eu quisesse.

[Conta um rolo complicadíssimo com uma namorada e com a mãe, fuxico da família entre as duas, levando a opinião que uma tem da outra, e distorção e confusão, acabou sobrando para ele, a mãe não foi despedir ele no ônibus, e ele achou muito chato. Ele acha que não vai namorar mais ela com tudo o que aconteceu. Eu pergunto se tem muito fuxico, e ele me diz que é a única vez que viu acontecer. Aí eu lembro para ele de outras oportunidades onde tinham feito fuxico sobre ele, e afirma: "foi só nessa ocasião". Percebe-se que às vezes ele "arranja" a realidade, ou omite informação, com a finalidade de "dar uma boa imagem" dos Bororo]

-&-

Egídio Rondon

Bororo acompanha a cultura do Branco porque sente que a cultura própria não tinha valor. Quando era jovem, diante da civilidade, do catecismo, e da Bíblia, eu me sentia inferior, porque não sabia ler direito; eu ouvia certas pessoas falando português e eu ficava com inveja. Os antepassados tinham coragem de falar, mesmo sem saber português; no tempo de Rondon, falavam para ele em bororo e tinham intérpretes, e não bebiam. Falavam sem ter vergonha, eu conheci muitos antepassados que eram assim. Agora, esta nova juventude virou assim, se sentem incapazes de falar para reivindicar suas necessidades. Eu critiquei alguns caciques que não falavam nada, iam nas reuniões para apreciar as cidades, por exemplo na Eco 92 os Bororo não falaram nada.

Não sei se é por falta de preparo para poder falar. Por exemplo, (fulano) é tímido, não fala nem com a própria mulher, e ela sim fala muito... A mulher é autoritária, ele deixa ela falar até um limite, aí ficou chateado, cansou e foi embora. Ele bebe, é o único problema, mas não perde o controle, tem qualidades, trabalha bem.

A religião Bororo é baixa, dá uma divindade para cada coisa, e vê sinais de mau agouro a cada manifestação da natureza, por exemplo no canto dos animais, ou se quebra um copo. Em troca, a religião branca é mais alta, não fica vendo sinais nos acontecimentos. O Bope é igual a Satanás, e era consultado para entender os sinais, era a divindade mais forte; a religião Bororo dá importância à natureza, já no Cristianismo, os santos, a possibilidade das pessoas virarem santos, é uma prova da existência e da bondade de um ser superior.

Os Bororo estamos escravizados pelo álcool, ficamos escravos porque o ataque do branco foi através das coisas piores que tinham, armas de fogo, doenças; tinha mais paz antes do contato, eram mais unidos: depois do primeiro ataque do Branco, ficamos amedrontados, de prontidão permanente, e a maioria fugiram, esparramaram, ficaram com muito medo do branco, e medo do oriente, que é de onde vinha o branco.

As coisas mudaram com os missionários, que tomaram as dores, protegeram os índios, desde os Tachos; aí apaciguaram de ambas as partes, sua função foi mediadora, e aí apaciguaram aos poucos. Tinha uma parte dos Bororo mais guerreira, e outra parte mais simples; um cacique bom, manso, não vingador, que falava "vejam como os padres são diferentes, vamos acabar com a guerra", e outro não, era violento, queria a guerra com os missionários (Oki Baguo), e aí teve aquele episódio do sonho do 1º com uma senhora muito bonita que lhe falou dos padres que eram bons, eram diferentes dos outros brancos, para entregar as armas; aí ele entrou na missão e viu o quadro de nossa senhora, igual à do sonho, e acreditou. Tem dois tipos de Bororo, os violentos e os que só querem se defender

Antes não tinha álcool em Meruri, Barra era uma corrutela, nos anos 50, 60, os padres, começaram a dar um gole depois do trabalho na roça, mas depois de 68 deixaram sem orientação. Começou a Funai, os políticos, aprendemos a estender o braço; começou o transporte para a Barra, , aí um provou, gostou, e foi passando para os outros. Os jovens dão mais atenção às radios e TV que aos padres, começam a falar bobagens.

Os Xavantes são mais agressivos, sabem se defender mais, e dizem que protegem os Bororo bêbados, quando estão jogados por aí, mas eu não ligo, eles na verdade tiram o dinheiro dos bêbados.

Lourenço Rondon

No internato, os Bororo eram separados para dormir, tinha dormitórios de bororo e de branco. Isto era aproveitado para fazer grupinhos de índios no quintal para falar bororo, pois eram proibidos através de vigilância cerrada, por exemplo do Pe. Ochoa, já apanhei dele por falar em Bororo.

A cultura Bororo acabou aqui: bari não tem mais, não falam bororo (só alguns), não casam mais seguindo a regra das metades. Sou católico porque estou aqui [isto é falado num tom de

profunda resignação], mas eu sei que existe a religião Bororo, o que eu não aceito é imposição. Quando dá água e fumo ao esqueleto nos funerais, ele bebe e fuma, e os padres não acreditavam, agora acreditam. Os aróes falam para o bári o que quer tomar ou fumar, desde água até iworó, e isso desaparece quando é jogado na boca do esqueleto, ou este fuma de verdade. Agora os padres viram e acreditaram.

A religião é imposta, e isso não é bom, eu não vou à igreja por causa disso. Estudei para padre, mas eu penso [a Teologia], sinto, aí eu larguei, por exemplo vi dois padres casando, isso me escandalizou. Aí eu pensei, se eu viro padre e caso com uma branca ou uma bororo, isso escandaliza todo mundo. É melhor ser irmão, embaixo, e não ser hipócrita, a gente tem uma missão dentro da religião, e tem que cumprir.

Na igreja entrou muito modernismo, antes existia a batina negra, e respeitavam, depois não respeitaram mais, os católicos foram para outras religiões; muitas vezes a fé do índio estava no respeito à batina negra.

O Pe. João Falco distribuía álcool para educar, para beber só socialmente, ele era muito inteligente; havia muito esporte, muita arte (teatro), jogos variados (pingue-pongue, etc), nos sábados e domingos; eles mesmos participavam, e eles mesmos também bebiam junto. Aí Bororo não bebia demais. Se proíbe, aí que Bororo bebe demais, não pode proibir...

Vários padres diretores seguiram a política do Pe. Falco (Pe. Domingo, Pe. Paulo), mas foi cortado nas próximas direções, acho que o Pe. Marinoni [na verdade quem terminou com essa prática foi o Pe. Bruno Pedrão, sg declaração de Mestre Mário Bordignon]

Eles vendiam picolé de côco e boio (tucum), aí começou a ter mais nenê, talvez punham algo para ter mais nenê. O Pe. João tirou os brancos da corrutela que estava se formando, e montou uma criação de coelhos; era criativo, era bom, tinha jeito de falar com as pessoas. Antes dele aqui tinha alambique, canavial, faziam pinga, rapadura, açúcar, para vender, e quando o pessoal voltava da roça, passava pela janela e davam. Mas o Pe. Falco não fabricou mais, aí trazia de Campo Grande para distribuir.

Havia competições de canto no baíto, tinha aquele idioma no assobio, as caçadas e as pescarias também davam muita alegria; antigamente era muita alegria pela participação da comunidade (as vezes só homens, só os que viram o aije podiam ir, as vezes com as mulheres e as crianças, "maguro", com a família), cantavam lá no mato. Agora não tem muita caça, Xavante acaba com tudo tacando fogo, Bororo é mais de pescaria.

[há um clima emocional de nostalgia, tristonho, lembrando tempos passados em que tudo era muito alegre; aqui eu exponho a hipótese da mágoa histórica, e ele exulta, parece que acorda, apoiando todas as minhas palavras] "Sim!, Bororo é muito adaptado, elástico, aprende tudo rápido, é colaborador, não precisava essa traição toda! Eu também acho que foi muita traição, Bororo fica muito sentido!"

Explica que quando um braido recebe nome Bororo, sempre é da metade Ecerae, nunca Tugaregue, e ele não sabe por que. [Porque foi um Ecerae que viu o branco pela primeira vez?] Não sabe...

&

Bernardo Rondon

A missão salesiana fez e faz muito pelos Bororo. Se não fosse por eles, aqui já estaria uma cidade dos brancos, que nem Córrego Grande: eles expulsaram os brancos, a corrutela que já tinha

formado. Agora deu luz de uma usina no riacho, e a água de uma fonte com caixa d'água, ninguém paga, tudo grátis.

Mas antigamente os padres controlavam os índios, através do vale e da janela, só podia comprar deles, e se não davam vales, não comia. Dentro do internato era muito rígido, tinha que obedecer senão castigavam.

Quando caiu a casa em 1970[?], caiu o teto do dormitório do internato, morreu um companheiro do internato, eu fiquei machucado, muitos ficaram, foi no meio da noite; o rapaz que morreu estava cumprindo um castigo, brigou com o assistente, a tressoura do teto caiu bem na testa, rachou a cabeça dele, e ele tinha prometido que ia matar o assistente.

Naquele tempo era difícil, não tinha cacique, mas a missão teria que ter indenizado; depois entrou meu irmão, e meu pai como vice-chefe. Durante a chacina, Lourenço foi baleado.

O Bororo estava acostumado com catolicismo, quando tinha padre tinha batina e as irmãs também, Bororo respeitava, mas o modernismo atrapalhou tudo, ninguém respeita mais nada. Por exemplo, no ônibus, se um padre está com batina, aí respeita, dá o assento, agora não tem batina, aí ninguém sabe.

Hoje a rapaziada fica amolando os padres, quebram as janelas da missão [ele aponta as janelas para me mostrar os vidros todos quebrados de uma ala da missão; o Mestre Mário tinha me mostrado outras janelas forçadas nas oficinas, com o roubo de ferramentas e máquinas]

O problema do álcool têm solução, sim, só se a missão fica junto conosco. Antes tinha Pe. Falco, um mestiço de judeu com arabe, sei lá [na verdade era mestiço de judeu com italiano], era muito inteligente, quando distribuía álcool não tinha esses problemas que têm hoje. Ele ia pegar a gente de Boqueirão Grande e trazia para fazer as compras (...)

Conversa com 4 pessoas da família Rondon

Muita raiva porque o cacique atual não ajuda, fica com o dinheiro dos projetos, não impõe respeito nem ordem. Seu Egídio vai sozinho a Brasília se queixar da situação, com uma carta escrita por Bernardo. Vai ter eleições e querem que eu fique para ver, estão preparando uma "surpresa" para a reunião: há muita divisão, cada um apoia uma pessoa diferente, com votação estilo braido; o método tradicional se perdeu, que era alguém se sobressair pelas qualidades, pela força da personalidade, e ser apoiado espontaneamente por todos. Hoje existe "politicagem" [a impressão minha é que querem resuscitar o antigo método para a reunião que terá em breve, Seu Egídio mostra muita raiva manifesta, fala com força]

Outra queixa é de estar se perdendo a tradição, dos antigos não querer passar a tradição senão com dinheiro. Funerais em Garças tem estado bastante "animados", muita gente de outras aldeias, e agora termina num enterro no cemitério de Meruri, com os padres, só que com o bakité, os ossos enfeitados.

Se comparam novamente com os Xavantes: estes muito agressivos, não se entendem entre eles, brigam com os Xerentes, que falam quase a mesma língua; puxam sempre para si as vantagens dos projetos de braido e da Funai, tem muitos carros e caminhões, quando Bororo tem pouquinhos [e fundindo sempre].

Criticaram o chefe de posto, pois faz panelinhas com o cacique e o vereador, não pensa em todos. [Percebo uma divisão política importante dentro da aldeia, e além disso uma tendencia de todos falar mal de todos, não encontro ninguém falando bem de alguém].

Contam a história da distribuição semanal de pinga, iniciativa muito boa do Pe. (), para educação do beber social, porque "beber é cultura entre os Bororo", você sabe, sempre se bebeu iworo, mas outro padre mudou tudo, tirou a distribuição e aí começou a bebedeira generalizada.

Paulinho, neto de Kanajó

Os Xavantes são mais grosseiros e brutos, não educados, carregam as mulheres com os trabalhos pesados, têm muitos filhos, gostam de transar muito, Boe é mais controlado no sexo. Eles tocam fogo para caçar, e aí acabam com a caça dos Bororo, pois os animais fogem, mas as crias ficam e morrem. Antes tinha medo dos Xavantes, agora tenho raiva.

Os Xavantes não gostam de mergulhar, deixam a pesca se o ançol fica enganchado, já os Bororo mergulham, gostam, e são bons nadadores. Eu tinha ouvido falar nisso, mas depois vi com meus olhos (conta um exemplo)

-&-

Frederico Kogia Tugo

Eu mesmo bebo, não vou negar, mas eu consigo me controlar; tenho a opinião que álcool não deve beber, mas muitos tem outra opinião. A água de acuri é muito boa, essa não faz mal, pode ficar tonto mas não perde o controle, não fica agressivo. Antigamente usavam antes da comida, ou pro bari invocar o espírito, mas dá muito trabalho, leva bastante tempo, 2 dias de trabalho para tirar, mais um primeiro dia para limpar o miolo e minar a água, são 3 dias; pode ficar até duas semanas minando.

Se a pessoa tem consciência, voz interior, ninguém pode contra ela: o dependente, o viciado não tem mais consciência. Dobrou a garrafa, dobrou o copo, não escutou a consciência, aí o álcool pode mais. A mim a bebida não me bebe, o meu sangue não vira álcool. O dom da Natureza (a consciência) é o que dá a diferença, mas não vou negar que o álcool é um "trem bom"!...

Antes da chacina e da delimitação, os brancos estavam aqui, misturados, aí que entrou o álcool e os feitiços deles para se vingar por causa das terras; eles achavam que os padres ajudavam, mandando os índios, mas não era não... Os índios foram e destruíram a loja do Gonçalves, cheia de álcool, aí fizeram feitiço, e feitiço de branco pode ser poderoso, por isso fez beber...

Os brancos cobiçam umas plantas que drogam, aqui já entrou droga, e quando mistura com álcool, aí vira bicho, mais do que bicho, Satanás, tem que amarrar. Sempre fui desconfiado nas comidas e nas bebidas do branco, porque tinha medo que podia ficar viciado. Eu vivi 5 anos na cidade, na casa de uma família, mas vivia desconfiado de tudo, até das comidas. Queria que eu casasse com uma filha, e me cortava o coração dizer não, mas eu não queria, então escrevi uma carta como se fosse meu pai, e falei que tinha que ir, tinha que voltar, porque ele tinha sofrido um acidente. Eles ficaram magoados, e eu tinha medo da vingança. O índio tem muito sentimento, se faz algo para índio, se aproveita da bondade, da confiança, fica marcado toda vida.

Bari bom morre cedo, bari ruim vive muito: o Celso [estava muito doente, para morrer], era muito interesseiro, invejoso, tinha aprendido feitiço com um branco, baiano, por isso está assim, com uma doença estranha, os feitiços voltando contra ele.

Eu não acreditava em feitiços, até que um bari experimentou comigo: "vou fazer uma brincadeira para vc acreditar, você tem o corpo fechado?", "Não sei". Aí eu ia andando no mato, veio uma força ni mim, não sei, "não passa em cima desse pau", arrodiei, e era uma cascavel enrolada; aí matei, taquei um pau, e depois o velho estava com a cabeça doendo, "você judiou de mim, bateu em mim"

-&-

Izanoel Sodré (indigenista)

Os Bororo choram a perda dos tempos dourados, os Bororo estão deprimidos por causa da perda da cultura, e também por isso bebem.

A través de observações pessoais percebi faltar uma geração quase completa; aí soube que teve uma época, décadas de 50 e 60 em que os Bororo tomaram uma iniciativa de suicídio do povo, usando todo tipo de anticoncepcional, abortos e infanticídios, durante 10 anos, aí depois teve as mudanças culturais e institucionais em que voltaram a encenar os rituais funerários, depois de 20 anos, mais ou menos, em que estiveram proibidos pelo SNI e a Igreja, pois pensavam ser a causa da tuberculose, altamente difundida entre eles, praticamente uma endemia.

Houve um reformador branco, um tal de Bock, que é endeusado também entre os índios Bakairi, que interveio introduzindo o chimarrão para substituir o álcool, várias aldeias ainda têm o costume. Creio que foi ele que decidiu curar diretamente a tuberculose e não proibir a cultura.

Algumas aldeias não têm tanto ócio assim como Meruri e Garças, ainda têm as estações de pesca, caça, colheita de frutas, etc.

Quando voltaram a encenar os rituais, já tinha observadores brancos, aí eles ficavam inibidos (porque tinham feito isso sempre escondidos no mato, e antes não tinha os meios de comunicação de massa), aí eles bebiam.

Eles sentem muitos sentimentos de inferioridade, quando se comparam a outras tribos, ou aos brancos, em tudo: na comunicação, na roupa, nas terras, na cultura, etc, etc; aí eles bebem para afogar isso.

Aconteceu comigo e um grupo representativo de Bororos, dois de cada aldeia, que eu levei para Brasília, e passaram muitos nervos diante dos jornalistas e dos outros índios. Tinha vários que ficavam mudos diante das perguntas, e os holofotes, deixavam eles mal. Eu cuidei o tempo todo para eles não se embebedar, tinha garantido aos organizadores, mas quando voltávamos para a casa onde estávamos hospedados, eu mesmo tive que comprar álcool, e ficaram bêbados dentro da casa, cantando, numa boa. Só os de Meruri que falaram mais, se "saíram melhor"...

As bebedeiras são por falta de autoestima, é só falar bem deles que eles não bebem. Acho muito importante o Iworo, como um antecedente para entender o alcoolismo, e a dificuldade de produzi-lo. Eu bebi bastante, e dá sono, é gostoso, doce-azedo.

-&-

Comentários da Imã Ana e do Mestre Mário Bordignon

Falam sobre o legendário Paulinho (), que ficou famoso até no exterior representando os Bororo, depois de uma cena na frente da missão, metendo medo na irmã: ele sempre reclama dos direitos dos Bororo, agora é sobre um sobrinho que não estuda, bebe, é casado, e quer ser padre!, e ele o apoia. Está sempre provocando, agora é com o argumento "Deus não existe", para que os religiosos briguem com ele, porque conhece a Bíblia. Já soltou muita agressão, uma vez veio drogado e quebrou uma máquina de costura, estava descontrolado. Quer dominar, usa todos os argumentos possíveis [e constatamos que deixou a irmã muito assustada mesmo].

Já foi líder, sermoneava, mas dava exemplo, até que formou uma turma de guerreiros e se embrenhou no mato para fazer vida nômade e tradicional. Quando voltou do mato, estavam todos bêbados, aí começou a história de desregramento: homossexualidade, drogas, etc.

Quando alguém que não bebe é nomeado chefe, aí começa a beber, aconteceu sempre. Contam um episódio dentre os cursistas da primeira turma do Tucum, os coordenadores quiseram

pôr uma regra: "Quem beber vai ser expulso", aí todos beberam juntos, não puderam fazer nada, pois teriam que expulsar a todos os cursistas.

[As **índias que trabalham na missão** escutaram isto último, e esclarecem para mim que sim, é assim mesmo, mas que não é uma decisão grupal, que um que bebe tenta o outro até fazê-lo cair, usando artimanhas, misturando com vinho, etc]

[Um **cursista índio**, reafirma a tentação que fazem os que bebem sobre os que não bebem, e que quando estes caíam, aí falavam, "tá vendo, você não pode falar mais contra nós porque você também bebe".]

-&-

Valdomiro, chefe de posto da Funai em Meruri

As mulheres se entregam para os estranhos, e até para os Bororo, seduzidas com álcool; na verdade, algumas se prostituem por álcool. O homem vem com uma garrafa, aí vão juntos para o mato, as vezes vários homens, deixam a mulher zonza, aí se aproveitam. Com o álcool os Bororo fazem o que é impossível fazer sem ele: violência, sexo, e consolo para a pobreza, uma escapada da realidade. Usam o álcool como droga, para ter coragem para fazer o que planejam. Antes eram valentes, altivos, e perderam tudo isso.

Antes os padres tinham total domínio sobre os índios, decidiam a vida deles; o que um padre pensava, eles adivinhavam antes, não precisava nem falar, era ordem. A maneira como usavam a fé, a religião, Deus, para domesticar, fez dos Bororo um povo submisso, passivo: "não brigar, se alguém lhe dá uma bofetada, ofereça o outro lado". Não tem mais personalidade, ideais, sonhos, vontade de lutar; só reclamam, só espera que os outros façam. Branco deu o que não precisava.

Se houve uma carga maior dos militares em cima dos Bororo, era porque eram um povo mais forte, mas houve um momento de submissão, e a proibição dos rituais e do idioma só foi possível com um povo submisso. Bororo é cordeiro, não um leão domesticado. Depois da submissão, e pela educação que recebeu, ficou com medo de errar. Mas se a gente tirar a missão, Bororo morre de tristeza.

Os caciques começam a beber pela facilidade da relação com os valores, o dinheiro, e o público. Mas agora (ano 2000) está melhor que 5 anos atrás, que os índios tomavam álcool puro. Nós permitimos a venda de pinga aqui na aldeia porque pensamos que é muito melhor para a saúde que o álcool puro que eles compravam antes na cidade. Agora estamos tendo as consequências de saúde: muita hipertensão, problemas da visão, como a perda precoce, ou falta de boa visão.

A nossa iniciativa da roça no Boquirão não está dando certo num aspecto: um dos objetivos era dispersar, que não ficasse todo mundo junto o tempo todo, daí as fofocas, etc; mas não adianta distribuir em localidades diferentes dentro da mesma reserva, pois eles voltam para casa sem esperar o fim de semana, a volta coletiva: estão acostumados com a TV, a eletricidade, o convívio com a família, a igreja.

[Você exerce o papel de um líder dentro da comunidade...] Sim, mas eu não quero assumir de vez esse papel, é muito pesado para mim, porque quando aparecem os problemas, aí também o líder é o primeiro culpado. [É possível a autonomia?] Creio que sim, mas é muito difícil, especialmente pela colonização pela missão: os Bororo foram domesticados para ser administrados, não para administrar. Se você manda fazer, eles obedecem corretamente, mas se deixa eles tomarem as iniciativas, não tem jeito, não planejam nem um mês. Antes tinha caça, pesca e colheita muito abundantes, não havia necessidade de guardar, planejar, armazenar. E hoje é terrível viver sem saber se vai ter amanhã: frustração, angustia, depressão, ôcio: hoje quero estar bem, então bebo para esquecer essas angústias.

Eu vejo que os Bororo têm atualmente uma atitude com a missão igual àquela passagem da Bíblia onde conta a libertação do povo judeu da escravidão no Egito: já no deserto, a caminho da terra prometida, os suprimentos vieram a terminar, então os judeus começaram a reclamar contra Deus e Moises: "Era melhor a gente ter morrido no Egito comendo carne, do que morrer de fome livre no deserto". Os Bororo se libertaram da dependência, não há mais necessidade da dependência, mas eles olham saudosísticos para o passado, não querem sair da dependência. Haveria agora um momento especial, poderíamos escrever a própria história.

-&-

Cleonice e Cecílio, enfermeiros Bororo da Casa de Saúde do Índio (Chácara) da Funai, de Cuiabá.

O paternalismo do SPI, do próprio Rondon, e depois da Funai, foi muito exagerado, desvairado: máquinas enormes, tratores gigantescos, em todas as tribos, que nunca usaram; gado, aves, frangos, que jamais criaram, só comiam os animais, assim como comiam os tubérculos, não deixavam crescer outras mudas. Isso tudo criou uma dependência, acomodação e exigência muito grandes. Aconteceu em 1987, mais ou menos, acabou a política assistencialista de fornecimento, por falta de verbas, aí começou a confusão dos índios com a Funai. E a aposentadoria, de 70 para cá, acabou com os índios!, ninguém mais quer trabalhar...

[Que problemas de saúde vcs percebem mais freqüente entre os Bororo ?] "Doença de cabeça", "dor dos índios", que é uma dor de cabeça crônico e psicológico, já vão pedindo: "quero um AS"; desmaio histérico, nas mulheres de 35 a 50 anos, por vários tipos de problemas de relacionamento, por exemplo os filhos adultos batem na mãe. Os casos leves, até conjuntivites, pressionam, pressionam, até ser internados por causa da comida e dos bons tratos.

Consomem muita água com açúcar: em uma semana, um fardo, 15 pacotes de 2 kilos, chamam de "água doce", pobo beto, e é para recuperar a força depois das bebedeiras. Sofrem muita falta de alimento, às vezes não plantou, perdeu a noção de época, chuva, às vezes não acha bicho, às vezes tem época de fartura. Se bebe muito, perde a noção de família, plantar, etc. Comentário comum é "ele só quer saber de beber, não come". Antes tinha mais côco, fruta, raízes, tubérculos, mel, e iam mais atrás; hoje não vão mais atrás, só café, arroz, só querem comprar... com o dinheiro das aposentadorias!, e quase toda família tem um aposentado...

Fazem gozação com respeito do sexo, para mexer com quem não bebe, se forma um círculo, todos tem que fazer igual aos outros, os que bebem têm "mais dinamismo" entre eles, "tem que fumar", "tem que beber", "se não você não é homem".

As mulheres Bororo fumam muito. Na verdade todos eles gostam de fumo extra-forte, "porque fumo de índio é mais fraco, só cheiroso. Gostam mais da marca do mate mais forte ("80 é muito fraco"), por exemplo de Mate Xeré e Santo Antônio, que são ervas mates, quanto mais amargo melhor, preferem a erva mate ao mate queimado. Agora se passou um pouquinho do sal, não gostam, rejeitam, não comem mais, com o sal é o contrario... e com pimenta também não gostam, nada temperado.

Lembram que uma ocasião estavam preparando uma água doce, um panelão imenso, e ficou fraco, meio fraco de açúcar, aí a madrinha fez o comentário: "o padrinho quando toma água, tem que ser água pura, e quando quer doce, tem que ser doce mesmo"

"Rore rorakare"= fragancias fortes, como o urucu, a fruta do conde, a resina da madeira, que pasam pelo corpo; agora, o contrário também existe, fazem gozação com "fedorento", assim falam dos negros, e também do cheiro da onça viva quanto da sua carniça, jaguatirica, sucuri, etc.

Quando conjuga gostos que eles gostam, aí pedem para que um predomine, não gostam de gostos misturados. Eles não conjugam mais nada, carne + bijou, arroz + feijão, antes só arroz, hoje já sim. Banana com mel também, rejeitam a mistura, e preferem um mel mais suave.

Todos os índios cantavam antes, rodas todas as noites, independentes dos horários, na entrada ou na saída da noite: precisam liberar alegria, porque perderam a tradição, perderam os objetivos de vida, as perspectivas.

Todos os Bororo têm hipersensibilidade para captar os maus tratos. São alegres, receptivos, meigos, como os índios Miki eram alegres, mas guardam as ofensas por anos e anos; tem que responder, desabafar, aí passa, esquece, mas geralmente recua, recolhe, e só com álcool tem coragem para revidar. São sensíveis a qualquer tipo de rejeição, especialmente às formas de rejeição falsas, fingidas: a pacificação toda foi uma coisa fingida, falsa...

-&-

Antônio Kanajó

Fulano, que é meu afilhado, sempre traz coisas, manda um agrado, uma comida; mengano (ambos salesianos) não, nunca me dá coisas, esquece de mim; o fulano tem dó de mim, ele demonstra isso, o mengano não tem dó.

Mestre Mário não despediu de mim [estava mudando para morar em Cuiabá], só falou que ia, mas não passou por aqui para despedir, porque sabe que eu fico triste, chooro...!

Quando eu vim de Córrego Grande, vi uma fila que chegava numa janela, "para que é isso?", "Faz a fila!", aí cheguei na janela e me deram um copo com algo, aí eu cheirei... pinga!..., e eu que vinha de Córrego Grande por causa disso!...(para fugir da pinga, ri muito).

Álcool quando é dado é bom, agrado também, agora quando sai a buscar, compra, aí não é bom, fica briguento, quebra coisas, briga com a mulher, larga a família. (Cita dois casos bem próximos em que o homem largou a família, foi embora, por causa do álcool, e mostra compaixão pelas crianças, que estão brincando perto de nós, filhos daqueles).

Antigamente o homem brigava as vezes, pouco, só por causa de ciúme, mas depois brigou muito por qualquer coisa, por causa do álcool.

-&-

Benedito Tuakebou, da aldeia Perigara

Minha mãe não queria que eu bebesse nem fumasse, meu pai foi morto, e ela cuidava mais de nós. Quando comecei a beber álcool era bem jovem, e o gosto era ruim, queimava; era um velho que me dava, [Por que Você bebe?]. Por divertimento ! Dá vontade de ficar brincando, conversando com todo mundo !. . .

Perigara bebe menos que Tadarimana, lá não é direto como aqui, porque aqui é perto da cidade.

Sem álcool os velhos não ensinam, mas quando bebem, solta a língua, cantam e passam ensino. Eu me queixo, porque tinha um velho que passava a tradição para mim, e já não passa mais!! , não sei por que... ele sabia cantar muito bem, antes, cantava com muito gosto, extravazava, e a mulherada gostava...! mas agora é mão fechada, só insistindo muito, muito esforço... Há muito segredo para aprender, muita história, bakáru; antes os velhos queriam ensinar, acordavam às 3 ou 4 horas da manhã, tomavam cimarrão e acordavam a pessoa que escolhiam para ensinar, mas agora não tem mais ninguém, já acabou, só embebedando os velhos com muito esforço.

O pai de meu tio passou para nós que os índios Bororo (de antigamente) eram muito revoltados, muito bravos !... Que branco para amansar, deixava coisas no caminho, se interessava, levava. Aí teve um que deixou uma lata de querosene com álcool; um bororo provou e bebeu, ficou alegre, cantava, brincava. Outro perguntou: "Esse troço é bom?", "Ah, pode beber!...". Antigamente

Bororo foi amansado com bebida alcoólica porque era muito bravo ! Eram muito revoltosos porque atacavam muito o índio... Os índios (Bororo) se entregaram eles mesmos... Mas índio bravo era amansado acostumando com a pessoa que dá comida, dá coisas que eles querem, aí fica calmo...

Eu ouvi uma história onde vários índios Bororo foram amansar outros índios (de outra tribo): deram machado, facão, açúcar, álcool, ficaram por perto até que acostumou, fizeram igual tinham feito com eles.

Eles não gostavam que índio seja adiantado... A professora na escola usava o método de ajoelhar no milho...mas não queria que falasse bem o português (conta manobras para atrasar o bom aluno)...O chefe de posto (do S.P.I.), Flávio de Abreu, não deixava fazer funeral, batia, fazia arrancar....., mandava bater se índio estava parado, mandava trabalhar; se desobedecia batia muito forte... Eu mesmo apanhei por causa de uma mentira, alcagüeteria dos outros... Era proibido vir do Perigara para Cuiabá, os índios não sabiam por que, e as ordens de transferência de índio da aldeia para a cidade eram sem explicação.

-&-

Mara Rúbia Enoré, enfermeira Paresi, Unidade de Saúde da Funai de Cuiabá.

Eu fui casada com Bororo muito tempo, tenho filhos com ele, e morei em aldeias Bororo trabalhando para a Funai, especialmente em Perigara, e posso afirmar que os Bororo são maravilhosos, só mudam quando aparece bebida alcoólica; quando o barco sobe, aí tem uma semana de bebedeira, eles têm atração pelo álcool.

Ficam pedindo a Deus para que a barca passe, e de brincadeira, quando alguém de nós saía para a cidade, ficavam pedindo: "Traz uma garrafa de kudua para nós!!" eles não tem representações negativas sobre o álcool, as que reclamam mais são as mulheres, por causa da violência e desligamento dos maridos, mas elas bebem também...!

Quando tem festa, comemoração, o que aparece é a chicha. Fazem chicha de milho, de açaí, de buriti, de genipapo, de mandioca, e de palmito de acuri. A chicha é o mesmo que uma champanha, fica tonto mas não fica violento.

Bebem todos juntos, faz roda, cantam a noite toda, ficam alegres, estão mais unidos. Fazem rodas grandes, sentam à beira do fogo.

São muito alegres, é o normal deles; a chicha aumenta a alegria, dá força para agüentar mais tempo. Eu escutava desde o posto da FUNAI eles cantar a noite toda, os velhos puxam mais. Normalmente os velhos ficam trancados; com a chicha se soltam, aí todos o acompanham.

A preparação da chicha leva três a quatro dias: socam (já não cospem mais, é mais rápido), separam, lavam, deixam de molho; com uma semana antes da festa do kaité -quando vão caçar e pescar-, começam a preparar.

Quem prepara são as mulheres, a mulher mais velha é a que distribui; os homens ficam esperando, caçando. Consomem tudo. Os velhos, os homens e as mulheres ficam cantando a noite toda, até o sol ficar alto, só as crianças que dormem. A chicha ajuda a ficar alegre, não dá sono !

Quando usa álcool, não lembra o que faz durante a noite: gritos, machucado, se rasgou com a faca, paulada, fica roxo, quebram as portas. Com chicha lembram tudo.

Os Bororo são (e devem ser por obrigação) muito unidos com a família, se não agradou, está excluído; cada clã tem rixa, política, grupinhos afastados, guardam coisas do passado. Você tem que tratar a todos iguais, se não.... Se Você dá mais atenção a alguns, aí... Ou dá para todos ou não dá para ninguém. Eu tinha que ir na casa de TODOS; se ficava alguém sem visitar, aí reclamava no dia seguinte. Se alguém queria uma coisa (tinha que dar uma coisa em troca), aí todos querem.

Eles têm ânsia do que você tem, invejam roupas coloridas, especialmente vermelho, amarelo; o vermelho é uma cor que atrai muito eles, pelo urucum.

Os Bororo não têm tanto problema de desnutrição como as outras tribos; pode ser que haja uma realidade diferenciada entre aldeias, mas no pantanal tiram muita coisa do mato. Tal vez em Garças e Meruri haja desnutrição...

Eles acreditam em espírito dos antepassados, tem medo, as vezes chegam a adoecer: "está com espírito", "encarnou nele o espírito do antepassado", "vem para castigar porque ele fez algo de errado", "contrariou o próprio espírito", por exemplo ficar com a mulher de outro, e pode chegar a morrer nesse estado.

E se está magoado um por outro, se fica doente, aí fica pensando "foi fulano que fez ficar doente", para se vingar...